

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Camila Angelina Santos Silva

Entrevista:
Uma possibilidade criativa e de interpretação no Jornalismo impresso brasileiro

Juiz de Fora
Dezembro de 2008

Camila Angelina Santos Silva

Entrevista:

Uma possibilidade criativa e de interpretação no Jornalismo impresso brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Comunicação Social na
Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Profa. Ms. Teresa Cristina da
Costa Neves

Juiz de Fora
Dezembro de 2008

Camila Angelina Santos Silva

Entrevista:

Uma possibilidade criativa e de interpretação no Jornalismo impresso brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Profa. Ms. Teresa Cristina da Costa Neves

Trabalho de Conclusão de curso aprovado
em 26/11/2008 pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Ms. Teresa Cristina da Costa Neves (UFJF) – Orientadora

Profa. Dra. Diana Paula de Souza (UFJF) – Convidada

Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF) – Convidada

Conceito obtido: _____

Juiz de Fora
Dezembro de 2008

À *mamãe Marli*, por me revelar os segredos da felicidade através de palavras, ações ou simplesmente do olhar. Por acreditar em meu talento, chorar minhas tristezas e sorrir minhas vitórias. Por, mais do que ter me presenteado com a vida, me brindar todos os dias com sua sabedoria e amor inesgotáveis. À ela, que me ensinou sobre o tesouro valioso que espera por cada um de nós e sobre a necessidade de suportar algumas larvas para conhecer as borboletas, dedico não apenas esta conquista, mas todo o futuro que começa a partir de agora.

Assim como o desenvolvimento de uma boa Entrevista, a realização deste trabalho exigiu, acima de tudo, intensas *relações de confiança*. Sem elas, teria sido impossível chegar até aqui...

Agradeço ao tio Hely por *confiar em minha capacidade de vencer obstáculos*, não poupando esforços para a concretização desta jornada através do patrocínio de revistas e de livros.

A cada um de meus muitos amigos, pela *confiança em minha determinação e sinceridade*, mantendo-se ao meu lado não apenas nos momentos de distração, mas, principalmente, naqueles de aprendizados. À Karla (filha-mãe) e à Lili (amiga-irmã), em especial, por acompanharem de perto esta difícil reta final sem deixarem com que eu desanimasse, sempre acreditando e torcendo por minha melhora e meu sucesso.

À professora Teresa Neves agradeço a *confiança em meu trabalho*, contribuindo para seu aprimoramento com dedicação, apreço e amizade.

Enfim, agradeço a Deus por me *confiar* pessoas tão especiais e por me permitir a descoberta da Entrevista, motivação desta inesquecível etapa de minha vida.

“Só podemos desenvolver afeição pelas coisas com as quais nos identificamos – coisas sobre as quais podemos projetar nossa própria identidade e nas quais podemos investir tanto cuidado e dedicação que elas se tornam parte de nós mesmos, absorvidas pelo próprio mundo pessoal.”

Herman Hertzberger

RESUMO

O presente trabalho investiga o uso da Entrevista jornalística como gênero criativo capaz de propiciar a ampliação dos fatos noticiados. Diante da atual e cada vez mais freqüente exploração da modalidade interpretativa pelos veículos de comunicação impressos, o objetivo é resgatar a importância do diálogo com as fontes para a reunião de argumentos e de informações sobre um acontecimento, para o esclarecimento de questões polêmicas e até mesmo para despertar a consciência dos leitores. Para isso, parte-se das conceituações de Entrevista e de suas principais características, suas origens e seu percurso na imprensa brasileira. Também são identificados os mecanismos que podem interferir no momento de realização da Entrevista, bem como em sua redação. O estudo apresenta, ainda, marcos de sua disseminação no país bem como análises de Entrevistas marcantes, que contribuíram para mudanças no rumo da história recente do Brasil. A meta é revelar sua potencialidade no âmbito do Jornalismo impresso, sendo capaz inclusive de contribuir para sua sobrevivência na era da informação tecnológica.

Palavras-chave: Entrevista jornalística. Jornalismo impresso. Jornalismo interpretativo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 AS MODALIDADES JORNALÍSTICAS	11
2.1 OPINIÃO, INFORMAÇÃO E INTERPRETAÇÃO	12
2.1.1 Opinião	14
2.1.2 Informação	16
2.1.3 Interpretação	19
2.2 A INTERPRETAÇÃO NA IMPRENSA	21
3 GÊNERO ENTREVISTA	27
3.1 ORIGENS, DEFINIÇÕES E CARACTERIZAÇÕES	28
3.1.1 A experiência brasileira	33
3.1.2 Variações	39
3.1.3 Cuidados e estratégias	41
3.1.4 Participação do entrevistado e do entrevistador	44
3.2 INTERPRETAÇÃO PELO DIÁLOGO	47
4 ESTUDOS DE CASOS	52
4.1 CAZUZA NA REVISTA VEJA	53
4.2 PEDRO COLLOR NA REVISTA VEJA	58
4.3 ROBERTO JEFFERSON NO JORNAL FOLHA DE S.PAULO	63
5 CONCLUSÃO	66
6 REFERÊNCIAS	70
7 ANEXOS	72

1 INTRODUÇÃO

Um conteúdo jornalístico de qualidade começa a ser definido a partir de uma boa apuração. É ela quem irá municiar o repórter de todo tipo de informação relativa a um acontecimento, garantindo a produção de um texto ao mesmo tempo abrangente e objetivo. No Jornalismo contemporâneo, entretanto, a necessidade de divulgação cada vez mais veloz vem forçando a realização de apurações superficiais, baseadas em textos originários de assessorias e até mesmo em notícias já veiculadas na mídia. Sem tempo de conferir os dados junto às fontes de informação, o repórter acaba produzindo um conteúdo repetitivo, sem emoção e com pouca atratividade.

A Entrevista, mesmo que simples e resumida a poucas perguntas, ainda é um dos mais eficazes instrumentos jornalísticos para a obtenção de informações ou para a aquisição de opiniões acerca de um acontecimento. Nos casos em que é utilizada como gênero jornalístico, pode garantir maior credibilidade ao veículo, já que se constrói a partir de declarações que ganham destaque na reportagem, contribuindo para o esclarecimento dos fatos e para o despertar da consciência dos leitores.

Essas constatações, além da observação de que a Entrevista jornalística talvez não seja suficientemente explorada no ambiente acadêmico, foram motivadoras deste estudo, que se dedica a descobrir suas possibilidades criativas. Sua utilização como gênero pelos veículos impressos tem demonstrado sua capacidade de aprofundamento e de identificação, elementos que se revelam fundamentais quando se trata da competição com outros veículos, como a TV e a internet.

Criando um espaço de interação social, a Entrevista, concebida como diálogo, pode ser útil para a produção de conteúdos capazes de motivar seus leitores, fazendo com que criem opiniões e idéias acerca de determinado acontecimento. Sua importância para o Jornalismo contemporâneo pode, assim, ser confirmada: além de informar, a Entrevista

cumpra a função de explanação e de ampliação dos fatos, característica da modalidade interpretativa. Desta forma, pode acarretar repercussões históricas ou contribuir para a solução de questões polêmicas. No que diz respeito aos leitores, a Entrevista pode invocar uma tomada de consciência e de atitude ante os problemas de uma época.

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado ao conhecimento das três principais modalidades jornalísticas aceitas e exploradas no contexto brasileiro: opinião, informação e interpretação. São definidas as principais características de cada uma delas, bem como seus momentos marcantes. Também são discutidos os motivos que vêm fazendo com que a imprensa siga os rumos da modalidade interpretativa.

A descrição das origens, definições e caracterizações do gênero Entrevista compõem o segundo capítulo. Além de uma breve cronologia histórica, traçada desde sua consagração no Jornalismo norte-americano até sua incorporação na atividade jornalística brasileira, são apresentadas estratégias para a realização da conversa e para o relacionamento com as fontes.

Reafirmando a tese de que para entender a Entrevista é preciso, acima de tudo, pensá-la, a parte final do capítulo propõe reflexões acerca de seu uso no contexto jornalístico atual. A idéia é que, estruturada a partir do diálogo sincero firmado entre entrevistado e entrevistador, a Entrevista possa ser concebida como gênero criativo que se coloque como diferencial entre dois ou mais jornais. Diante do reconhecimento da veracidade da conversa, ao leitor caberá assumir sua própria opinião.

No capítulo final, são analisadas três Entrevistas marcantes no cenário jornalístico brasileiro, consagradas graças à reunião de fatores como a relevância do assunto abordado, a boa percepção do repórter e a confiança da fonte no entrevistador. A escolha das Entrevistas obedeceu aos critérios de abrangência do veículo no qual foram divulgadas, do caráter de novidade no tratamento das informações e da repercussão ocasionada entre os leitores.

Todas elas foram publicadas por veículos impressos de grande relevância no cenário nacional – as duas primeiras na revista **Veja** e a última no jornal **Folha de S. Paulo** – o que contribuiu para suas disseminações. Pode-se dizer que as Entrevistas escolhidas romperam a barreira do tempo, ocasionando mudanças no contexto político, econômico ou cultural do país.

2 AS MODALIDADES JORNALÍSTICAS

Seguindo as necessidades de sua natureza e sua vida comunitária, o homem descobriu a importância da informação. Já na era primitiva, os relatos de fatos e idéias eram trocados sistematicamente de forma direta ou através de sinais luminosos e inscrições rupestres, embora de modo bastante rudimentar. O interesse em saber o que se passava pelo mundo gerou a consagração da informação, que se tornou um bem social e passou a acompanhar o homem em seu desenvolvimento econômico, social e tecnológico.

Para José Marques de Melo (1985, p. 11), “informar e informar-se constituiu o requisito básico da sociabilidade.” Por isso o autor não deixa de destacar as contribuições das primeiras manifestações informativas, ainda com caráter oficial, reproduzidas graças à criação dos tipos móveis por Gutenberg, no século XV. Surgia ali o embrião da imprensa atual que contribuiu para a aceleração do processo civilizatório, consagrando a busca pela compreensão e participação nos acontecimentos da atualidade.

Mas, afinal, como a simples troca de informações assume o caráter de atividade jornalística tal qual conhecemos hoje? O Jornalismo surge diante da reunião de características fundamentais: o compromisso com o público, a abordagem de assuntos com o caráter de novidade e de interesse coletivo e a periodicidade, configurada pelo fluxo permanente de notícias. José Marques de Melo (1985, p. 10) escreve que:

[...] o jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais e ideológicos).

Por ser um produto da percepção humana da realidade, que está em constante mutação, o Jornalismo sofreu e ainda deverá sofrer fortes modificações. Seu caminho é determinado pelas exigências do homem, que é inconstante e imprevisível. Acompanhando o curso desta história, é possível identificar modalidades ou categorias jornalísticas que

compartimentam as produções segundo os principais objetivos e tratamentos dados a elas. Essas divisões são úteis tanto para nortear os receptores, no que diz respeito às possíveis angulações dadas aos fatos, quanto para descrever as tendências do Jornalismo.

Em todo o mundo, a divisão adotada busca englobar os diferentes conteúdos produzidos, entretanto, ainda existem divergências sobre qual seria a mais exata. No Brasil, pesquisadores também propõem classificações. Luiz Beltrão (1969), influenciado pelo modelo mais difundido nos Estados Unidos, destaca a variabilidade de tendências que se conjugam na imprensa brasileira contemporânea em três modalidades: opinativa, interpretativa e informativa. O mesmo esquema é defendido, alguns anos mais tarde, por Cremilda Medina (1978).

Seguindo outra vertente e questionando algumas premissas adotadas por Beltrão e Medina, José Marques de Melo (1985) propõe a divisão do Jornalismo contemporâneo brasileiro em dois grandes grupos: informativo e opinativo, defendendo a idéia de que a modalidade interpretativa está subentendida no grupo informativo, devido a sua obrigação de mostrar os fatos da forma mais completa possível.

Para o desenvolvimento deste trabalho será adotada a divisão compartilhada por Medina e Beltrão, uma vez que tem particular interesse para este estudo a modalidade interpretativa.

2.1 OPINIÃO, INFORMAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Antes de definir e caracterizar as modalidades convém destacar sua coexistência no cenário do Jornalismo contemporâneo. Uma após outra surge, graças à profissionalização e organização do Jornalismo, diante de contextos específicos. Aos poucos, adquirem características próprias, segundo as transformações tecnológicas e as movimentações

humanas, que determinam a construção da mensagem jornalística. Os textos de caráter opinativo recebem as classificações de editoriais, crônicas, artigos; as notícias são atribuídas à modalidade informativa e ao texto interpretativo é dado o nome de reportagem.

Cada gênero passou a ter sua valorização específica. A notícia ganhou formato de indagação imparcial sobre os fatos, condensando no lead tudo o que era preciso para prender a atenção do leitor interessado na informação. A reportagem mais profunda procurava interpretar a realidade consultando especialistas nos assuntos tratados e esclarecendo as origens, as circunstâncias e as conseqüências do fato. O opinativo ganhou a página dois para o editorial da empresa, além de artigos assinados. (CAMPO, 2008).

Desta forma, não é impossível que existam juntas, em maior ou menor expressão, de acordo com o veículo que as utiliza. Segundo José Marques de Melo (1985), cada modalidade apresenta suas próprias peculiaridades, variando ainda de acordo com a estrutura sócio-cultural, que serão as responsáveis por conquistar a atenção e manter informada a coletividade. O autor ressalta que narrar e expressar as idéias segundo os padrões definidos como Jornalismo opinativo, informativo ou interpretativo não significa, porém, alteração na forma do processo interativo como é concebido.

[...] admitir a convivência de categorias que correspondem a modalidades de relato dos fatos e das idéias no espaço jornalístico não significa absolutamente desconhecer que o jornalismo continua a ser um processo social dotado de profundas implicações políticas, onde a expressão ideológica assume caráter determinante. Cada processo jornalístico tem sua dimensão ideológica própria, independentemente do artifício jornalístico utilizado. (MELO, 1985, p. 16).

Em qualquer uma das modalidades a conexão entre a realidade social e cultural não deve ser perdida, mantendo-se, assim, a fórmula essencial do Jornalismo. Todo processo de criação pressupõe a observação dos fatos, o interesse do público em conhecê-los e uma intenção por parte de quem produz o conteúdo jornalístico, seja ele notícia, reportagem ou artigo.

A coexistência é, então, justificada: cada modalidade cumpre parte das funções do Jornalismo, ocupando espaços diferenciados. Ao mesmo tempo em que se adaptam às exigências sociais, juntas contribuem para a manutenção da atividade jornalística em um cenário marcado pela ilimitada evolução tecnológica.

2.1.1 Opinião

Modo de ver, pensar, deliberar. Parecer, conceito. Idéia, princípio. (FERREIRA, 1993, p. 393).

Em seus primeiros passos, a imprensa constituía-se, essencialmente, em um instrumento de promoção da unidade e da continuidade do Estado. As notícias eram produzidas segundo a verdade e os interesses específicos dos poderes vigentes, e a população, em sua maioria considerada incapaz de refletir, atuava como coadjuvante no processo comunicativo. Entretanto, o despontar da burguesia como classe dominante efetuou mudanças significativas neste cenário. A difusão dos ideais burgueses, iniciada pela Revolução Francesa, no final do século XVIII, incentivou a luta pelo direito à informação e a abolição da censura prévia.

Nascia assim o autêntico Jornalismo, considerado “filho legítimo da Revolução Francesa”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 10). A época é marcada pelas notícias de caráter político e ideológico e pela expressão da opinião, como pontua Cremilda Medina (1978, p. 60): “[...] com a evolução da fase colonial para a fase revolucionária, que culmina em 1789, a informação é dimensionada pela importância político liberal, há mais interesse em formar opiniões do que em noticiar.”

O público buscava produções que o sugerissem como pensar e se posicionar diante daquele contexto de intensas mudanças econômicas e culturais. Assim, os jornais deixavam em segundo plano os fins econômicos e primavam pela abordagem de fatos que diziam respeito à sociedade e a escândalos políticos, em tom retórico e nitidamente pedagógico.

Embora com atraso notável, a imprensa brasileira seguiu a tendência internacional, fortalecendo-se a partir do caráter panfletário. Destacam-se, por exemplo,

publicações como **Correio do Rio de Janeiro**, de João Soares Lisboa; **Sentinela da Liberdade**, de Cipriano Barata e **A Malagueta**, de Luís Augusto May.

Do seu surgimento até 1880, a imprensa brasileira é caracterizada pelo engajamento nas lutas políticas e questões sociais da época como a abolição da escravatura, a Independência, o desgaste da Monarquia e a Proclamação da República. Os jornalistas polemizam, sendo eles exaltados, moderados ou conservadores. É uma época de atentados, prisões, deportações e perseguições. (CRONOLOGIA..., 2008).

O período sinaliza ainda a profissionalização do jornal, como observa Marcondes Filho (2002, p. 11-12):

[...] surge a redação como um setor específico, o diretor torna-se uma instância diferente da do editor, impõe-se o artigo de fundo e autonomia redacional. Com o tempo, o jornalismo vai deixando de ser um instrumento dos políticos para ser uma força política autônoma.

Ainda pelos idos de 1880, eram constituídos os chamados Jornais de Família que, a partir de um interesse compartilhado, buscavam convencer o público sobre determinado ponto de vista. A imprensa partidária reunia jornalistas políticos que faziam do jornal o seu espaço de divulgação de idéias. “O jornalismo é exercido por cada grupo organizado, interessado em defender pontos de vista, fortalecer e persuadir os demais de sua certeza”, destaca Luiz Beltrão (1980, p. 22).

Entretanto, o período de mudanças iniciado pelas Revoluções Burguesas foi apenas o pontapé inicial para uma série de transformações da atividade jornalística observadas até os dias de hoje. Isso porque o Jornalismo nutre-se do efêmero, provisório e circunstancial.

A própria atitude do público mudaria: insatisfações novas que não era conveniente deixar prosperar; o desejo de acumular conhecimentos e, através deles, dominar uma realidade que se modificava sem coerência visível. A reiteração ideológica teria que ser feita por outros meios e estes foram supridos por novas formas de produção da informação. (LAGE, 1979, p. 24).

A opinião chega a perder espaço, até distanciando-se do conceito de Jornalismo. Aos poucos, entretanto, se adapta e ganha lugar nas publicações em todo o mundo, apesar da prevalência da chamada imprensa informativa.

Desde o momento em que a imprensa deixou de ser empreendimento individual e se tornou instituição, assumindo o caráter de organização complexa, que conta com equipes de assalariados e colaboradores, a expressão da opinião fragmentou-se seguindo tendências diversas e até mesmo conflitantes. (MELO, 1985, p. 77).

Os veículos de comunicação passaram, em sua maioria, a destinar espaços fixos para os chamados gêneros opinativos, obrigando os jornalistas a adquirirem instrumentos técnicos e a reforçarem os conteúdos para a produção desses textos. Ao mesmo tempo, o público exige que as idéias divulgadas sejam embasadas em proposições consistentes e não apenas em meros “achismos” do emissor. Reconhecendo seu potencial interpretador, reclama sua participação no processo comunicativo como indivíduo pensante.

Opina-se, então, nos editoriais, nas colunas, nas crônicas, nos artigos, nas cartas dos leitores e, também, no modo de apresentar a matéria, no corte de uma foto, no destaque escolhido para cada parte da matéria, afinal, emitem-se opiniões de mil e uma maneiras. (CAMPO, 2008).

Cada um dos gêneros opinativos possui identidade própria no contexto do Jornalismo brasileiro, de acordo com quatro núcleos principais: empresa, jornalista, colaborador e leitor. A opinião da empresa aparece oficialmente no editorial; a do jornalista pode ser expressa através do comentário, resenha, coluna, crônica ou artigo. O colaborador, aquele que escreve para o jornal em busca de maior participação na vida pública, interfere no processo por meio de artigos. A opinião do leitor é valorizada nos espaços destinados às cartas.

2.1.2 Informação

Ato ou efeito de informar(-se); informe. Dados sobre alguém ou algo. Conhecimento extraído dos dados. Resumo dos dados. (FERREIRA, 1993, p. 306).

Em meados do século XIX, o Jornalismo de caráter político-literário entra em declínio. O período é marcado pela mecanização do processo de produção dos jornais, a multiplicação da tiragem e a elevação dos padrões de circulação. A velocidade das inovações tecnológicas e culturais passa a requerer uma atividade jornalística dinâmica, que englobe muito mais do que posicionamentos sobre os fatos. Os elementos influenciadores dessa nova demanda também podem ser observados no Brasil:

No final do século XIX e início do século XX a imprensa brasileira passa por grandes transformações que refletem as ocorridas com a sociedade na época, causadas pela recente industrialização e pelo estabelecimento do trabalho assalariado. É marcada por investimentos, renovação do parque gráfico e maior consumo de papel, que dão ao jornal uma dimensão de empresa. A tipografia perde o seu caráter artesanal para entrar numa linha de produção que exige aparelhamento técnico e manipulação competente. (CRONOLOGIA..., 2008).

Em sintonia com os ideais capitalistas, o romantismo da primeira fase do Jornalismo é substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros. Para acompanhar o ritmo das mudanças, as empresas em que se transformam os jornais passam a depender da capacidade financeira de auto-sustentação. A notícia se transforma em produto que precisa ser bem trabalhado para ser aceito.

A grande mudança que se realiza nesse tipo de atividade noticiosa é a inversão da importância e da preocupação quanto ao caráter de sua mercadoria: seu *valor de troca* – venda de espaços publicitários para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica – passa a ser prioritário em relação ao seu *valor de uso*, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 13-14, grifo do autor).

Além da inclusão do capital na produção jornalística, outros fatores foram decisivos para a mentalidade nascente. Cremilda Medina (1978, p. 61-62) afirma que “o impacto de uma Guerra Mundial e a invenção do rádio vieram abrir espaço para um novo conteúdo jornalístico atual, universal e com significação referida a uma massa em formação.” Desta forma, a responsabilidade dos jornalistas deixa de ser simplesmente a de influenciar os homens para assegurar-lhes a informação.

Surgem os elementos que caracterizam a imprensa informativa: a busca da notícia, o “furo”, o caráter de atualidade e a aparência de neutralidade. Entretanto, o surto de desenvolvimento e a explosão das tiragens inauguram um período de lutas pela conquista do público a qualquer preço e modificam os objetivos cruciais do Jornalismo. “A realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser.” (LAGE, 2001, p. 15). Expandia-se o chamado *Yellow Journalism*¹, nos Estados Unidos, ou Imprensa

¹ Forma segundo a qual se convencionou chamar os veículos de comunicação sensacionalistas que buscam, a todo custo, aumentar a vendagem de seus produtos através da abordagem de temas chocantes, como crimes e atos violentos.

Marrom, mais tarde no Brasil, de caráter estritamente apelativo e emocional, abordando temas que seduzissem o público.

A comunicação jornalística, dos fins da fase moderna até a década 50 do nosso século, se dirigia, sobretudo, ao homem a-culto. Industrializado, o jornalismo cederia às pressões políticas e econômicas dos seus grupos mantenedores e extinguiu praticamente a opinião e o panfleto, tornando-se informativo-superficial e sensacionalista. (BELTRÃO, 1980, p. 40).

O sensacionalismo avançou tanto que acabou colocando em cheque a credibilidade de inúmeros jornais, principalmente nos Estados Unidos, no final do século XIX. Por isso, os norte-americanos iniciaram uma corrente que pregava objetividade e clareza dos fatos relatados. Segundo Luiz Beltrão (1980, p. 26):

Ser objetivo é apegar-se ao acontecimento, esmiuçá-lo, narrá-lo de modo a que nenhum aspecto importante seja sonegado ao conhecimento do receptor, pois assim a exposição será igualmente valiosa para quantos necessitem utilizar a informação.

Além disso, estabeleceu-se que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes, que os testemunhos dos fatos deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima da realidade e que a relação com as fontes deveria ser mantida, exclusivamente, no âmbito da troca de informações. “Deflagrou-se uma campanha permanente contra a linguagem retórica e destacou-se a importância da ética como fator de regulação da linguagem jornalística.” (LAGE, 2001, p. 19).

Outras modificações contribuíram para a construção da notícia – gênero de expressão da modalidade informativa – em sua forma moderna. A descrição dos fatos em seqüência atemporal, valorizando os detalhes mais importantes de um fato (modelo da pirâmide invertida), o uso do *lead*², o aprimoramento das manchetes e dos títulos. O estilo de produção tornou-se mais claro e conciso para atrair o público e restaurar a credibilidade do

² Primeiro parágrafo de uma notícia onde devem estar contidos os elementos principais do fato. É esperado que o *lead* responda às seis perguntas clássicas do Jornalismo: O que, Quem, Onde, Como, Quando e Por que.

jornal. A informação passou a ocupar, então, espaço privilegiado nos diferentes veículos em detrimento dos textos opinativos.

Vale observar, entretanto, que a objetividade é um ideal e não uma estrutura perfeitamente possível. A atividade jornalística passa pelos conhecimentos humanos e, por isso mesmo, por critérios inegavelmente subjetivos.

O processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda a informação guardada na memória) e a produção de nova mensagem, que será levada ao público a partir de uma estimativa sobre o tipo de informação de que esse público precisa ou qual quer receber. (LAGE, 2001, p. 22 -23).

Além da reflexão do jornalista diante de um fato, a abordagem, o uso das fontes para as entrevistas, o vocabulário empregado e até a seleção dos acontecimentos a serem cobertos são escolhas que passam por critérios específicos e distanciam a produção jornalística da objetividade pura.

2.1.3 Interpretação

Ajuizar a intenção, o sentido de. Explicar ou declarar o sentido de (texto, lei, etc.). (FERREIRA, 1993, p. 313).

A distribuição cada vez maior da informação de atualidade alterou a percepção do público. Tomando conhecimento de diferentes conteúdos através das notícias, ele ganhou maior participação nos acontecimentos e passou a reconhecer sua importância diante da imprensa. Nas três primeiras décadas do século XX, o Jornalismo acompanhou o gigantismo das demais instituições sociais, adquirindo recursos e meios para alcançar públicos cada vez maiores; mas precisou evoluir para ocupar seu lugar na nova sociedade: “[...] teria de ser um jornalismo dinâmico e dinamizador, e não puramente um reflexo de situações definidas ou de aspectos emocionais e acidentais do cotidiano.” (BELTRÃO, 1980, p. 25). Diante deste cenário, surgem os líderes de opinião que, através do movimento de contracultura, mostram-se cada vez mais ativos e exigentes. A busca pela interpretação torna-se, então, evidente.

Aceito de maneira geral após a Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que a televisão fazia seu ingresso no universo da comunicação de massa, o Jornalismo interpretativo surgiu nos Estados Unidos encarregando-se não só de noticiar os fatos, mas de proporcionar uma explicação sobre eles. Para José Marques de Melo (1985), a chave da interpretação jornalística está na apreensão da substância dos fatos. Logo, interpretar significa identificar causas e motivos, compreender a significação, efetuar análises e comparações e realizar previsões.

A reportagem é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. Difere da notícia porque esta, sendo comumente rompimento ou mudança na ocorrência normal dos fatos, pressupõe apresentação bem mais sintética e fragmentária. (LAGE, 2001, p. 112-113).

No Brasil, a interpretação ganhou credibilidade através dos textos de João do Rio, pseudônimo literário do autor Paulo Barreto, entre os anos 1900 e 1920. O ponto de partida de suas produções era a observação da realidade, a coleta de informações por meio da entrevista e o conseqüente aprofundamento dos fatos. O repórter, em ritmo narrativo, realizava a descrição de ambientes e acontecimentos aproveitando-se de frases e recursos literários. Desta forma, João do Rio lançou as bases da interpretação tal qual a conhecemos hoje, uma vez que “inovou principalmente ao nível do conteúdo informativo e dos métodos de captação dos dados, portanto ao nível da reportagem.” (MEDINA, 1978, p. 70).

O texto interpretativo, chamado convencionalmente de reportagem, deve apresentar os antecedentes do fato gerador da notícia, seu contexto social e suas possíveis conseqüências. Sua construção passa pelos caminhos da criatividade e da humanização, buscando elementos diversificados para tocar e mobilizar o leitor. A reconstituição do fato também é aceita e valorizada como facilitadora da compreensão dos diversos aspectos da ocorrência veiculada. Nilson Lage (1979, p. 83) elucida:

[O gênero reportagem] compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, conseqüentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente [...]

Para cumprir o objetivo da modalidade interpretativa, o jornalista precisa enxergar o fato com sensibilidade e atenção, ativando seus conhecimentos prévios e sua bagagem intelectual. Sua tarefa é expor no texto todos os dados, opiniões e fatores relevantes que possam contribuir para a compreensão do leitor e seu conseqüente posicionamento diante do fato. No que diz respeito à função do jornalista, é preciso ressaltar que a ele não cabe qualquer diagnóstico ou posicionamento sobre o tema que coloca em discussão.

O jornalismo interpretativo é o objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, julguemos e possamos agir com acerto. (BELTRÃO, 1980, p. 46, grifo do autor).

Diante desta mesma questão, o teórico do Jornalismo interpretativo Curtis MacDougall assim diferenciou modalidades interpretativa e opinativa:

Interpretação é um julgamento objetivo, baseado no conhecimento acumulado de uma situação, tendência ou acontecimento. O julgamento editorial, por sua vez, é avaliação subjetiva; pode incluir uma perspectiva dos fatos, mas existe um elemento adicional e diferenciador chamado impacto emocional. A opinião deve ser confinada, quase religiosamente, na página editorial; a interpretação é uma parte essencial do noticiário. (MACDOUGALL, 1963 apud MELO, 1985, p. 20).

Concordando com esta separação, Nilson Lage (2001, p. 20) aponta o principal risco do Jornalismo interpretativo: “subordinar a matéria a crenças ou teorias não comprovadas, transformando informação em opinião, diante da qual o receptor poderá apenas concordar ou discordar.” É preciso ter em mente, então, que uma boa reportagem deve apresentar os fatos tendo em vista sua abrangência e não a redução do ângulo de visão. Caso seja usada para dirigir ou condicionar a opinião do público, se tornará falsa e enganosa.

2.2 A INTERPRETAÇÃO NA IMPRENSA

Na medida em que a humanidade modifica seu rumo, todas as formas a ela subordinadas se alteram. Desta forma, a atividade comunicativa reflete os movimentos e aspirações da sociedade em que se manifesta. O século XX é marcado por revoluções e

conquistas e pela adaptação às tecnologias emergentes. O homem que conhecera e admirara a lâmpada elétrica no final do século anterior, era surpreendido por um maquinário avançado que permitia a produção em série e o tornava cada vez mais independente.

No âmbito da comunicação, surgiam o telefone, o rádio, a televisão, o computador; inventos que se tornariam facilitadores da interação humana e que, aperfeiçoados, garantiriam a troca de informações em tempo real. Entretanto, o aparecimento de cada uma dessas criações foi acompanhado por incertezas. O que seria do velho jornal impresso diante da emoção transmitida pelo rádio e do fascínio exercido pelo tubo de imagens? Essa e outras dúvidas, até hoje, perturbam o homem moderno, que evolui sem tempo suficiente para refletir sobre os aparelhos que transformam sua vida.

Em uma visão otimista, Alberto Dines (1974) assegura que uma forma comunicativa não é capaz de anular outra mais nova, desde que ela se adapte às condições da sociedade vigente. Assim, os veículos impressos, tendem a se manter pulsantes mesmo diante dos veículos imagéticos e multimidiáticos. Para Dines, tudo pode ser explicado segundo o ritmo da tese/antítese/síntese concebida pelo filósofo alemão Hegel.

Aplicando-se o princípio do desenvolvimento pendular à comunicação, percebe-se nele três tempos distintos. O primeiro tempo ocorre quando se inventa ou se aperfeiçoa um novo veículo; neste momento ele é seletivo, porque desconhecido. Depois de divulgado o seu uso, torna-se massificado para, finalmente, em nova fase e, evitando o desgaste, acomodar-se e conter-se outra vez. (DINES, 1974, p. 29).

O ciclo é ininterrupto. Cada novo veículo passa pelas três fases, identificando seu objeto principal e desenvolvendo-o, sem deixar de buscar novas possibilidades criativas, o que comprometeria sua manutenção no cenário dos meios de comunicação. Com os meios impressos não seria diferente. Jornais e revistas, para sobreviverem ao rádio, à TV e à internet, precisaram assumir um ideal de valorização constante, redefinindo seu público, bem como suas formas de apresentação.

Marshall McLuhan, em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, defende a idéia de que o meio é a mensagem. Ou seja, o local em que uma informação

jornalística é exibida suscita influências diretas em seu conteúdo. Assim, cada veículo, de modo característico, busca atingir totalidade, empatia e ampla conscientização do público receptor. Prova da interferência dessas tecnologias no conteúdo da mensagem jornalística é o deslumbramento gerado pela imagem, que passa a ditar a hierarquia da comunicação, imprimindo novo ritmo e lógica às relações de trabalho.

Quando a televisão surgiu e invadiu a casa de milhares de pessoas o processo comunicativo ganhou nova roupagem. A informação de última hora, antes lida em jornais e revistas e ouvida através dos programas radiofônicos, recebeu configuração visual diante de olhares espantados com a inusitada possibilidade. Para adquirir conhecimento sobre um fato, as pessoas passaram apenas a ligar a TV e acompanhar, com atenção, a narração do locutor e o desenrolar de cenas que por si só garantiam confiança e credibilidade para com o veículo.

Anos depois, o computador alteraria novamente o fluxo de informações. Incluído no processo de produção jornalística, ele possibilitou a inovação e o registro fidedigno de tudo o que era divulgado. Com o advento da internet, se torna ainda mais importante, garantindo a comunicação em rede e a troca de informações instantânea. Diante de um monitor conectado à internet, o homem expandiu sua criatividade, buscando novidades nos quatro cantos do mundo. Descobriu também que podia alterar com facilidade o conteúdo dos materiais produzidos. Por isso, hoje, a internet é uma fonte fundamental de comunicação, embora enfrente o receio dos navegadores quando à veracidade do que é acessado.

Definindo o que chama de “Jornalismo da era tecnológica”, *Ciro Marcondes Filho* (2002, p. 31) descreve a principal mudança ocorrida nessa sociedade da imagem que passa a se configurar.

Dentro dessa mesma nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imageticamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser “informar-se sobre o mundo” para ser “surpreender-se com pessoas e coisas”.

O processo tecnológico estabelece, assim, modificações sociais que passam pela sobrevalorização da visualidade em detrimento do texto, pela sobreposição do que Marcondes Filho denomina de “notícias fabricadas” sobre os “fatos reais” e do imaginário sobre o real. A televisão e a internet, caracterizadas pela informação de velocidade, adquiriram vantagem no que diz respeito às notícias de última hora. Por isso, esses meios tendem a explorar a modalidade informativa, trazendo à tona assuntos e acontecimentos relevantes de forma sintética. A quantidade e a atualidade das notícias recebem maior importância do que o aprofundamento e a compreensão do público.

Com um processo de produção e veiculação mais lento, preso ao tempo gasto para a publicação e distribuição de seus conteúdos, o veículo impresso não pôde competir com a instantaneidade e a interatividade dos novos meios.

A notícia se fragmentou e as matérias, embora assinadas em sua grande maioria, tornaram-se mais impessoais e parecidas, com reflexo na qualidade do texto que se afasta da tradição literária do jornalismo para se aproximar da mensagem rápida, simplificadora e objetiva. (CALDAS, 2002, p. 19).

A imprensa precisou desvencilhar-se da luta pelo furo jornalístico e procurar novas alternativas à sua sobrevivência. Uma delas foi a diminuição do preço dos jornais, que passaram a estampar textos sensacionalistas, apelando para a emoção humana. As notícias foram reduzidas, as fotos ganharam maior espaço e o conteúdo restringiu-se aos fatos inusitados, trágicos ou cômicos.

Outra alternativa, mais criativa e condizente com a ética jornalística, surgiu da identificação de uma brecha deixada pelos meios visuais. “O jornalismo televisionado, que completou a informação radiofônica com a imagem instantânea da ocorrência, não tem condições para detalhá-la e investigá-la a fundo com a mesma rapidez.” (BELTRÃO, 1980, p. 38). Os jornais que identificaram essa perspectiva tornaram-se mais seletivos, escolhendo melhor os assuntos sobre os quais iriam concentrar-se, apostando na modernização gráfica e na maior qualificação profissional. Os diários adquiriram uma aparência menos apressada ou,

nas palavras de Alberto Dines (1974), “mais transcendentais”. As revistas ganharam cores, formatos e estilos diferentes. Mais importante, entretanto, são as mudanças na dimensão do conteúdo.

Para crescer e se firmar diante das transformações econômicas e sociais, segundo Álvaro Caldas (2002), os jornais ainda precisam tratar os fatos com originalidade, através de novas fontes e enfoques. A apuração deverá ser rigorosa, conferindo ao texto um tratamento ao mesmo tempo livre e didático, que reflita um grau maior de interpretação, permitindo que o leitor se situe e compreenda o que está se passando.

Alberto Dines (1974, p. 56) conclui que, “depois de se enfurnar em casa para ver no vídeo os acontecimentos no mundo, o homem de hoje, no dia seguinte, volta a rua para comprar o seu jornal e, assim, entender e aprofundar-se naquilo que viu.” De acordo com o autor, isso é possível porque o jornal impresso reúne características que nenhum outro veículo consegue superar: ele pode ser lido na hora e no lugar mais convenientes para o leitor e, como registro documentado através do texto impresso, pode ser relido, o que garante maior chance de ser guardado e aprofundado.

“Dentro da mídia impressa, o jornalismo interpretativo é o grande promotor do homem cultural.” (CARVALHO, 1987, p. 20). Reconhecendo que a profundidade e a permanência no tempo e espaço são as armas mais poderosas da palavra escrita sobre a palavra falada, o jornal se torna um objeto com mecanismo de atuação individual, capaz de propiciar a percepção de circunstâncias profundas.

Apesar das grandes tiragens, o jornal é um produto dirigido a cada leitor em separado [...] Quanto mais massificadas forem a sociedade e a informação, mais o ser humano procurará formas “exclusivas” de informação, e os meios eletrônicos pela própria natureza da recepção, são coletivos. O jornal consegue atender a cada leitor que o manuseia e, na medida que o satisfaz, torna-se sua “propriedade”. (DINES, 1974, p. 71).

A personalização de seu conteúdo vai alcançar maior identificação por parte dos leitores, que terão mais capacidade de se incluírem no processo de elaboração das matérias. O

jornal deve evitar a valoração dos fatos, ser atraente ao leitor, despertando seu interesse e sua curiosidade. Para isso é necessário que direcione maiores recursos à produção jornalística apostando em reportagens elaboradas, criativas e que configurem um diferencial em relação a outros jornais. É claro que tudo isso vai continuar exigindo mais investimento das empresas jornalísticas e tempo dos jornalistas, mas poderá ser determinante para a manutenção da imprensa no cenário do Jornalismo contemporâneo.

3 GÊNERO ENTREVISTA

No momento em que a interpretação se configura como alternativa para a manutenção dos veículos impressos surgem desafios jornalísticos ainda maiores. “Não há formulas, rotinas que sirvam para aplacar a inquietude de quem procura a expressão.” (MEDINA, 1986, p. 61). Os textos, desenvolvidos apenas a partir do *lead* ou com manchetes e títulos bombásticos, deixam de ser suficientes para seduzir o leitor. As fórmulas pré-estabelecidas para a produção de matérias caem por terra diante de um novo modo de se encarar as exigências do público. Assim, os jornais e revistas, destinados a um leitor que além de conhecer busca compreender os fatos, precisam encontrar formas de expressão inovadoras.

Unindo riqueza de detalhes aos diferentes aspectos sobre um assunto, é indispensável que as produções utilizem-se da criatividade e valorizem os elementos diferenciadores capazes de gerar a identificação do público. Tudo isto para vencer a impressão, causada na maioria das vezes pelo curto tempo e pelo aproveitamento de *releases* enviados por assessorias de imprensa, de que os jornais estampam matérias repetitivas e já ultrapassadas pela TV ou internet. Como alerta Arthur Dapieve (2002, p. 101), “o profissional não pode ser ingênuo e ficar à mercê dos interesses da indústria cultural.” O jornalista, no que diz respeito aos textos interpretativos, deve prezar pela ampliação diferenciada dos fatos a fim de motivar o leitor.

“O entendimento exato da noção da motivação dá ao comunicador oportunidades permanentes de criatividade.” (DINES, 1974, p. 52). Concordando com este posicionamento, José Marques de Melo (1985) estabelece algumas estratégias comumente exploradas para motivar os leitores: chamadas de matérias nas capas das publicações, títulos impactantes e até mesmo a utilização de recursos que coloquem em destaque um ou vários elementos de um enunciado, como o sublinhamento, a negação e a exclamação.

A partir da motivação pode o repórter entender perfeitamente a arte da entrevista. Se o jornalista consegue personalizar o entrevistado, ligando-se a ele e, portanto, com a situação que está ali ocorrendo, terá aumentados os seus recursos tanto para memorizar os detalhes da ocorrência como para inventar novas questões. (DINES, 1974, p. 52).

Entendendo o fator motivação, citado por Dines, como uma circunstância unificadora que reúne em uma mesma intenção duas ou mais partes comunicadoras, é possível conceber a Entrevista jornalística como um universo propício para a determinação da conduta de um indivíduo, ou seja, como gênero da modalidade interpretativa. Uma vez que depende de fatores que não se repetem – entrevistado, entrevistador, ambiente, contexto, assunto etc. – ela pode garantir caráter autoral ao texto e o conseqüente apreço do público.

Joëlle Rouchou (2003) afirma que “a entrevista pode ser um ponto de partida para novas descobertas, ou a confirmação de histórias já levantadas ou ainda mudanças de rumo em investigações em curso”, o que comprova sua força para a explanação dos fatos. O jornalista, enquanto entrevistador, assume o papel de representante do público, que tem dúvidas e deseja conhecer a fundo motivos, causas e opiniões sobre determinado fato. Através da Entrevista, o leitor reconhece a “voz” do entrevistado, que responde suas indagações, tendendo a se sentir representado. Pode-se, então, dizer que ela contribui para a humanização dos conteúdos e para maior identificação com os fatos relatados.

Expandindo-se os horizontes para além dos textos pré-paginados e resumidos ao fato em si, que pouco têm a contar, é possível cogitar a utilização da Entrevista como garantia de permanência dos veículos impressos diante da digitalização da informação.

3.1 ORIGENS, DEFINIÇÕES E CARACTERIZAÇÕES

A curiosidade é uma das principais características apontadas como necessárias quando se trata do profissional atuante na área jornalística. “Saber indagar é, aliás, uma das principais qualidades do repórter.” (TABAK, 2002, p. 69). Compartilhando esta opinião,

muitos consideram bom jornalista aquele que é capaz de descobrir a maior quantidade de detalhes, que tudo examina e que não tem vergonha de sair em busca de respostas. Intrigado com a realidade que o cerca, este profissional deve sempre procurar informações que possam servir de base para seu texto.

O ato de perguntar, sempre fez parte da atividade jornalística e pode ser considerado seu ponto de partida. Como na maioria das vezes o jornalista não está presente no momento em que se dá o acontecimento, extrair das testemunhas e fontes seus depoimentos é a forma mais bem-sucedida de se construir uma matéria clara, concisa e real. A importância desta troca de informações entre fonte e jornalista tornou-se tão evidente que, com o passar do tempo, suscitou estudos e cuidados especiais. Assim, esta “arte de fazer perguntas” (MÜHLHAUS, 2007) que recebe o nome de Entrevista, tornou-se o instrumento principal do trabalho do repórter.

A Entrevista pode ser explorada por profissionais das mais diversas áreas: Serviço Social, Administração, Psicologia. Entretanto, empregada no campo da Comunicação Social, difere das demais. “No jornalismo, a entrevista obedece a uma técnica que a torna apta a produzir notícia para o consumo da massa.” (ERBOLATO, 1984, p. 139). Também buscando diferenciações, Carla Mühlhaus (2007) destaca que a Entrevista em Jornalismo possui um papel que ultrapassa os limites da ordem prática, atingindo o âmbito conceitual. Segundo a autora, este é um dos recursos por meio do qual a mídia constrói modelos de identidades e alimenta o leque de subjetividades oferecido pelos jornais e revistas. Isso é possível em consequência da expansão do uso da palavra. Além do procedimento de apuração junto a fontes e testemunhas, “Entrevista” passou a designar um gênero jornalístico destinado a divulgar informações colhidas por meio do diálogo.

Enquanto sua técnica como fonte de informação diz respeito a um passado pré-histórico, como bem situa Luiz Beltrão (1969), sua origem como gênero do Jornalismo

moderno remonta a 1836, e se localiza em Nova York. O marco foi a publicação, no jornal **New York Herald**, das perguntas feitas por James Gordon Bennet a Rosina Townsend, proprietária de um prostíbulo que fora palco de um assassinato. A notícia resultante seguia o formato de texto corrido e mesclava os depoimentos da entrevistada às explicações do jornalista.

Anos mais tarde, em 1859, esta fórmula seria inovada pelo estilo de perguntas e respostas. O primeiro jornalista a utilizar esse recurso foi Horace Greeley ao entrevistar Brigham Young, fundador da igreja monogâmica, em Salt Lake City, para o jornal **Herald Tribune**. Também conhecido como “pingue-pongue”, o modelo era estruturado a partir de perguntas consagradas no espaço jornalístico: o que, quando, quem, como, onde e por que. Posteriormente, a fórmula ganharia alterações, unindo às perguntas básicas indagações mais apuradas.

Nos primeiros anos de sua existência no campo jornalístico, a Entrevista enfrentou a rejeição por parte de muitos profissionais da imprensa. Rudyard Kipling, por exemplo, entrou para a história alegando que o gênero era uma verdadeira afronta, conforme relata Fábio Altman (2004). Em outubro de 1892, Kipling reagiu mal às perguntas que lhe foram feitas ao conceder Entrevista para o **The Sunday Herald**, justificando-se da seguinte forma: “Porque isso é imoral! Um crime, uma ofensa contra minha pessoa, uma agressão, e como tal merece castigo. Isso é desleal e mesquinho. Nenhum homem de respeito pediria uma coisa dessas, muito menos a concederia.” (KIPLING, 1892 apud ALTMAN, 2004, p. 8). Anos mais tarde, o próprio Kipling acabaria contradizendo-se, ao reconhecer a importância do gênero e fazer de tudo para entrevistar Mark Twain.

Existem contestações em relação às datas e nomes que deram início à utilização da Entrevista. Muitos estudiosos afirmam que sua gênese encontra-se no Jornalismo do século

XVIII praticado na Nova Inglaterra, berço do modelo norte-americano. Entretanto, com base nas proposições de Edwin Emery, Carla Mühlhaus esclarece:

A Inglaterra não pode ser considerada a pátria da imprensa moderna [...], embora seu progresso jornalístico estivesse na frente de todos os demais países. Ao mesmo tempo em que a tecnologia avançava e as máquinas se tornavam capazes de imprimir cada vez mais exemplares a custos menores, a censura e o analfabetismo serviam de barreira ao desenvolvimento da imprensa inglesa. (MÜHLHAUS, 2007, p. 22-23).

O certo é que a Entrevista ganhou expressividade, sofisticação e relevância no cenário norte-americano do final do século XIX.

O surgimento da entrevista nos Estados Unidos do século XIX coincidiu com um período de grandes transformações da sociedade: o mercado de massa pressupunha interesses mais vastos, tão vastos como as idéias de Marx e os romances de Robert Louis Stevenson. Além disso, a nova sociedade burguesa começava a produzir celebridades com velocidade inédita. Elas existiam aos olhos do cidadão comum – numa época em que a televisão era sonho – apenas nos jornais, entre perguntas e respostas. (ALTMAN, 2004, p. 9).

Diante da abertura do mercado para satisfação de interesses do público recém-urbanizado, surgem as *magazines*³. Tendo como finalidade comentar e emitir conceitos sobre assuntos diversos, principalmente os que dizem respeito às curiosidades humanas, este tipo de publicação encontra na Entrevista uma maneira de proporcionar identificação com o público. É no contato com os depoimentos, opiniões e atitudes das personalidades entrevistadas que os cada vez mais requintados e exigentes leitores das *magazines* encontram motivação para consumi-las.

A Entrevista também chegou a ser explorada pelo Jornalismo sensacionalista, que se aproveitou de sua força declaratória para produzir matérias apelativas. Depois, empregada como recurso estilístico segundo as influências do Novo Jornalismo, contribuiu para a composição de um discurso ao mesmo tempo cheio de impressões verdadeiras e com certa leveza poética. Nomes como Truman Capote e Gay Talese se encarregaram de fortalecê-la no âmbito literário, deixando um legado de grandes Entrevistas pertinentes até os dias de hoje.

³ De acordo com Nilson Lage (1979), o estilo magazine reflete uma proposta discursiva de cunho social. Seu planejamento une ao texto meticulosamente trabalhado, fotografias e um design inovador e atraente. Ainda segundo Lage, a revista é responsável por dar origem a um sentido específico pretendido por ela mesma.

No cenário norte-americano, podemos citar o caso Watergate, ocorrido em 1972, como um dos momentos mais expressivos da utilização da Entrevista como instrumento de trabalho dos repórteres. Marco da investigação jornalística, o episódio teve início em 18 de junho daquele ano, com a publicação no **Washington Post** de um assalto à sede do Comitê Nacional Democrático – o edifício Watergate. Intrigados, os jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein decidiram investigar a história, buscando relações entre a Casa Branca e o incidente no edifício democrata. A técnica da Entrevista fez-se, então, fundamental, contribuindo para a obtenção de dados e o esclarecimento dos fatos. O trabalho dos jornalistas revelou que o então presidente dos Estados Unidos, o republicano Richard Nixon, tinha envolvimento com o suposto incidente, desmascarando um verdadeiro esquema de corrupção. As investigações culminaram com a renúncia de Nixon, em agosto de 1974.

Na esfera internacional, a Entrevista ganhou destaque e representatividade através de nomes como o da italiana Oriana Fallaci, considerada uma das maiores jornalistas do século XX.

Poucos chegaram próximo dela num dos momentos mais decisivos do jornalismo: o das entrevistas. Todos os personagens que ouviu foram coagidos a recebê-la. Contra alguns ela partiu armada de um ânimo feroz, freqüentemente já antecipado em outras matérias. (PINTO, Lúcio, 2006).

Seguindo uma vertente agressiva, Oriana foi responsável por Entrevistas que se consagraram não apenas pela precisão das informações no momento do diálogo com as fontes, mas pela clareza, objetividade e criatividade dos textos apresentados. Dentre seus muitos entrevistados estão nomes como o do líder palestino Yasser Arafat e o do polêmico arcebispo de Recife, Dom Hélder Câmara, cuja Entrevista “retrata com perfeição a verve de um padre fadado a se transformar num líder popular.” (ALTMAN, 2004, p. 336). Sem medo de perguntar ou de introduzir temas polêmicos, Oriana alcançou prestígio e reconhecimento em inúmeros países.

3.1.1 A experiência brasileira

A Entrevista no Brasil, assim como os principais traços do Jornalismo contemporâneo, desenvolve-se segundo a influência dos Estados Unidos, incorporando, ao seu tempo, as transformações e tendências inauguradas por lá. Seu surgimento se dá graças à objetivação do Jornalismo, ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, com a expansão dos jornais e revistas em todo o país. São nos anúncios publicitários, com espaço cada vez maior nas novas publicações, que o caráter de testemunho dos entrevistados ganha destaque.

É ele quem orienta os rumos da publicidade, dando ao depoimento uma importância até então desconhecida e abrindo também, com isso, o terreno consagrado do entrevistado. A entrevista passaria a ser o principal recurso de ‘verdade’ usado pela publicidade. A nova regra diz ser mais difícil desacreditar a encenação quando está presente o método documental das entrevistas: a veracidade de um anúncio é diretamente proporcional ao ‘testemunho de fé’ das personalidades. (MÜHLHAUS, 2007, p. 27).

A consolidação de uma nova forma de produção das matérias jornalísticas, agora submetidas ao lucro, faz com que os textos afastem-se da linguagem literária, até então em evidência, incorporando técnicas específicas. Tudo isso para atrair o interesse de leitores que, além de informações claras e completas, buscam nos jornais maior representatividade. Se na publicidade os depoimentos estão a serviço do convencimento do público, no Jornalismo a Entrevista assume forma de expressão da realidade.

Além da necessidade de produção de notícias mais objetivas, os jornalistas da época deparam-se com a industrialização das redações e do modelo jornalístico, o que exige adaptação. Mais uma vez Paulo Barreto, sob o pseudônimo de João do Rio, destaca-se frente às mudanças, como lembra Cremilda Medina (1978, p. 71): “a coleta de informações por meio de fontes, ou melhor, entrevistas a fontes, é a grande conquista técnica que João do Rio lança no jornal brasileiro.” Conforme a autora, suas maiores contribuições podem ser citadas segundo dois principais aspectos: quanto ao universo da informação jornalística e quanto ao tratamento estilístico. O primeiro deles engloba o aprofundamento do contexto, a

humanização e a reconstituição histórica, garantidos através da Entrevista. O segundo diz respeito ao posicionamento do repórter como narrador, que descreve ambientes e fatos, por meio do diálogo com a fonte.

Reconhecendo o valor da Entrevista no contexto histórico da época, o próprio João do Rio diagnostica:

O público quer uma nova curiosidade. As multidões meridionais são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o apetite do saber, de estar informado de ser conhecedor são os primeiros sintomas da agitação e da neurose. Há da parte do público uma curiosidade malsã, quase excessiva. Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores. Precisamos saber? Remontamos logo às origens, desventramos os ídolos, vivemos com eles. A curiosidade é hoje uma ânsia... Ora, o jornalismo é o pai dessa neurose, porque transformou a crítica e fez a reportagem. (RIO, 1994, p. 4).

Esta mesma curiosidade valorizada por João do Rio pode ser considerada o principal fator contribuinte para a ascensão da Entrevista em âmbito nacional. Adaptando-se pouco a pouco à realidade e às necessidades do público brasileiro, o gênero ganhou destaque nas editorias de diferentes jornais e revistas, fazendo sucesso entre os leitores de todo o país.

Em 1945, a Entrevista concedida pelo político paraibano José Américo de Almeida a Carlos Prestes, burlou a censura estabelecida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), contribuindo para o fim da ditadura Vargas. Caracterizando seu depoimento como compromisso com o dever público, José Américo criticou a legislação trabalhista, o problema do abastecimento no país e não poupou palavras para defender sua posição contrária à permanência de Getúlio Vargas no poder.

O terceiro incompatível [à Presidência da República] é o senhor Getúlio Vargas, porque se incompatibilizou com as forças políticas do país. Malsinou tanto os políticos e as organizações partidárias, em seus recentes discursos, que os mais sensíveis, isto é, os briosos, já se arregimentaram contra ele. E o que convém à nação é um homem capaz de fazer convergirem para o seu nome e o seu programa todas as correntes de colaboração. (ALMEIDA, 1945 apud ALTMAN, 2004, p. 197).

Uma semana após a publicação da Entrevista nos jornais **Correio da Manhã** e **O Globo**, o presidente viu-se obrigado a assinar a lei que previa eleições gerais no final daquele mesmo ano.

No ano de 1949, foi a vez da Entrevista de Getúlio Vargas a Samuel Wainer, publicada em uma das edições de **O Jornal**, no Rio de Janeiro, alterar o rumo da história. A conversa sinalizou o retorno do ditador à vida política brasileira. Afastado desde 1945, Getúlio falou com exclusividade sobre sucessão presidencial e, assumindo-se como “líder das massas”, não abriu mão do discurso populista.

Não sou oportunista, mas um homem de oportunidades. Se fosse um oportunista, teria ficado ao lado do general Dutra e obtido compensação pelo apoio que lhe dei. O meu pensamento, entretanto, está todo ele voltado para os trabalhadores do Brasil. (VARGAS, 1949 apud ALTMAN, 2004, p. 213).

O sucesso da Entrevista foi tamanho que, como destaca Fábio Altman (2004), a edição chegou a vender 180 mil exemplares, em contrapartida à média diária de apenas 9 mil.

Apesar da relevância desses e de outros exemplos diante da trajetória da Entrevista brasileira, a primeira grande revolução em sua disseminação pelo país pode ser atribuída ao semanário **O Pasquim**, que chega às bancas em junho de 1969. O jornal, que se tornou influente fazendo oposição à ditadura, reuniu nomes importantes do cenário jornalístico brasileiro como Sérgio Cabral, Jaguar, Tarso de Castro, Luiz Carlos Maciel, Ziraldo e Millôr Fernandes. Suas matérias exploravam desde temas polêmicos para a época, como sexo, droga e divórcio, até críticas políticas.

Seguindo um estilo irreverente e ousado, a publicação modificou o formato de divulgação da Entrevista e o papel do leitor diante da publicação. “O Pasquim desmascara a edição, não edita mais a entrevista e transcreve a matéria bruta da conversa. Isso faz com que o leitor sinta que está participando daquela entrevista”, descreve Joaquim Ferreira dos Santos em conversa com Carla Mühlhaus (2007, p. 149).

A mais representativa das Entrevistas do semanário é a da atriz Leila Diniz, em novembro de 1969. Usando uma linguagem despudorada, Leila chocou o público, no final de uma década marcada pelo medo da censura. A postura da atriz foi tão inesperada que cada um dos 73 palavrões pronunciados por ela durante a conversa precisou ser substituído por

asteriscos entre parênteses. Ela falou sobre carreira, teatro, perda da virgindade, lesbianismo, fidelidade e casamento. O resultado foi o decreto da censura prévia à imprensa pelo governo militar, apelidado de “Decreto Leila Diniz”.

Outro grande momento da Entrevista no cenário brasileiro ficou por conta da criação das “Páginas Amarelas” pela revista **Veja**, da editora Abril, também em junho de 1969. A famosa seção, que estreou quase um ano após o lançamento da revista, cativou o gosto popular consagrando-se como uma das mais lidas de toda a história. O papel amarelo, herdado do extinto caderno com notícias do mercado financeiro e mantido por uma questão gráfica, acabou contribuindo para conceder uma posição fixa e de destaque ao gênero.

O dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues foi o primeiro de grandes nomes que se tornaram estrelas da seção. Nesta época, cada Entrevista ocupava quatro páginas e o entrevistado era retratado em uma caricatura. Em 1970, a seção passou por modificações gráficas que a tornaram semelhante ao modelo veiculado atualmente, com três páginas e foto dos entrevistados.

Exibidas no formato de perguntas e respostas, as 1951 Entrevistas publicadas até setembro de 2008 retrataram os pensamentos de personalidades de diferentes áreas, abordando temáticas polêmicas ou simplesmente ocasionais. Até hoje as “Páginas Amarelas” são reconhecidas como uma das partes mais conceituadas da revista.

A seção tornou-se tão representativa que acabou influenciando outras publicações brasileiras. A revista **IstoÉ**, por exemplo, da Editora Três, reproduz nas “Páginas Vermelhas” Entrevistas em estilo pingue-pongue, numa proposta bastante semelhante a de sua concorrente. Assim como em **Veja**, a seção é diagramada logo no início da publicação e garante a presença do gênero em todas as suas edições.

Aos poucos, outras revistas passaram a valorizar a Entrevista incorporando-a com sucesso. Embora este seja o ambiente propício para o desenvolvimento do gênero, devido ao

maior tempo dispensado às suas produções, muitos jornais também apostam em sua utilização. O **Estadão**, por exemplo, chegou a criar os “Encontros Notáveis”, com a exibição de Entrevistas amplamente trabalhadas.

Outra contribuição importante ao desenvolvimento do gênero decorre de sua veiculação pela TV. Após a expansão das revistas brasileiras, nos anos 80, os *talk shows* ganham popularidade no país, destacando nomes como Jô Soares e Marília Gabriela. A Entrevista televisionada, entretanto, não conseguiu atingir o grau de detalhamento e de precisão do modelo impresso. Isso porque seu registro é efêmero, enquanto nas revistas e nos jornais pode eternizar-se.

Mas, afinal, como definir e restringir os espaços de atuação da Entrevista? “A entrevista diz mais do jornalismo do que se costuma imaginar nas faculdades e redações. Ela é nada menos do que sua essência.” (MÜHLHAUS, 2007, p. 18). Isso explica a dificuldade encontrada pelos teóricos em conceituá-la e estabelecer suas inúmeras possibilidades. Apesar de ainda pouco discutida no ambiente acadêmico e muitas vezes abandonada pelos jornalistas, devido aos cuidados e ao tempo que demanda, sua importância é incontestável.

Alberto Dines, em *O papel do jornal* (1974, p. 86), destaca que “a entrevista pode ser uma forma de seduzir o leitor, fazendo com que ele mergulhe nas profundezas de um acontecimento.” Juarez Bahia atribui ao gênero uma capacidade tão reveladora que o torna capaz de expandir os limites de compreensão do público. “A entrevista consubstancia propriedade, interesse humano, atualidade, originalidade e concisão tais que se torna difícil ao leitor identificá-la como simples entrevista ou reportagem.” (BAHIA apud MEDINA, 1978, p. 189).

Traçando um paralelo entre a Entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão, Edgar Morin (1973, p. 115) avalia que “uma entrevista é uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação.” No que diz respeito aos veículos de massa, esta

informação, explica o autor, obedece às normas jornalísticas, muitas vezes com a finalidade do espetáculo, visando os interesses de um público diversificado. Nilson Lage (2001) também propõe uma conceituação a partir dos objetivos da Entrevista que, para ele, podem ser ainda mais amplos. “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos.” (LAGE, 2001, p. 73).

Mais do que contribuir para a construção de um texto, a Entrevista pode reforçar um posicionamento, ampliar um discurso e permitir ao receptor compreender e formar opinião sobre aquilo que é noticiado. Desta forma é possível conceder ao gênero um papel diferenciador no Jornalismo impresso contemporâneo, segundo as características da modalidade interpretativa.

Para isso, consideramos adequada a proposição de Cremilda Medina (1986), ao destacar que a Entrevista jamais atingirá o posto de aliada da comunicação humana se for encarada como simples instrumento da ação jornalística.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática de informações. (MEDINA, 1986, p. 8).

À ela podem ser atribuídas funções importantes no cenário da comunicação impressa: expansão dos aspectos relevantes de um assunto, desencadeamento de relações de projeção e identificação, aproximação entre empresa jornalística, repórter, fonte e leitor e motivação deste último. Pode ainda tornar-se um registro histórico sobre determinado tema, influenciando os debates, a aceitação ou rejeição de uma figura ou fato e até mesmo o curso da história política, econômica e cultural.

Entendendo-a como gênero, é preciso lembrar que também está submetida a critérios de seleção e ordenação inerentes ao processo de produção jornalística. Nilson Lage (1979) assegura que a Entrevista, assim como a matéria noticiosa, deve considerar os valores

de proximidade, atualidade, intensidade e ineditismo. Ainda segundo Lage, seu diferencial será garantido pelo impacto, originalidade e pela identificação social e humana que for capaz de provocar.

3.1.2 Variações

Com base na proposição de Annette Garrett (1981, p. 16) de que “a entrevista se processa entre seres humanos, os quais, sendo marcadamente individualizados não podem ser reduzidos a uma só fórmula ou padrão comum”, buscamos enumerar algumas de suas principais formas de expressão para, assim, compreendermos a variabilidade de relações que ela pode engendrar.

Edgar Morin (1973) aponta a existência de dois grupos de Entrevistas: extensiva e intensiva. A primeira delas, de caráter fechado, é montada a partir de questionários e formulações estatísticas dos resultados. Desta forma, pode pecar pela superficialidade dos dados e, conseqüentemente, das opiniões que irá formar. Na Entrevista intensiva ou aberta, de emprego comum nos veículos de massa e, portanto, alvo principal de nosso interesse, a conseqüência pode ser a interpretação, uma vez que seu objetivo é o de aprofundar o conteúdo da comunicação. Um receptor, a partir dos depoimentos expostos, tem a chance de formar a própria opinião, que pode ser única ou compartilhada por outros leitores.

Como lembra Morin (1973, p. 120), “a entrevista se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente da dissimulação ou da fabulação.” Por isso, vale considerar que através desses depoimentos o leitor pode ser incitado a pensar de determinada forma, sofrendo manipulação mesmo que de forma implícita.

No que tange à Entrevista intensiva, o autor ainda enumera outras quatro divisões possíveis, segundo o grau de comunicabilidade: a entrevista-rito, a entrevista anedótica, a

entrevista diálogo e as neoconfissões. Todas elas encontram espaço nos atuais veículos de comunicação, em maior ou menor escala. A entrevista-rito, geralmente veiculada pela televisão, é feita de forma a autenticar determinado acontecimento. Sua prioridade é o *hit et nunc*, sendo curta e restrita a pequenas falas como a dos jogadores após as partidas ou de celebridades durante alguma cerimônia. A anedótica possui conteúdo superficial, resumindo-se a conversações fúteis. Logo, não possui pretensão de esclarecer seus receptores. Pode-se dizer que essas duas primeiras formas seguem o caráter da espetacularização.

A entrevista diálogo e as neoconfissões expressam maior aprofundamento dos fatos, interferindo no ponto de vista de quem as lê. A primeira pressupõe troca entre entrevistador e entrevistado no sentido de trazer à tona uma verdade. Nas neoconfissões, o entrevistado é o principal destaque, abrindo-se diante do entrevistador e revelando convicções, conhecimentos ou dados de interesse público.

A partir dos conceitos da entrevista diálogo e das neoconfissões, Cremilda Medina (1986) propõe o estabelecimento dos chamados “subgêneros da compreensão/aprofundamento”: entrevista conceitual, enquete, investigativa, confrontação/polemização e perfil humanizado. Cada um deles contribuem, à sua maneira, para expansão dos fatos e para a formação de opinião sobre determinado assunto.

Em *A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística*, Nilson Lage sugere a classificação das Entrevistas segundo os objetivos e as circunstâncias de sua realização. Do ponto de vista dos objetivos, ele enumera: a entrevista ritual, cujo interesse se resume ao entrevistado e não no que ele tem a dizer; a temática, que expõe versões ou interpretações de acontecimentos; a testemunhal, que reúne as impressões subjetivas do entrevistado; e a entrevista em profundidade, em que o objetivo é construir uma seqüência de ações a partir dos depoimentos, das impressões e da figura do próprio entrevistado.

Quanto às circunstâncias de realização, Lage (2001) aponta a existência da Entrevista ocasional ou não programada, na qual se encontra a maior probabilidade de respostas sinceras; de confronto, quando o repórter assume o papel de inquisidor; coletiva, quando mais de um repórter faz perguntas a uma mesma fonte; e dialogal, considerada pelo autor a “entrevista por excelência”, uma vez que permite o aprofundamento e o detalhamento dos pontos abordados.

Também procurando estabelecer os caminhos e variações da notícia realizada pela Entrevista, Mário Erbolato (1984) e Luiz Beltrão (1969) propõem uma abordagem de conteúdo, subdividindo os textos do gênero em informativos, dos quais se obtém um relato de um fato; opinativos, objetivando despertar a opinião sobre tema ou problema atual e atingir a consciência do leitor; e ilustrativos ou biográficos, que se referem aos materiais destinados a instruir ou entreter o leitor.

Cada uma dessas classificações será utilizada, posteriormente, para legitimar a idéia de que a Entrevista, em suas variadas formas, pode se tornar o grande diferencial do Jornalismo impresso. Analisando-as de forma associada, é possível identificar maneiras eficazes de atingir o público e garantir sua atenção.

3.1.3 Cuidados e estratégias

“Regras para a escrita de uma boa entrevista existem poucas e, a maioria, são circunstanciais.” (MÜHLHAUS, 2007, p. 38). Mesmo assim, a condução de uma Entrevista exige cuidados que podem interferir diretamente na elaboração do texto. Desde a escolha dos entrevistados, passando pelo ambiente da conversa e pelas formas de armazenamento das informações até a seleção dos depoimentos, faz-se necessária a atenção do repórter.

Muitos autores dedicaram obras inteiras à discussão dos mecanismos mais adequados à produção de uma Entrevista. Entretanto, o fato é que cada entrevistador deve exercitar sua capacidade de questionar e ouvir ao seu modo, elegendo a maneira segundo a qual se sinta mais à vontade. Isso não quer dizer, entretanto, que não haja condutas a serem seguidas pelos entrevistadores.

Carlos Tramontina afirma que:

A estratégia mais produtiva é aquela baseada na informação. Jamais um entrevistado experiente conseguirá fugir das perguntas ou esconder os fatos se diante dele estiver sentado um entrevistador cheio de informações. (TRAMONTINA, 1996, p. 215).

Conclui-se, então, que a preparação é um dos momentos mais importantes da Entrevista. O jornalista deve reunir o maior número de informações sobre o fato a ser tratado, bem como sobre a pessoa com quem vai estabelecer o diálogo. Assim, ele estará munido para possíveis imprevistos e poderá transmitir maior credibilidade não apenas à fonte, mas ao receptor do texto.

A escolha do ambiente também se faz importante para o desdobramento da Entrevista. É fundamental que se pense no espaço em que se dará a conversa, uma vez que ele influencia diretamente a construção da narrativa. Nilson Lage (2001) considera que no local do acontecimento o repórter tende a ser mais vivo e espontâneo e a reportagem, em consequência, a ganhar contornos diferenciados. Nos casos em que isso não é possível, o ambiente escolhido para a Entrevista também merece atenção. Junto aos elementos que o compõe, o cenário da troca de informações pode dizer muito sobre o entrevistado, contribuindo para transmitir ao texto a atmosfera exata do diálogo.

Na era do avanço tecnológico, outra preocupação importante é com os métodos de captação de uma Entrevista. Embora mais cômodas e rápidas, conversas por telefone ou e-mail tendem a um distanciamento ainda maior e à superficialidade das informações.

O resultado do encontro entre duas pessoas depende bastante da avaliação que uma faz da maneira como a outra está recebendo suas mensagens. A proximidade física permite uma aferição de resposta – um *feedback* – rápida, visual e auditiva,

corriqueira, a que nos acostumamos desde pequenos e que nos dá maior segurança. (LAGE, 2001, p. 79, grifo do autor).

Já que nenhum mecanismo até hoje foi capaz de substituir a força do *tête-à-tête*, herdado dos primeiros momentos do Jornalismo, a melhor alternativa é o encontro; as chamadas “entrevistas em presença”. Nessas conversas presenciais é preciso atentar para a forma de gravação dos depoimentos. Gravadores ou câmeras podem inibir o entrevistador desacostumado aos equipamentos dos repórteres. O ideal é dosar o uso desses mecanismos de acordo com o assunto, o entrevistado e as circunstâncias. (GARRETT, 1981).

Uma vez observados os aspectos citados e tendo sido findada a Entrevista, o jornalista deve voltar sua atenção para a exposição dos fatos e a elaboração do texto. Lage (2001) atenta para o fato de que a apresentação da Entrevista varia conforme o veículo em que é explorada. Em rádio e em televisão, ela pode ser veiculada ao vivo, no momento exato em que é produzida, ou pode ser gravada e editada conforme o tempo e as intenções da emissora. No Jornalismo impresso pode seguir o estilo noticioso padrão composto pelo *lead*, parágrafos e declarações. O *lead* será estruturado a partir da proposição julgada mais relevante e as declarações expostas com o emprego das aspas.

[...] selecionam-se as proposições mais relevantes dentre aquelas das respostas, ordenam-se da mais relevante para a menos relevante e transcrevem-se nessa ordem, intercalando as informações ambientais e procurando alternar o discurso direto e indireto. (LAGE, 2001, p. 84).

A apresentação da Entrevista também pode seguir o modelo literário, estruturada a partir de um relato circunstancial, um resumo biográfico ou um questionamento. O último estilo é o de perguntas e respostas, em que há uso do travessão como indicação de diálogo. Nesse caso, todo o conteúdo obtido deve ser transcrito, suprimindo-se as redundâncias e repetições e explicando-se as pausas que fazem sentido apenas dentro do contexto da conversa. Faz-se necessária, ainda, a observação da correlação entre as perguntas e as respostas, já que muitas vezes o assunto se desvia do foco, sendo retomado à frente. A edição

das declarações deve ser realizada apenas quando não alterar a posição do entrevistado, desta forma deverá proporcionar maior dinamização, autenticidade e vivacidade à produção.

Cremilda Medina aconselha que os jornalistas se aproximem das expressões artísticas a fim de renovarem seu estilo e o grau de eficiência de seus textos. “É na pesquisa da melhor expressão para aquele conteúdo que o redator se realiza como autor.” (MEDINA, 1986, p. 69). Portanto, o importante é observar que o tratamento dado à Entrevista, antes, durante e após a conversa em si, tem participação ativa na forma como o receptor deverá processar as informações. Um texto que seja ao mesmo tempo coeso, objetivo, expressivo, próximo aos leitores e que determine exatidão, multiplicidade e consistência encontrará mais adeptos e contribuirá para desencadear maior grau de satisfação.

3.1.4 Participação do entrevistado e do entrevistador

Assim como numa peça de teatro, em que a comunicação com o público se dá por meio da sinergia entre cenário, texto e personagens, também na Entrevista a correlação de diferentes fatores torna-se decisiva para a adesão do público. Tanto na representação artística como na manifestação jornalística em questão, antes que seja avaliado por seus receptores, um texto jamais ganhará forma bem definida sem boa articulação entre seus autores. Referimo-nos a autores, no plural, porque cada pessoa que encena uma passagem, além daquela responsável por sua criação, oferece sua contribuição para o sentido do texto, como na Entrevista.

“A entrevista dos veículos de massa é uma arte que não conhece nenhuma regra, mas que conhece seus artistas [...]” (MORIN, 1973, p. 127). Além do público, que encerra o ciclo de participações em um texto, seus protagonistas são o entrevistador e o entrevistado. A cada um deles competem atribuições e características que merecem ser analisadas.

O entrevistador é o repórter que deve questionar, tomar nota das principais respostas com atenção e, posteriormente, relatar objetivamente o que foi dito. “Se uma entrevista fracassa, 95% da culpa cabe ao entrevistador.” (SHERWOOD, 1981, p. 25). É dele a responsabilidade da preparação e do andamento da Entrevista. Sherwood (1981, p.12) ainda afirma que “o melhor repórter é o que é capaz de fazer umas cem perguntas em algumas horas, e depois escreve um relato coerente a respeito de tudo o que colheu.” Para ser bem-sucedido em suas ações, como já foi dito, é fundamental que esteja sempre atualizado sobre o tema e o indivíduo com quem vai conversar.

Assumindo as funções de “agente inteligente” (LAGE, 2001), que é o emissário do público, o entrevistador deve reunir as características de: autonomia; comunicabilidade; habilidade de interação social; reação, percebendo o meio em que atua e respondendo às mudanças; e iniciativa, agindo com decisão no cumprimento de sua tarefa.

Para Fábio Altman (2004, p. 9) “o bom jornalista vai em busca de entrevistados que, de uma forma ou de outra, atraiam como ímãs os dramas e as alegrias, as dúvidas e as certezas da sociedade.” Reafirmando seu compromisso com a história, está sempre preocupado com o mote das questões em pauta, estando atento não apenas às falas, mas também às atitudes e expressões do entrevistado.

O entrevistado é o dono da informação ou opinião a ser compartilhada, podendo, portanto, ser entendido como co-autor do texto.

Se editores, redatores e repórteres tivessem de confiar apenas no que lessem e no que vissem, se não procurassem ouvir, face-a-face, as opiniões de destaque e de pessoas modestas, o jornalismo não teria nem a metade do interesse, da importância e da influência que tem hoje. (SHERWOOD, 1981, p. 116-117).

Apesar da tendência atual de se ouvir pessoas conhecidas e prestigiadas, as chamadas fontes oficiais, qualquer pessoa pode assumir a posição de entrevistado. “Ao tomar emprestado da política o culto à personalidade, as entrevistas transformam aqueles que ela escuta em cidadãos incomuns, em líderes, em professores, em donos da palavra.” (ALTMAN,

2004, p. 9). A veracidade e a objetividade dos depoimentos colhidos também serão responsáveis pela aceitação da Entrevista.

A boa interação entre os dois personagens, entrevistado e entrevistador, é fundamental para o desenvolvimento da Entrevista no caminho correto. Como pondera Morin (1973, p. 122), “é necessário que o entrevistado sinta um ótimo de distância e de proximidade, e, igualmente, um ótimo de projeção e de identificação com relação ao investigador.” Assim será estabelecida uma relação de cumplicidade e cooperação entre as partes envolvidas no momento da Entrevista. “Deve-se estabelecer uma relação entre um e outro, uma afinidade que permita ao entrevistado revelar os fatos essenciais da sua situação e ao entrevistador tornar-se capaz de auxiliá-lo.” (GARRET, 1981, p. 19).

Ao mesmo tempo em que apela para uma forte necessidade de expressão, a Entrevista desencadeia no entrevistado um comportamento de defesa. É possível que ele reaja de diferentes maneiras às perguntas expostas: pela inibição, pela timidez ou prudência, por mecanismos de atenção e desatenção, pela tendência de justificar o ponto de vista, pelo exibicionismo, que geralmente induz a fabulações e comédias. (MORIN, 1973). Mesmo estando preparado, cabe ao entrevistador improvisar sempre que necessário e garantir o ambiente favorável ao diálogo.

O entrevistado deve, ainda, ser identificado como o elemento principal de uma Entrevista. “Não reconhecer que a pessoa entrevistada deve ser o aspecto mais saliente da reportagem leva à falta de objetividade.” (SHERWOOD, 1981, p. 21). Para isso, é fundamental que o entrevistador se mostre interessado nos depoimentos, ações e até nos gestos de seu entrevistado, ouvindo com atenção e simplicidade. Poucas vezes faz-se aceitável que o entrevistador assuma o papel de vedete da conversa. É o caso, por exemplo, das Entrevistas em *talk shows*, como Jô Soares e Marília Gabriela. No Jornalismo impresso, o exemplo seriam as “Páginas Amarelas” da revista **Veja**. Nessas situações, o que vai despertar

o interesse do público pode ser mais a figura do apresentador ou o prestígio da seção do que o assunto ou o entrevistado em si.

Além da relação entre entrevistador e entrevistado, o valor jornalístico da Entrevista será estabelecido de acordo com o interesse que desperta no receptor da informação (BELTRÃO, 1980). Uma vez que atinja com sucesso a última instância desse processo, o público, a Entrevista terá desempenhado o seu objetivo principal.

Retomando a analogia com a representação teatral, é a reação do público diante da mensagem que irá medir o grau de aceitação da mesma. Assim, se os leitores, após o contato com a Entrevista, sentirem-se incitados a agirem ou se simplesmente formarem suas próprias opiniões, a arte da Entrevista estará completa e seu registro tornar-se-á indestrutível, mesmo que inconscientemente.

3.2 INTERPRETAÇÃO PELO DIÁLOGO

A troca de idéias e a discussão sobre os assuntos mais diversos têm se tornado fundamental entre os homens. Mas nem sempre foi assim. Em um passado distante, muitos dos que se dedicavam à busca de informações e ao questionamento delas foram perseguidos e severamente punidos. Assim, o conhecimento tornou-se restrito, durante longos anos, a um grupo seleto de pessoas, em sua maioria pertencente à nobreza e ao clero. Ao homem comum restava aceitar as idéias sem poder refletir ou indagar.

Porém, graças à inquietude e às curiosidades típicas do ser humano, este cenário aos poucos foi ganhando novos contornos. Reconhecendo a importância da informação, um número cada vez maior de pessoas passou a reivindicar a partilha do saber. Ao mesmo tempo que uma sociedade questionadora emergia, os meios de comunicação evoluíam, inaugurando possibilidades antes inimagináveis. Os jornais de caráter panfletário, por exemplo, ganhavam,

assim, maior expressividade. Como destaca Carlos Tramontina (1996, p. 211), “o homem tornou-se um consumidor permanente e voraz de informações, e a troca de idéias, uma exigência em todos os setores.”

Se a evolução da tecnologia contribuiu para a aceleração deste processo, possibilitando, dentre incontáveis vantagens, o conhecimento veloz sobre um único assunto em diferentes partes do mundo, também desencadeou o comodismo e a impassibilidade. Com a mecanização dos seus instrumentos de trabalho, o homem tornou-se mais individualista, satisfazendo-se muitas vezes com as informações superficiais oferecidas pelos veículos de notícias em tempo real que, como pondera Cremilda Medina (1986), acentuam a “incomunicação” entre os seres pensantes.

Em meio a este paradoxo, o certo é que a sociedade permanece em constante transformação, exigindo que os meios de comunicação correspondam às suas necessidades e aos seus desejos. Ora indiferente ao conteúdo das notícias, ora buscando o debate consciente de idéias, o ser humano nunca deixa de exigir informações sobre o ambiente que o cerca. Já que “a função jornalística é também educativa, quando fornece os dados objetivos que aclarem a opinião pública, permitindo à comunidade agir com discernimento na busca do progresso, da paz e da ordem justa” (BELTRÃO, 1980, p. 30-31), cabe aos veículos acompanhar as transformações sociais, auxiliando o homem a esclarecer seus questionamentos e suas dúvidas.

Neste sentido, vale retomar as discussões acerca das diferenças entre informação e interpretação. A informação refere-se à exposição dos fatos, que são notícias por natureza. Distante da interação subjetiva, ela exclui o comentário, a ampliação das idéias e a inclusão dos leitores no todo da mensagem. (MARCONDES FILHO, 2002). A interpretação, como dito anteriormente, diz respeito a um universo muito mais amplo. É o espaço do entendimento e da ampliação do conhecimento, capazes de despertar atitudes. O nível de informação de

uma sociedade pode ser medido e avaliado. Entretanto, mensurar o grau de interpretabilidade de uma população torna-se mais difícil.

Tendo por base esta diferenciação, podemos discutir a sobrevivência do Jornalismo impresso. Mais do que informar superficialmente, ele deverá se responsabilizar pela conscientização, contribuindo para a construção da opinião pública.

Tudo faz crer que a grande virtude da escrita é o seu poder de trocar o rápido processo do pensamento pela calma da contemplação e da análise. A escrita é a tradução do audível para o visual. Em grande parte, é a especialização do pensamento. (MCLUHAN, 1973, p. 565).

Se é através da palavra escrita que o homem encontra o caminho da racionalidade e da reflexão, a valorização da interpretação em detrimento da mera informação faz-se, aqui, indispensável. Considerada um dos principais instrumentos de aproximação entre conteúdo, fonte e receptor, a Entrevista Jornalística pode se revelar, então, um dos principais recursos para a democratização da comunicação e o conseqüente resgate da emoção própria ao ser humano.

O destino da entrevista está ligado ao desenvolvimento da cultura de massa, que busca em todos os domínios, para facilitar o contacto com o público e interessá-lo, o *human touch*, e mais amplamente a individualização dos problemas. Também a entrevista vai se desenvolver em direção às sobre-individualidades que reinam sobre o mundo dos mass media. (MORIN, 1973, p. 126, grifo do autor).

O “toque humano” é, talvez, uma das principais vantagens da Entrevista sobre as demais formas de expressão jornalística para transmissão da informação. Diante da fala de um entrevistado, sensações podem ser compartilhadas e opiniões formadas. Isso, desde que a Entrevista seja idealizada a partir do diálogo criativo, da conversa sincera e transparente. “A grande originalidade da entrevista dos veículos de massa é que a energia afetiva que ela libera não se resolve na conversação, mas passa para o público, e atinge cada ouvinte.” (MORIN, 1973, p. 132).

Como enfatiza Cremilda Medina (1986, p. 5), “se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo.” Desenvolver a técnica da Entrevista em suas

virtudes dialógicas, portanto, não significa uma atitude idealista. Uma vez que entrevistador e entrevistado reconheçam nela o espaço para compreensão e ampliação do fato, ela será o ambiente perfeito para a interação e identificação.

Todo diálogo é um encontro de subjetividades construído a partir da sensibilidade das partes envolvidas. Portanto, para que se atinja a interação social é fundamental que o repórter assuma o compromisso com a comunicação coletiva. Seu principal desafio é conquistar a confiança da fonte, a fim de ampliar as notícias com contexto, antecedentes, opinião especializada e um nível profundo de humanização para, assim, distanciar-se do lugar comum.

Afinal, é graças à sua abertura à voz do *outro* que a entrevista laurea a espontaneidade e a ironia que andam tão escassas. Na escolha do entrevistado está uma mensagem [...] e no formato da entrevista está um viés por onde o jornalista pode temperar com mais liberdade sua criação. Pode lembrar que escrever, afinal, também é uma forma de denúncia. (MÜHLHAUS, 2007, p. 40, grifo do autor).

A meta é construir um conteúdo jornalístico embasado, que reconheça sua própria subjetividade bem como sua capacidade de modificar o pensamento dos leitores. A Entrevista deve inaugurar um espaço de reflexão da realidade, realizada a partir da autenticidade garantida pela expressão da voz de um personagem que é o dono da opinião.

Uma vez assumido o posto de obra criativa, a entrevista jornalística expõe sua subjetividade de cara limpa, travando com o leitor um jogo honesto. Relembra que o mito da objetividade há muito caiu por terra e torna transparente seu próprio mecanismo de subjetivação. (MÜHLHAUS, 2007, p. 40).

Discutindo as possibilidades dialógicas da Entrevista Jornalística, Cremilda Medina (1986, p. 25) determina quatro níveis de aceitação da mesma. Ela pode ser o “suporte delimitado pelo estágio histórico da técnica comunicacional”, ou seja, o instrumento mais adequado para se atingir o receptor em sua plenitude, fornecendo-lhe confirmações de uma fonte identificada no decorrer da notícia. Pode ainda dizer respeito à “condição de interação social almejada pelo entrevistador”. Neste caso, o repórter utiliza o entrevistado para comprovar um parecer diante de um fato.

Ainda segundo Medina, a Entrevista também pode significar “possibilidades de criação e de ruptura com rotinas empobrecedoras das empresas ou instituições comunicacionais”. Por último, a autora sugere o entendimento da Entrevista como uma “tentativa de desvendamento do real”. Esta esfera é fundamental para sua utilização como instrumento de interpretação.

“Trata-se da arte de tecer o presente, e não a garantia científica de atingir a verdade absoluta.” (MEDINA, 1986, p. 33). Logo, a idéia é que ela preencha as lacunas do indivíduo fragmentado, para que ele se identifique e venha a construir a sua própria verdade acerca dos depoimentos e fatos relatados.

Fábio Altman (2004) resgata um questionamento relevante de Oriana Falacci. A jornalista buscava compreender de que é feita a história: se de leis universais ou das idéias de poucos indivíduos, ao que ele conclui:

A entrevista, como peça de jornalismo, parece ter resolvido o dilema: a história se faz de individualidades. Ao tomar emprestado da política o culto à personalidade, as entrevistas transformam aqueles que ela escuta em cidadãos incomuns, em líderes, em professores, em donos da palavra. Há evidentemente, belos depoimentos de pessoas anônimas, destes que fazem a história se movimentar coletivamente – mas o atrativo real da boa entrevista é a possibilidade, rara, de flagrar as idéias dos grandes nomes, ainda que sejam tortas como as de Hitler ou Mussolini, e transportá-las ao público que as lê. Corre-se atrás de personalidades porque é ali, finalmente, que habitam as decisões. (ALTMAN, 2004, p. 9).

Cada Entrevista, então, é um diálogo único, que jamais será repetido e que ocasionará efeitos diferentes em cada leitor. Em tom de conversa, sua representatividade será garantida pelas boas relações no momento da troca de informações e da escolha da estrutura mais adequada à composição do texto.

4 ESTUDOS DE CASOS

É quando a entrevista fala por si que o seu registro vale à pena. (MÜHLHAUS, 2007, p. 320).

São inúmeros os exemplos de Entrevistas que cativaram o público e contribuíram para mudanças no curso da história, fosse através da construção de mitos, da revelação de esquemas sigilosos ou do simples destaque de posicionamentos ousados. A seleção de Entrevistas que se segue pretende ressaltar a importância dos valores de humanização, criatividade e diálogo para a valorização do gênero como modalidade do Jornalismo interpretativo.

O primeiro caso, publicado na edição de 26 de abril de 1989, na revista **Veja**, é uma coletânea de diversos depoimentos reunidos à Entrevista com o cantor Cazusa, que falou sobre sua vida e carreira após descobrir ser portador do vírus da Aids. (ANEXO A). Severa e realista, a reportagem indignou parentes e conhecidos do cantor, acostumados a ler textos esperançosos sobre seu futuro. A segunda Entrevista escolhida é a concedida por Pedro Collor, também à revista **Veja**, em 27 de maio de 1992. (ANEXO B). O diálogo denunciava um esquema de corrupção envolvendo seu irmão, o então presidente Fernando Collor. Esta publicação suscitou inúmeros desdobramentos, até a veiculação de outra Entrevista, desta vez pela revista **IstoÉ**. Em 8 julho de 1992, a concorrente estampava em suas páginas uma conversa com Eriberto França, motorista da então secretária de Collor, Ana Acioli. As denúncias contribuíram para a deflagração do processo de impeachment do presidente eleito em 1989.

O último caso, o mais recente, é o do deputado Roberto Jefferson. Sua Entrevista ao jornal **Folha de S. Paulo**, em 6 de junho de 2005, repercutiu nacionalmente tornando conhecido o “esquema do mensalão”. (ANEXO C).

Além dos parâmetros de classificação pontuados no capítulo anterior, é importante analisar tais Entrevistas conforme as três etapas determinadas por Luiz Beltrão (1980) para o estudo do Jornalismo interpretativo: identificação do objeto, documentação da ocorrência e redação e edição do conteúdo interpretativo. Segundo Beltrão, a identificação do objeto diz respeito à determinação da relevância do assunto abordado. Definem-se, então, o valor absoluto de uma reportagem, quando o tema é de interesse dos leitores em geral; o valor intrinsecamente relativo, quando são suas peculiaridades que despertam interesse; e o valor extrinsecamente relativo, quando se dirige a um grupo particular de pessoas.

A documentação da ocorrência pressupõe o conhecimento das possíveis fontes de informação, bem como a investigação dos valores e de todos os aspectos de um acontecimento. Desta forma, será possível produzir uma reportagem contextualizada e ampliada. Por fim deverá ser considerado o acabamento dado à mensagem. É a fase de avaliação do ordenamento das informações, da seqüência de textos, das ilustrações e diagramação escolhida e do destaque dado ao texto final. Cada um desses aspectos é fundamental à determinação da Entrevista como gênero formador da opinião pública.

4.1 CAZUZA NA REVISTA VEJA



“O mundo de Cazuzza está se acabando com estrondo e sem lamúrias.” (ABREU, 1989, p. 80). Esta é a frase de abertura de uma das Entrevistas mais polêmicas e drásticas do Jornalismo brasileiro. Publicada na seção “Especial” da revista **Veja** de 26 de abril de 1989 (capa ao lado), a Entrevista com Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuzza, abalou os leitores e causou revolta em familiares e

amigos do cantor.

Experimentando os ares da liberdade e da democracia, após um longo período ditatorial, os brasileiros “revolucionários” dos anos 80 encontravam a inspiração para suas ações na explosão e ousadia de ídolos como Cazuza. O cantor também atraía o interesse da parcela mais conservadora da população, que fazia críticas à sua postura liberal. Positiva ou negativamente, o fato é que a vida pessoal e profissional de Cazuza despertava grande curiosidade na sociedade que despontava, principalmente após o ídolo assumir, diante de todo o país, ser portador do vírus da Aids. Usuário de drogas, alcoólatra e bissexual assumido, Cazuza despertava olhares diferentes sobre sua trajetória de vida, como ressalta a reportagem:

Há os que o apontem como herói e mártir da Aids. Há os que se sintam fascinados em beijá-lo na boca em público. Há os que o vejam com piedade. E há os que se sintam morbidamente atraídos pela tragédia de Cazuza. (ABREU, 1989, p. 80).

Devido à curiosidade dos leitores e às relações firmadas com a história da luta de Cazuza é que a temática adquiriu valor-notícia peculiar, sendo exaustivamente explorada pela mídia em geral. Primeira personalidade brasileira a assumir publicamente ser portador da doença, ele passou a despertar não apenas a identificação do público com suas obras e poesias, mas também com sua aflição. Neste contexto é que a repórter Angela Abreu, acompanhada por Alessandro Porro, chefe da sucursal de **Veja** no Rio de Janeiro, entrevistou Cazuza em seu apartamento no Leblon, em uma conversa que se prolongou por mais de duas horas.

Pode-se dizer que a escolha do ambiente, familiar ao entrevistado, contribuiu decisivamente para o detalhamento de muitos dos aspectos abordados. Em inúmeras partes do texto, a repórter fez referências ao cenário, não só situando o leitor, mas também transmitindo a ele sensações sobre o universo do entrevistado.

Em seu quarto, o ambiente lembra a assepsia de um hospital bem equipado, com tenda de oxigênio, máscara para facilitar a respiração, cadeira de rodas com forro especial no assento para evitar as escaras provocadas pela longa sedentariedade e uma mesa repleta de frascos de remédios. (ABREU, 1989, p. 80).

De acordo com sua circunstância de realização, a Entrevista pode ser caracterizada como dialogal. A entrevistadora adentrou a intimidade do entrevistado,

garantindo, assim, a troca de informações sobre o assunto que desejava abordar. O resultado foi uma reportagem detalhada, impactante e, em certa medida, sensacionalista, que mostrou uma realidade diferente das apresentações públicas do ídolo do rock, muitas vezes até criticado durante o texto.

Revelando o lado doloroso da luta de Cazuzza contra a Aids, **Veja** apresentou em oito páginas de Entrevista declarações do cantor sobre sua vida, carreira e doença, além de depoimentos dos pais e de amigos mais íntimos.

A inovação da reportagem, que compõe o que Cremilda Medina (1986) chama de perfil humanizado, está na forma de ligação entre os textos da repórter e as falas de Cazuzza. Poucas foram inseridas no decorrer do texto com o auxílio das aspas. Seus principais depoimentos receberam tratamento especial, destacados em quadros azuis, com subtítulos que localizam o leitor quanto ao tema abordado. Seis quadros reúnem as impressões do artista sobre a perspectiva da morte, os pais, a reação dos fãs, os cuidados médicos, o mundo dos espetáculos e Lauro Corona. Esta alternativa contribuiu para a construção de um texto arejado, dinâmico e visualmente agradável. Conforme classificações determinadas no capítulo anterior, seus depoimentos podem ser destacados como neoconfissões, já que revelam a abertura do entrevistado diante do entrevistador, a partir da exposição de seus medos, suas vontades e opiniões.

Me sinto livre, sem medo de morrer. Da última vez em que fui para a clínica, vi a cara da morte, entrei nela e saí, não sei como. É claro que eu não quero morrer, mas também não quero sofrer. Já pensei em suicídio, mas agora isso nem passa pela cabeça. Falei com meu médico: se alguma coisa acontecer comigo, eu não quero ver. (CAZUZZA, 1989 apud ABREU, 1989, p. 81).

Outro aspecto diferencial da Entrevista é a inclusão de declarações de outras pessoas ao longo do texto, ajudando a reconstruir parte da história do cantor. As falas de sua mãe, Lucinha Araújo, por exemplo, fornecem impressões sobre a personalidade do entrevistado. “Casei com o meu primeiro namorado, tive o Cazuzza e fiquei ali, tratando dele,

da coisa mais importante da minha vida, sem prestar atenção nas bobagens que ele fazia.” (ARAÚJO, 1989 apud ABREU p. 82).

Realizada de maneira intensiva, pode-se dizer que a Entrevista expõe a intimidade do cantor, sugerindo, até mesmo, pontos de vista a serem assumidos pelo público a seu respeito. Em diversas partes, o leitor é induzido a refletir sobre a gravidade de seu estado de saúde; em outras, a repórter tenta desmistificar a figura do poeta.

Cazuza não é um gênio da música. É até discutível se sua obra irá se perdurar, de tão colada que está no momento presente. [...] É um grande artista, um homem cheio de qualidades e defeitos que tem a grandeza de alardeá-los em praça pública para chegar a algum tipo de verdade. (ABREU, 1989, p. 87).

Quanto a seus objetivos, pode-se dizer que esta é uma Entrevista em profundidade, já que constrói, a partir das falas de Cazuza e dos demais entrevistados, uma seqüência de ações da vida do cantor, desde sua inclusão no universo artístico até a evolução de sua doença. Seu conteúdo, apesar do caráter biográfico, pretende muito mais do que entreter o leitor. Ele contribui para o posicionamento acerca de suas ações e de sua personalidade.

Investigando valores e aspectos desconhecidos sobre o entrevistado e os fatores motivadores da reportagem – vida, carreira, doença –, Angela reuniu variadas informações que enriqueceram o conteúdo da mensagem. Além do destaque atribuído à trajetória do cantor, ao longo do texto, foram apresentados versos de canções, fotos tiradas no dia da Entrevista e outras tantas de arquivo. A repórter ainda utilizou dados complementares, como o número de casos de Aids registrados na época e comparações entre as obras de Cazuza e de Marcelo Rubens Paiva e Noel Rosa. Essa preocupação com a ampliação do tema, insere o texto no âmbito do Jornalismo interpretativo.

Além do tratamento especial, típico da seção em que foi publicada, a Entrevista recebeu destaque na capa da revista que apresentou uma foto de um Cazuza magro e muito abatido sob o título *Cazuza: Uma vítima da Aids agoniza em praça pública*.

Na edição das informações o que não faltou foi o aproveitamento do aspecto emocional envolvido no assunto. Provas disso são o próprio título da página interna, *A luta em público contra a Aids*, e seu subtítulo, *Abatido aos poucos pela doença, o compositor Cazuzza conta como resiste em nome da vida e da carreira*. O apelo emocional da reportagem, que evidenciou os momentos de angústia e o drama do artista, foi tão forte que chegou a irritar o próprio Cazuzza. Manifestando-se contra a publicação, ele descreveu assim seu sentimento:

Tristeza por ver essa revista ceder à tentação de descer ao sensacionalismo, para me sentenciar à morte em troca da venda de alguns exemplares a mais. [...] Mesmo não sendo jornalista, entendo que a afirmação de que sou agonizante devia estar fundamentada em declarações dos médicos que me assistem, únicos, segundo entendo, a conhecerem meu estado clínico e, portanto, em condições de se manifestarem a respeito. A *Veja* não cumpriu esse dever e, com arrogância, assume o papel de juiz do meu destino. Esta é a razão da minha revolta. (CAZUZA, 1992 apud KARAM, 1997, p. 80).

De acordo com jornais da época, Cazuzza precisou ser hospitalizado após ler a publicação da conversa, o que fez com que Angela Abreu pedisse, em seguida, sua demissão da revista.

A Entrevista comprova a idéia de que o conhecimento da fonte, a reunião de informações prévias e o encontro com o entrevistado são fundamentais para a composição de um texto dinâmico e completo. Ela ainda abre espaço para uma observação importante: o clima amistoso entre entrevistador e entrevistado deve ir além do momento da conversa. Cazuzza emitiu declarações esperançosas sobre sua doença e, diante de um texto negativista, decepcionou-se com a entrevistadora, reagindo contrariamente à mensagem veiculada.

Como entre o fato e a versão jornalística sempre se interpõem os critérios de seleção do redator da matéria, bem como os baseados na linha editorial do veículo, a Entrevista exemplifica a construção de um texto reveladamente subjetivo, embora não deixe de reservar espaço para a construção de uma opinião própria por parte do leitor.

4.2 PEDRO COLLOR NA VEJA

A trajetória política de Fernando Collor de Mello, presidente que tomou posse em 15 de março de 1990, tomou rumos irreversíveis após a Entrevista concedida por seu irmão, Pedro Collor de Mello, à revista **Veja**. Publicada em 27 de maio de 1992 (capa ao lado), a conversa com o repórter Luís Costa Pinto foi o estopim de uma crise no governo federal que abalou todo país.

As denúncias de Pedro, que aos poucos se mostraram dirigidas ao então presidente, começaram semanas antes contra outro alvo: o tesoureiro da campanha presidencial de Collor e empresário alagoano Paulo César Farias, o PC. As declarações



compunham um dossiê que revelava a influência de PC no governo federal e alguns dos negócios escusos mantidos no exterior, além de fazer menções à corrupção, ao tráfico de influência e à extorsão. Embora não apresentasse provas que confirmassem as acusações, Pedro obteve credibilidade graças à condição de irmão do presidente.

No exemplar de 20 de maio de 1992, **Veja** conseguiu algumas provas das irregularidades financeiras relacionadas a PC. Cópias das declarações de renda do empresário, recebidas anonimamente pelo então deputado José Dirceu, chegaram à redação da revista e foram exibidas em uma reportagem que ganhou a capa e ocupou nove páginas da publicação, sob o título *Raio x na renda* e o subtítulo *As exóticas declarações de PC Farias ao Fisco vêm a público e Pedro Collor intensifica seus ataques ao irmão presidente*. Como assinalava a reportagem, o interesse de Pedro com as denúncias era mais amplo.

O destaque do nome de ambos [PC e Pedro Collor] ajuda a explicar por que a briga é acompanhada com tanto interesse. Mas ela não é suficiente para deixar esclarecer por que Pedro Collor vem atacando PC com tanta virulência. O fundo da questão é outro: Pedro Collor não está mirando em PC Farias. Seu alvo é o irmão, o presidente. (PINTO, Luís, 1992, p. 16).

A edição seguinte já estampava em suas páginas a Entrevista que aguçou a curiosidade de milhões de brasileiros, esgotando-se logo nas primeiras horas de vendas. O assunto, que conforme definição sugerida no início deste capítulo apresenta valor absoluto, ganhou notoriedade graças à reunião de diferentes critérios: proximidade no tempo e no espaço, interessando pela relevância dos elementos novos expostos; importância das pessoas envolvidas, revelando um escândalo na administração pública; e valor material, afetando o equilíbrio político e ideológico do país.

A publicação da Entrevista desencadeou uma seqüência de ações e posicionamentos, pautados no depoimento de Pedro Collor acerca da figura política de maior expressão nacional: o presidente. Além do sucesso editorial verificado nas vendas, o êxito da iniciativa pode ser mensurado pelas repercussões da Entrevista nos jornais e nas revistas de todo o país, nos comentários públicos e, principalmente, no abalo do cenário político ocorrido após sua divulgação.

Sob a chancela “Exclusivo”, utilizada para atrair a atenção do leitor para uma informação até então desconhecida, **Veja** apresentou a Entrevista ainda na capa, que exibia o rosto de Pedro Collor com o título *Pedro Collor conta tudo*. Antes da divulgação da conversa, um texto de duas páginas foi responsável por situar o leitor acerca dos acontecimentos prévios relacionados ao escândalo. Em tom irônico, a publicação utilizou-se da metáfora, referindo-se à parábola bíblica de Caim e Abel, e apresentou o entrevistado assegurando, implicitamente, sua confiabilidade.

Mas eis que surge um brasileiro, maior de idade, casado, pai de um casal de filhos, dizendo em público o que todos sempre comentaram na surdina. Ele fala com a autoridade de quem conhece Fernando Collor desde a infância e tem contato com PC Farias há mais tempo que o presidente. Ele tem alguns documentos, diz que testemunhou histórias e as relata. Ele é Pedro Collor. (PINTO, Luís, 1992, p. 16-17).

A Entrevista aconteceu em São Paulo, nas dependências da revista **Veja**, a pedido do próprio entrevistado, como informa a reportagem. Pedro Collor respondeu às perguntas do repórter acompanhado da irmã Ana Luiza e da esposa Maria Tereza, que em alguns momentos

interrompe o diálogo expressando suas opiniões. De acordo com o editorial da revista, entrevistado e entrevistador mantinham uma relação de confiança e troca de informações há alguns anos, o que contribuiu para a composição de um ambiente agradável à obtenção das informações.

A Entrevista, intensiva, veiculada na forma de perguntas e respostas ou pingue-pongue, foi diagramada em quatro páginas complementadas por outras duas, com a transcrição de partes dos depoimentos gravados em vídeo por Pedro Collor. Seleção dos principais trechos da conversa que durou cerca de duas horas, o texto que chegou às bancas buscou transmitir a idéia de que entre o presidente e PC existia uma “simbiose profunda”.

As revelações explosivas abordaram temas como drogas, caráter fraco do presidente, interesses políticos e enriquecimento ilícito. Pedro Collor fez, ainda, afirmações comprometedoras relacionando o irmão e PC Farias à criação de uma rede de comunicação em Alagoas com finalidades políticas. Podendo ser caracterizada como Entrevista diálogo, apesar da espetacularização já estabelecida em torno do fato, a conversa foi estruturada de forma a trazer à tona uma verdade de interesse não apenas nacional, mas que alcançaria repercussão internacional.

Diante dos cada vez mais freqüentes comentários sobre a sanidade mental do irmão do Presidente da República, o repórter foi direto, começando a Entrevista com a pergunta: “O senhor se considera louco?” (PINTO, Luís, 1992, p. 18). É claro que Luís Costa Pinto sabia da negativa que receberia como resposta, mas, desta forma, possibilitou ao entrevistado a utilização de argumentos que convencessem o leitor da veracidade das declarações que emitiria em seguida.

Não, de jeito nenhum. Nunca fiz tratamento psiquiátrico ou psicanálise. Essa pressão toda tem um objetivo claro. O objetivo foi passar para a opinião pública a sensação de que não tenho credibilidade, que estou sob forte comoção. (COLLOR 1992, apud PINTO, Luís, 1992, p. 18).

Na mesma publicação, **Veja** exibiu uma reportagem com uma junta de psiquiatras que não diagnosticaram qualquer tipo de distúrbio mental, reforçando a credibilidade de Pedro Collor.

Um dos aspectos mais importantes ressaltados pela Entrevista diz respeito à sociedade mantida entre Fernando Collor e PC Farias. Quando indagado sobre a situação de PC como “testa-de-ferro” do presidente nos negócios, o entrevistado demonstrou convicção:

Eu não acho, eu afirmo categoricamente que sim. O Paulo César é a pessoa que faz os negócios de comum acordo com o Fernando. Não sei exatamente a finalidade dos negócios, mas deve ser para sustentar campanhas ou manter o *status quo*.
(COLLOR, 1992 apud PINTO, Luís, 1992, p. 20, grifo do autor).

A denúncia valeu até o título da Entrevista, escrito entre aspas para se referir à frase do próprio entrevistado: “*O PC é o testa-de-ferro do Fernando*”. O mesmo tom de denúncia e de certeza utilizado nesta afirmação foi mantido outras vezes, contribuindo para a indignação dos leitores e para a polemização ainda maior do assunto abordado.

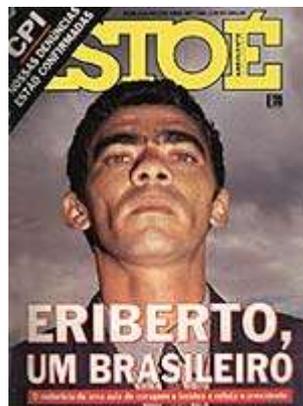
Complementando as declarações de Pedro Collor, foram inseridas fotos e destacadas diversas partes do texto em boxes, que garantiram maior visibilidade às informações e tornaram a leitura mais dinâmica. Nas duas páginas posteriores à Entrevista, sob o título *Uma limpeza geral*, **Veja** apresentou a transcrição de depoimentos de Pedro Collor gravados em vídeo. Separados de acordo com os assuntos aos quais se referiam, as afirmações foram reunidas em blocos com o auxílio de subtítulos. O caráter ofensivo assumido por Pedro Collor foi destacado nesta extensão da Entrevista, também produzida por Luís Costa Pinto.

Há quem considere a Entrevista como um marco na consolidação do Jornalismo investigativo no Brasil. O fato é que a partir de sua publicação, que resultou na deflagração do processo de impeachment do presidente, houve uma intensificação das buscas por provas que ligassem Collor a PC Farias, tanto por parte da Comissão Parlamentar de Inquérito instaurada, quanto por parte da própria imprensa. As revelações feitas durante a Entrevista não

permitiram que os veículos de comunicação, que até então mantinham um relacionamento pacífico com o “caçador de marajás”, como era conhecido o presidente, permanecessem inertes. Vários jornais e revistas, incluindo a **Veja**, passaram a exibir novas denúncias, Entrevistas com possíveis envolvidos e os avanços na investigação da CPI.

No dia 8 de julho do mesmo ano, a revista **IstoÉ** (capa abaixo) revelou a peça que faltava para a confirmação das informações em discussão, exibindo a Entrevista com Eriberto França, motorista da secretária de Collor, Ana Acioli. A reportagem produzida por Mino Pedrosa, Augusto Fonseca e João Santana Filho, desvendou o funcionamento do chamado

“esquema PC Farias”. O depositava grandes somas de que chegavam às mãos de Ana Eriberto para pagamentos de telefone e outras despesas



motorista foi a prova de que PC dinheiro em contas fantasmas, Acioli e eram repassadas a funcionários, contas de luz e de eventuais.

Assim como a reportagem publicada pela **Veja**, o conteúdo produzido pelos repórteres da **IstoÉ** ganhou destaque na revista, a começar pela capa, e repercutiu em todo o país. O testemunho de Eriberto, obtido a partir do propósito investigativo dos entrevistadores, revelou dados de interesse nacional, despertou a indignação do público e contribuiu para que as averiguações do fato chegassem a uma conclusão.

Reunindo impressões subjetivas dos entrevistados, as duas Entrevistas complementam-se e revelam duas formas possíveis de obtenção de informação. Na Entrevista da revista **Veja**, as informações foram obtidas graças à boa relação mantida por Luís Costa Pinto com Pedro Collor. Isso garantiu a confiança do entrevistado no entrevistador e suas revelações exclusivas. O trabalho dos jornalistas Mino Pedrosa, Augusto Fonseca e João Santana Filho demonstra a busca dedicada pelo furo jornalístico, pela expansão dos fatos. Investigando e pesquisando, estes profissionais conseguiram chegar até a fonte Eriberto

França, para produzir uma Entrevista que adquiriu importância fundamental no desfecho do caso, sendo decisiva para afastar Fernando Collor da atividade política durante oito anos.

4.3 ROBERTO JEFFERSON NA FOLHA DE S. PAULO

Em junho de 2005, mais um escândalo político nacional veio à tona graças à contribuição de uma Entrevista. Desta vez, o entrevistado foi o deputado e ex-presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Roberto Jefferson. Publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, em 6 de junho de 2005, no tradicional formato de perguntas e respostas, a reportagem abalou as estruturas do governo federal.

Na Entrevista concedida à editora da coluna “Painel” da **Folha**, Renata Lo Prete, Roberto Jefferson denunciou o esquema de corrupção que ficou conhecido como “escândalo do mensalão”. A conversa aconteceu na tarde anterior à publicação, no apartamento funcional do entrevistado em Brasília. Segundo a repórter, o ambiente era de tranquilidade e de segurança para o deputado.

Nas semanas que sucederam a Entrevista reveladora, Roberto Jefferson já ocupava os principais noticiários do país devido ao seu envolvimento e de seu partido nas denúncias relacionadas à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e ao Instituto de Resseguros do Brasil. Durante a Comissão Parlamentar de Inquérito, instaurada para averiguar as acusações, Jefferson decidiu abrir o jogo e contar o que sabia sobre a corrupção no governo Lula.

Ponto de partida para novas descobertas, a Entrevista de Roberto Jefferson representou uma mudança de rumo nas investigações em curso. De acusado de envolvimento em negociações de propina nos Correios, Jefferson assumiu o papel de denunciante de um esquema muito mais amplo, envolvendo deputados de diferentes partidos. Segundo suas declarações, feitas à jornalista da **Folha**, parlamentares aliados recebiam mensalmente a

quantia de R\$ 30 mil do então tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT), Delúbio Soares. Em troca, deveriam se posicionar a favor do governo nas votações do Congresso Nacional.

O caráter exclusivo da Entrevista contribuiu para a ampliação dos fatos, atraindo e despertando nos leitores a consciência sobre a gravidade das declarações de Jefferson no que diz respeito ao cenário econômico do país. Interessante em si mesmo e, portanto, revelando seu valor absoluto, o assunto repercutiu nacional e internacionalmente devido à condição de destaque das pessoas envolvidas e às conseqüências advindas de sua veiculação.

As duas páginas do jornal, ocupadas pela Entrevista, foram precedidas por um texto que pontuou as principais afirmações de Jefferson e evidenciou algumas das circunstâncias nas quais se deu o diálogo. O título escolhido para o texto introdutório – *Jefferson denuncia mesada paga pelo tesoureiro do PT* –, assim como o que introduz a Entrevista – *Contei a Lula do “mensalão”, diz deputado* –, apesar de atrativo, não pode ser classificado como bombástico ou sensacionalista; o que comprova a idéia de que leitores de jornal podem ser motivados por um texto aprofundado, bem escrito e produzido.

O ápice da Entrevista se dá por meio de uma pergunta simples e de grande interesse dos leitores: “O que o sr. sabe?” (LO PRETE, 2005). O entrevistado respondeu:

Um pouco antes de o Martinez morrer, ele me procurou e disse: "Roberto, o Delúbio [Soares, tesoureiro do PT] está fazendo um esquema de mesada, um "mensalão", para os parlamentares da base. O PP, o PL, e quer que o PTB também receba. R\$ 30 mil para cada deputado. O que você me diz disso?". Eu digo: "Sou contra. Isso é coisa de Câmara de Vereadores de quinta categoria. Vai nos escravizar e vai nos desmoralizar". O Martinez decidiu não aceitar essa mesada que, segundo ele, o doutor Delúbio já passava ao PP e ao PL.

Morto o Martinez, o PTB elege como líder na Câmara o deputado José Múcio (PE). Final de dezembro, início de janeiro, o doutor Delúbio o procura: "O Roberto é um homem difícil. Eu quero falar com você. O PP e o PL têm uma participação, uma mesada, eu queria ver se vocês aceitam isso". O Múcio respondeu que não poderia tomar atitude sem falar com o presidente do partido. (Folha SP) Aí reúnem-se os deputados Bispo Rodrigues (PL-RJ), Valdemar Costa Neto [SP, presidente do PL] e Pedro Henry (PP-MT) para pressionar o Múcio: "Que que é isso? Vocês não vão receber? Que conversa é essa? Vão dar uma de melhores que a gente?". Aí o Múcio voltou a mim. Eu respondi: "Isso desmoraliza. Tenho 22 anos de mandato e nunca vi isso acontecer no Congresso Nacional". (JEFFERSON, 2005 apud LO PRETE, 2005).

Em todas as suas afirmações, como no exemplo citado, Jefferson fez questão de expor os nomes dos envolvidos, lembrando conversas e citando parte dos diálogos que firmara com cada um deles. Comprova-se aí a abertura do entrevistado diante do entrevistador. Jefferson externou seu conhecimento sobre fatos de extremo interesse público. Como se relembresse momentos de sua vida, ele construiu suas declarações de forma realista, de modo a cativar a confiança dos receptores da informação. Apesar disso, a Entrevista mostra-se como um diálogo através do qual a jornalista procura trazer a tona uma verdade.

Pode-se dizer, ainda, que esta é uma Entrevista investigativa, já que é fruto de uma série de acontecimentos anteriores. Após a principal revelação do deputado, em que divulga o esquema de corrupção, a repórter passou a indagar sobre suas atitudes a partir do conhecimento dos fatos denunciados. Para isso, elaborou perguntas como “O sr. deu ciência dessas conversas ao governo?” e “A quem mais no governo o sr. denunciou a situação?”. Cumprindo o papel de representante do público, ou “agente inteligente”, Renata Lo Prete não deixou de questionar acerca da participação do presidente Lula nas ações envolvendo seu partido e o governo. Jefferson deu a ela respostas como a seguinte:

No princípio deste ano, em duas conversas com o presidente Lula, na presença do ministro Walfrido, do líder Arlindo Chinaglia, do ministro Aldo Rebelo, do ministro José Dirceu, eu disse ao presidente: "Presidente, o Delúbio vai botar uma dinamite na sua cadeira. Ele continua dando 'mensalão' aos deputados". "Que 'mensalão'?", perguntou o presidente. Aí eu expliquei ao presidente. [...] O presidente Lula chorou. Falou: "Não é possível isso". E chorou. Eu falei: É possível sim, presidente. Estava presente ainda o Gilberto Carvalho [chefe-de-gabinete do presidente]. (JEFFERSON, 2005 apud LO PRETE, 2005).

Realizada de maneira dialogal, a Entrevista permitiu o detalhamento do principal assunto abordado, visando à construção de uma série de impressões sobre o esquema e sobre a própria figura do entrevistado.

A divulgação da Entrevista teve papel fundamental no aprofundamento da crise no governo brasileiro, que passou a ser abordada pelos veículos de comunicação de todo o país. A Entrevista foi então o ponto de partida para a explanação dos fatos e para a reunião de provas sobre a veracidade do esquema.

5 CONCLUSÃO

Como descrevem Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho (1990, p. 5), “a evolução das técnicas de comunicação representa uma conquista e um desafio.” Conquista na medida em que abre caminhos antes inimagináveis para a difusão de conhecimentos e de informações; desafio já que o avanço tecnológico impõe a reestruturação da maneira como atuam os diversos veículos de comunicação.

Ao Jornalismo impresso, o desafio da renovação mostra-se indispensável à própria sobrevivência. Mais do que inovar para cativar a atenção dos leitores, a imprensa precisa encontrar o diferencial que conserve sua importância jornalística diante de meios essencialmente dinâmicos e interativos.

A utilização da modalidade interpretativa vem moldando os novos objetivos compartilhados por jornais e revistas. A meta é que sejam produzidos conteúdos aprofundados, que complementem as informações básicas já fornecidas em tempo real pelos noticiários televisivos ou pelos sites de informações. Produzidos em um espaço de tempo mais longo, os produtos impressos podem apresentar informações completas, sob diversos ângulos e unidas a opiniões de especialistas. Desta forma, permitem que os leitores assumam posicionamentos e tomem atitudes.

A reflexão sobre os modos de veiculação dos textos interpretativos, como mostra este trabalho, aponta a necessidade de revalorização do diálogo com as fontes de informação e da própria utilização da Entrevista como gênero jornalístico. Revelando-se como espaço de criação e de ousadia, ela pode ser um grande diferencial não apenas entre a imprensa e os demais meios de comunicação jornalísticos, mas também entre veículos impressos concorrentes. Sua originalidade reside até mesmo no fato de o texto resultante de um diálogo

jamais ser idêntico a outro, ainda que seja construído unicamente a partir dos depoimentos do entrevistado, como as Entrevistas apresentadas em estilo pingue-pongue.

O destaque às Entrevistas em seções exclusivas e fixas, como as “Páginas Amarelas” da revista **Veja**, comprova o sucesso do gênero entre os leitores. O espaço, imitador por veículos concorrentes, é um dos mais prestigiados e lidos de toda a história da publicação. A relevância jornalística da Entrevista pode, ainda, ser confirmada diante da peculiaridade de cada um dos casos analisados no trabalho.

A Entrevista de Cazuzza marcou o Jornalismo brasileiro do final dos anos 80, graças a sua forma de apresentação e ao modo como foram trabalhadas as informações nela contidas. O estilo da reportagem combinou depoimentos de parentes e de conhecidos do cantor com informações sobre sua vida e obra. O toque final foi dado pelas caixas de textos com as declarações emocionadas do entrevistado. Surpreendendo os leitores acostumados aos elogios à coragem de Cazuzza na luta contra a Aids, a reportagem desmistificou o ídolo do rock e causou polêmica.

O exemplo ainda confirma a idéia de que um assunto de conhecimento do leitor pode ganhar ares inesperados a partir de uma Entrevista. Além disso, demonstra que a composição de um perfil humanizado, além de despertar relações de projeção e de identificação a partir do apelo emotivo que emprega, também pode ser útil à ampliação da idéia que se tem sobre determinada personalidade ou fato.

Nas demais Entrevistas analisadas, a de Pedro Collor (**Veja**) e a de Roberto Jefferson (**Folha de S. Paulo**), a gravidade das declarações dos entrevistados já seria suficiente para despertar o interesse pela leitura das reportagens. A veiculação do diálogo, entretanto, fez-se indispensável para garantir a objetividade e a credibilidade na abordagem dos temas. Para isso, a escolha do estilo pingue-pongue foi acertada, transmitindo maior confiança ao leitor que se deparou com a transcrição fiel das declarações dos entrevistados.

Caracterizadas pelo tom de denúncia, as Entrevistas contribuíram para a explanação dos fatos e, principalmente, para a modificação dos acontecimentos em curso.

Estudar as origens e características da Entrevista jornalística torna-se, pois, importante para a compreensão de suas formas de aplicação, bem como das funções que é capaz de desempenhar. Considerando-se as variações destinadas à ampliação e ao aprofundamento dos fatos, é possível reafirmar sua eficiência enquanto gênero da modalidade interpretativa.

Seguindo a mesma proposição defendida por Morin (1973), o que se sugere é a compreensão da Entrevista sob a ótica de uma política de comunicação. A proposta é de que Entrevista seja realizada em conjunção aos seguintes princípios: busca da comunicação profunda com o outro; busca da atitude dialogante; transformação da mera assimilação em compreensão; e oferecimento de uma dimensão existencial nova à democracia.

Todos esses princípios podem ser observados na composição de cada uma das Entrevistas analisadas, aproximando-as da interpretação e, até mesmo, justificando suas repercussões pelo país. Pode-se dizer que o estabelecimento de uma *comunicação profunda com o outro* permitiu que os entrevistadores extraíssem das fontes seus conhecimentos e opiniões mais sinceras possibilitando, assim, que os textos atraíssem o interesse dos leitores. Cabe ressaltar que o *outro* deve ser entendido, sempre, como o entrevistado e também como o receptor da informação, para que seja atingido o êxito da situação comunicativa.

A *atitude dialogante*, por sua vez, foi estabelecida de modo a favorecer a busca por informações. Os entrevistados foram submetidos aos questionamentos e, ao mesmo tempo, tiveram a chance de externar e difundir suas declarações, recebendo atenção por parte de cada um dos entrevistadores. Isto comprova a importância do estabelecimento de uma atitude dialogal na composição de uma Entrevista. Uma vez respeitado, este princípio irá

garantir a troca construtiva de idéias e a ampliação dos dados; demonstrando ser indispensável a atitude do entrevistador de ouvir o seu interlocutor.

O terceiro princípio compõe o principal alvo da modalidade interpretativa: a *compreensão*. Nos exemplos analisados, ela foi estabelecida a partir da união entre os ideais de objetivação e de subjetivação. A objetivação foi garantida com a apresentação clara dos argumentos, o que permitiu análise e crítica do leitor. A subjetivação, por sua vez, se deu graças ao despertar da consciência e do sentimento, próprios da Entrevista. Desta forma, os leitores puderam assumir seus posicionamentos.

A nova dimensão à democracia é conferida a partir da idéia de que todos podem participar da situação comunicativa. Nos três casos analisados, os entrevistados eram personalidades consagradas devido a suas posições política ou cultural. No entanto, o diálogo democrático estabelecido com a Entrevista permite que seja dada “voz” a figuras ainda desconhecidas. O entrevistado não precisa ser uma figura de destaque no âmbito nacional para merecer credibilidade. Ao mesmo tempo, a produto jornalístico deve destinar-se ao público comum, que receberá as informações com autonomia para construir suas impressões.

Pode-se concluir que o gênero Entrevista é capaz de preencher uma lacuna do Jornalismo impresso. Além de apresentar informações, ela poderá fornecer importantes elementos para a formação da opinião pública, apresentando uma dimensão até então desconhecida para o fato divulgado. A partir da valorização da “voz” do entrevistado, em quem o leitor se projeta e com quem pode ou não se identificar, a Entrevista jornalística poderá contribuir para a recuperação da originalidade muitas vezes escassa nos veículos impressos.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Angela. A luta em público contra a Aids. **Veja**, São Paulo: Abril, n. 17, 26 abril 1989. p. 80-87.

ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista**. 2.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

_____. **Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CALDAS, Álvaro (Org.). **Deu no Jornal: o jornalismo na era da internet**. 2.ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.

CAMPO, Pedro Celso. Gênero opinativo. **Observatório da imprensa**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da010520026.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

CARVALHO, Sandro Silveira. **A informação e o jornalismo interpretativo**. 1987. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1987.

CRONOLOGIA da imprensa escrita no Brasil. **Mundo físico**. Disponível em: <<http://www.mundofisico.joinville.udesc.br/Enciclopedia/1618.htm>>. Acesso em: 9 set. 2008.

DAPIEVE, Arthur. Jornalismo Cultural. In: CALDAS, Álvaro (Org.). **Deu no Jornal: o jornalismo na era da internet**. 2.ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. p.94-112.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1990.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: tendências da comunicação e do jornalismo no mundo em crise**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et al. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3.ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GARRET, Annett. **A entrevista, seus princípios e métodos**. 8.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1981.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LO PRETE, Renata. Conteí a Lula do “mensalão”, diz deputado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 jun. 2005. Painel. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0606200504.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. 2.ed. São Paulo: Hacker Ed., 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media). 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1964.

_____. A imagem, o som e a fúria. In: ROSENBERG, Bernard; WHITE, David Manning (Orgs.). **Cultura de massa**. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 563-570.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

_____. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais, no rádio e televisão. In: MOLES, Abraham. **Linguagem da Cultura de Massas: televisão e canção**. Petrópolis: Vozes, 1973. p.125-135.

MÜHLHAUS, Carla. **Por trás da entrevista**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PINTO, Luís Costa. “O PC é o testa-de-ferro do Fernando”. **Veja**, São Paulo: Abril, n. 22, 27 maio 1992. p. 18-22.

PINTO, Lúcio Flávio. O jornalismo vital. **Observatório da imprensa**. 24 out. 2006. Disponível em:<<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=404MEM001>>. Acesso em: 10 set. 2008.

RIO, João do. **O Momento literário**. Rio de Janeiro: DNL, 1994.

ROUCHOU, Joëlle. Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo. In: CONGRESSO ANUAL DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4421/1/NP2ROUCHOU.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

SHERWOOD, Hugh C. **A entrevista Jornalística**. São Paulo: Mosaico, 1981.

TABAK, Israel. O repórter em ação. In: CALDAS, Álvaro (Org.). **Deu no Jornal: o jornalismo na era da internet**. 2.ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. p.59-78.

TRAMONTINA, Carlos. **Entrevista. A arte e as histórias dos maiores entrevistadores da televisão brasileira**. 2.ed. São Paulo: Globo, 1996.

7 ANEXOS

ANEXO A

Entrevista concedida pelo cantor Cazuzza à repórter Angela Abreu, publicada na edição de número 1077 da revista Veja. (26 de abril de 1989).

Número 1 077 **veja** 26 de abril de 1989



A luta de Cazuzza contra a Aids em praça pública

Sabendo que está com Aids desde 1987, o cantor e compositor Cazuzza conta com emoção como está enfrentando a doença, fala das crises pelas quais passou e relata como se sente ao ser alvo de uma curiosidade ambígua — repleta de afeto, solidariedade mas também de muita morbidez e sensacionalismo. **Pág. 80**



O PMDB decide não decidir quem vai indicar como candidato

Durante um encontro de dois dias realizado em Brasília, onze governadores do PMDB tentaram convencer o deputado Ulysses Guimarães (foto) a abrir mão de sua candidatura à sucessão do presidente José Sarney. Depois de longas discussões, a única decisão tomada foi a aprovação dos dois turnos para a escolha do candidato oficial do partido. **Pág. 44**



Milionário na cadeia

Justiça americana pede e a polícia da Suíça prende Adnan Khashoggi, o ex-homem mais rico do mundo, por trambiques com o casal Marcos. **Pág. 58**



Vaidade masculina

Com a chegada da griffe Giorgio Armani e suas peças intocáveis (foto), o brasileiro ingressa no primeiro mundo da moda. **Pág. 96**



Mudança de regras

O governo cria o reajuste trimestral de preços e corrige os salários em até 18,7%. Foi a opção para sair em ordem do congelamento. **Pág. 104**

ARTE	148	DATAS	103	GENTE	92
CARTA AO LEITOR	41	ECOLOGIA	79	LIVROS	134
CARTAS	15	EM DIA	39	LUIZ FERNANDO VERISSIMO	35
CIDADES	91	ENTREVISTA	5	MÚSICA	129
CIÊNCIA	75	ESPAÇO	101	PONTO DE VISTA	154
CINEMA	142			RADAR	57
COTAÇÕES	116			TEATRO	123

Capa: Foto: Sergio Zaliu/ZNZ Tiragem desta edição: 808 000 exemplares 43

ESPECIAL

A luta em público contra a Aids

Abatido aos poucos pela doença, o compositor Cazuzza conta como resiste em nome da vida e da carreira

O mundo de Cazuzza está se acabando com estrondo e sem lamúrias. Primeiro ídolo popular a admitir que está com Aids, a letal síndrome da imunodeficiência adquirida, o roqueiro carioca nascido há 31 anos com o nome de Agenor de Miranda Araújo Neto define um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável. Mas o cantor dos versos

Senhoras e senhores

Trago boas novas

Eu vi a cara da morte

E ela estava viva

faz questão de morrer em público, sem esconder o que está se lhe passando. Cazuzza conta como convive com a doença. Fala sem firulas de sua bissexualidade, de como se drogou pesadamente e confessa que está tendo dificuldade em se livrar do alcoolismo. Mais que isso, o artista trabalha continuamente e se expõe a todos os olhares. No momento, ele grava um disco, está fazendo um livro autobiográfico, compõe músicas e planeja um show. Os olhares que Cazuzza atrai são muitos e variados. Há os que contemplem o seu calvário com admiração pela coragem e garra do cantor. Há os que busquem o sensacionalismo e o escândalo. Há os que o apontem como herói e mártir da Aids. Há os que se sintam fascinados em beijá-lo na boca em público. Há os que o vejam com piedade. E há os que se sintam morbidamente atraídos pela tragédia de Cazuzza.

"É a minha criatividade que me mantém vivo", diz o roqueiro. "Meu médico diz que eu sou um milagre porque eu tenho tanta energia, tanta vontade de criar, e que é isso que me deixa vivo. Minha

cabeça está muito boa, ela comanda tudo." A cabeça do ex-integrante do Barão Vermelho continua funcionando exatamente como antes — inclusive quando alterna subitamente raciocínios sensatos com delírios poéticos, gestos de extremo afeto com agressões gratuitas, acusações levianas com elogios generosos. O que está muito diferente é o corpo do astro. De 68 quilos, ele passou para 40. Seu bronzeado já não esconde as manchas que lhe marcam o rosto. Se ainda há dois meses ele freqüentava a pista de dança do People, a boate que é um dos templos da noite carioca, ele agora não consegue andar sozinho, tem dificuldade em colocar uma fita no gravador, se cansa quando fala seguidamente e precisa de auxílio para realizar necessidades fisiológicas. Bené, um misto de secretário, guarda-costas e motorista, é quem o carrega nos braços pelo seu apartamento, quem o leva até o carro quando Cazuzza quer tomar um banho de cachoeira na Floresta da Tijuca ou vai gravar nos estúdios da Polygram no Rio de Janeiro.

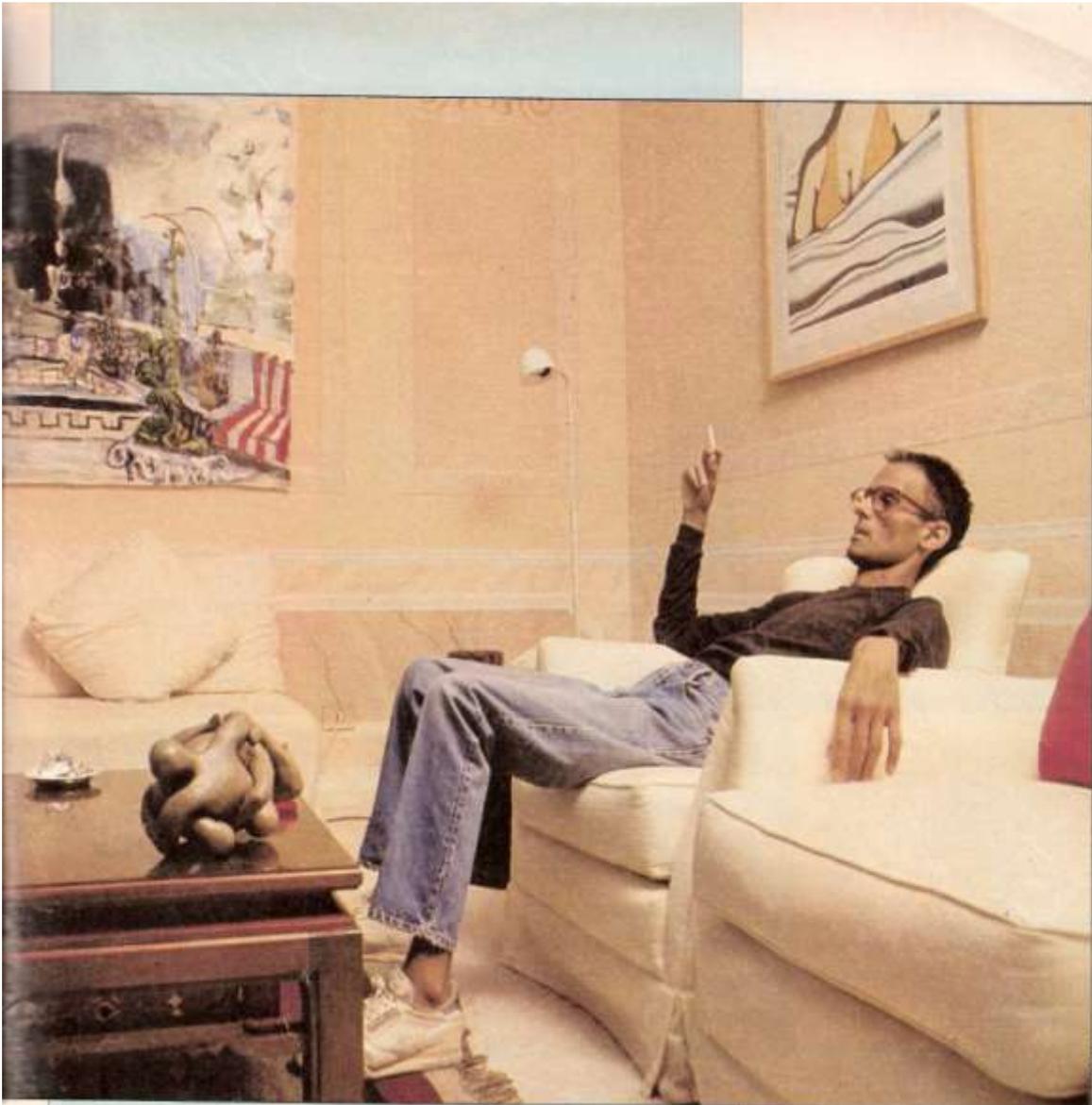
"Escumbros" — Na tarde de quarta-feira passada, Cazuzza recebeu Angela Abreu e Alessandro Porro, da sucursal carioca de VEJA, em seu apartamento no Leblon, para uma entrevista que durou duas horas e meia e fumou um maço inteiro de Lucky Strike. Sem fugir de qualquer assunto, falou sobre tudo e todos em depoimentos pungentes (veja quadros). Em seu quarto, o ambiente lembra a assepsia de um hospital bem equipado, com tenda de oxigênio, máscara para facilitar a respiração, cadeira de rodas com forro especial no assento para



Cazuzza, em seu apartamento: 40 quilos, comendo, gravando um disco e escrevendo uma autobiografia

evitar as escaras provocadas pela longa sedentariedade e uma mesa repleta de frascos de remédios. Das 6 horas da tarde às 8 da manhã uma enfermeira cuida do doente, que dorme seis horas por noite a poder de calmantes e às vezes acorda com dificuldades de respiração. Durante o dia, Fernanda Pessoa, 24 anos, sua secretária, é quem cuida de tudo, assistida por uma cozinheira e por Bené, que praticamente não desgruda de Cazuzza durante um minuto.

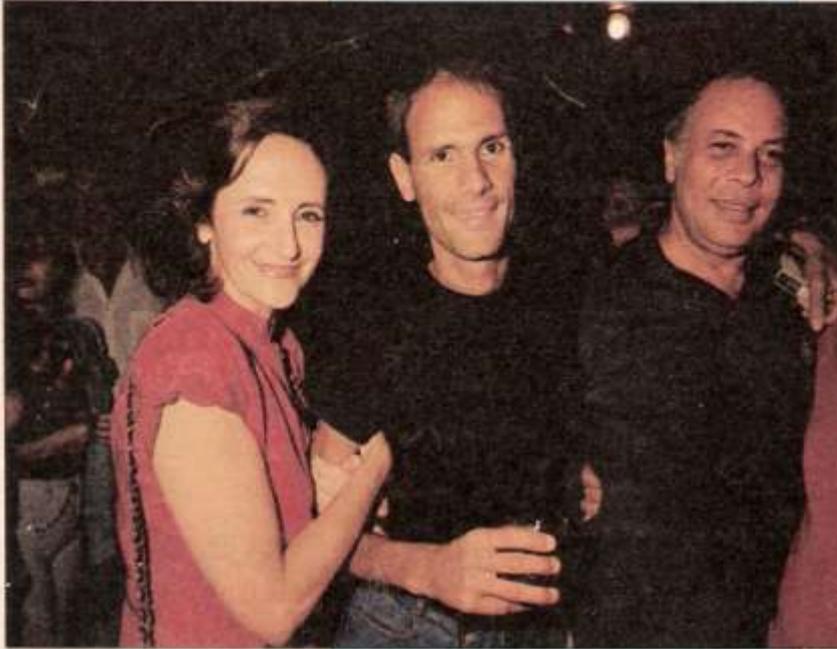
O cantor está morando num apartamento no 18.º andar, de onde se avista toda a Praia do Leblon, desde o início do mês. Há quatro anos, deixou a casa dos pais, Lucinha e João Araújo, diretor da gravadora Som Livre. Desde que soube que estava com Aids, Cazuzza teve crises



SOBRE A PERSPECTIVA DA MORTE

"Me sinto livre, sem medo de morrer. Da última vez em que fui para a clínica, vi a cara da morte, entrei nela e saí, não sei como. É claro que eu não quero morrer, mas também não quero sofrer. Já pensei em suicídio, mas agora isso nem me passa pela cabeça. Falei com meu médico: se alguma coisa acontecer comigo, eu não quero ver. Que ele me dê morfina, muita morfina, porque eu quero ir embora dormindo. Estou pronto para assinar um papel nesse sentido. Mas não vai ser preciso. Tenho certeza de que vou viver muito tempo ainda. Minha criatividade me mantém vivo. Minha cabeça comanda tudo. Já perdi a oportunidade de morrer, passou minha vez."

de desespero e quase quebrou toda a mobília por duas vezes: atirou garrafas na janela, chutou cristaleiras e jogou vasos no chão. "Assisti a uma dessas crises, uma cena terrível", lembra uma amiga do cantor. "Ele não estava tão magro como agora, mas nunca foi um gigante, e assumiu a postura de um Rambo enlouquecido, destruindo tudo que via pela frente. A quebradeira durou poucos minutos e depois veio o choro, dele e dos pais abraçados, num monumento vivo de desgraça entre os escombros da casa destruída." Lucinha Araújo, cantora bissexual, é quem cuida das finanças e propriedades do filho, que é dono de um apartamento, um Jeep e uma perua Belina, cobra 6 200 cruzados novos por show e vive de direitos autorais. "Não sei quanto tenho, mas sei que sou perdulário, que gasto tudo que posso e minha mãe toma conta de meu dinheiro", diz Cazusa.



Com os pais, João e Lucinha Araújo: rebeldia desde os 15 anos

Lucinha, sofrida e corajosa, jamais usa a palavra Aids, preferindo "aquela doença". Presença assídua mas discreta no apartamento do filho, ela lamenta não poder impedir que Cazuzo "faça coisas que não lhe trarão benefícios". Nervosa e emocionada, ela se culpa pelo estado do filho. "Casei com o meu primeiro namorado, tive o Cazuzo e fiquei ali, tratando dele, da coisa mais importante da minha vida, sem prestar atenção nas bobagens que ele fazia", lembra Lucinha. "Eu não tinha experiência, não sabia de nada, achava que estava fazendo o melhor." A mãe comenta ainda que Cazuzo começou a lhe dar trabalho aos 15 anos, e "não parou mais" desde então.

OITO DETENÇÕES — O cantor é o primeiro a reconhecer que foi um menino-problema, um adolescente-problema, um jovem-problema, um homem-problema e é hoje um doente-problema. "Aos 12 anos fumei o meu primeiro baseado, olhei as estrelas e pensei que a maconha era o máximo", conta Cazuzo. "Fui expulso do Colégio Santo Ignácio porque fumava maconha no corredor, me matriculei no Colégio Anglo-Americano e encontrei minha verdadeira turma; todo mundo fumava e cheirava na minha classe." Pego com maco-

SOBRE OS PAIS

"Quando eu tinha 3 anos, meu pai me deu uma bola. Eu a peguei no colo e a ninei como a uma boneca. Essa foi a primeira decepção que meu pai teve comigo. Meu pai e minha mãe são as pessoas que eu mais amo no mundo, mas nem sempre eles entendem o que passa pela minha cabeça. Eu tenho minhas idéias, meu mundo, daí acontece que, às vezes, a gente não conversa, mas discute. Mas a paixão que eu tenho por eles é a maior do mundo, e sem eles eu hoje não estaria aqui. Meu pai nasceu pobre, trabalhou e foi subindo na vida até chegar a uma cobertura em Ipanema. Ele é uma pessoa muito positiva. Quando eu cheguei em casa e disse que ia morrer, ele respondeu: 'Vamos ficar juntos, lado a lado, e vencer isso'."

nha no bolso, Cazuzo foi detido oito vezes. "Geralmente eu ia para a 14.ª Delegacia, em Copacabana, e meu pai ia lá me soltar, mas isso foi na época do governador Chagas Freitas, quando a polícia fazia uma repressão brava em cima dos drogadinhos da Zona Sul."

O cantor fumava maconha, cheirava cocaína e usava heroína, embora o seu vício mais sério sempre tenha sido o álcool, principalmente o uísque. Some-se a essas drogas todas uma vida sexual extremamente intensa, com parceiros e parceiras, e se tem um quadro da vida de Cazuzo, dos caminhos que ele percorreu. A história das artes está repleta de drogados (do poeta

inglês William Blake ao rolling stone Keith Richard), de alcoólatras (de Ernest Hemingway a William Faulkner) e de promíscuos sexuais (de Marcel Proust a Jean Genet). O problema, nos anos 80 do século XX, é que a combinação desses fatores facilita a contaminação com o vírus da Aids. E, além disso, principalmente no mundo do rock dos dias de hoje, a vida do artista se confunde quase totalmente com a sua obra — e ambas estão submetidas ao escrutínio ou à bisbilhotice. Vida pessoal, canções, intimidades, cachês, discos, namoros e shows de astros do rock tendem a virar um único espetáculo.

Agenor de Miranda Araújo, o avô de Cazuzo, teve sífilis aos 28 anos, enlouqueceu aos 38 e morreu duas décadas depois sem nunca ter deixado de ser considerado uma espécie de doido alegre pela família. Naqueles tempos, a sífilis não tinha cura, era considerada uma doença maldita que, conforme se dizia, se transmitia "pecando". "Meu avô morreu dois anos antes de eu nascer, mas para mim ele é muito importante, uma figura presente", diz o cantor, que fez uma música, *Nabucodonosor*, em homenagem ao velho Agenor. "Minha mãe, que tem 90 anos e é muito ligada ao Cazuzo, ficou bastante emocionada com a música", conta o pai do roqueiro. Se o avô teve

trinta anos de vida desde que contraiu a doença, o neto disporá de muito menos tempo, a não ser que se descubra a cura da Aids.

MEDO — Cazuzza desconfia que está com Aids desde 1985, quando começou a ter febre nos fins de tarde, se tratava com duas aspirinas e ia para os bares à noite. Quanto a esse momento, ele registra um de seus raros arrependimentos quanto a sua vida pregressa. "Se nesse começo eu tivesse ido logo a um médico, hoje estaria muito melhor." Nessa época, também, ele leu um artigo sobre Aids numa revista e ficou ambiguamente impressionado. "Sempre fui muito destrutivo, eu achei que tinha Aids, eu quis ter Aids", lembra. Em outubro de 1987, como os sintomas da doença se manifestassem com maior vigor, ele fez os testes e descobriu a verdade. O consultório de seu médico ficava perto da praia, para onde ele foi depois de ver os resultados dos exames. "Sentei num banco diante do mar e fiquei apavorado, pensando: eu vou morrer, eu vou morrer", conta. Ele foi então para a casa dos pais e comunicou que ia morrer. Seus pais não aceitaram o fatalismo do cantor e o internaram numa clínica. "Eles não saíram do meu lado um minuto. Minha mãe foi uma leoa, ficava ao lado da minha cama e nem deixava que as enfermeiras me tocassem", reconhece, agradecido. "Eu queria sair do hospital, queria acabar logo com tudo aquilo, mas ela me mandava ficar quieto, e eu ficava." Quando saiu da clínica, Cazuzza gravou o Lp *Ideologia*, que considera hoje "um disco um pouco triste".

Com *Ideologia*, ele deu um salto na sua arte e entrou na terceira fase da sua carreira. Na primeira etapa, a dos três discos lançados pelo grupo Barão Vermelho entre 1982 e 1984, havia muito da tolice do rock brasileiro, com suas letras chinfrins e seu sonzinho barato. Mas no grupo já se destacavam as baladas, as canções românticas rasgadas,

A platéia do especial da Globo: "Não me senti usado pela emissora"

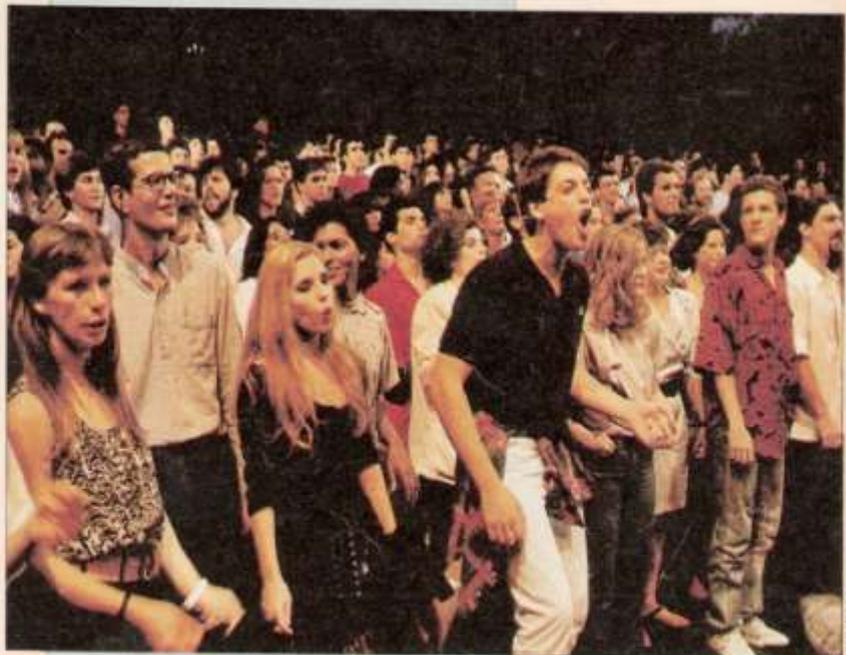
SOBRE A REAÇÃO DOS FÃS

"Existe uma curiosidade um pouco fora do normal por parte do público com relação a minha doença. Especialmente das pessoas das primeiras filas de meus shows, que me olham com ar de espanto, de preocupação. Mas depois todo mundo aplaude, e eu vibro. Eu sei lidar com o público. Tenho domínio do palco, fico com as pessoas na minha mão. Eu sempre olho para as pessoas da primeira fila. O resto, não quero nem saber. Só não agüento aqueles que vêm no camarim, ou que me esperam na saída, para me abraçar e sussurrar em meu ouvido: 'Coragem, Cazuzza, coragem', com ar de funeral. Xingo essas pessoas na mesma hora."

à maneira de Dolores Duran, compostas por Cazuzza. Na segunda fase, já com o Barão dissolvido, ele aprofundou-se na trilha do rock romântico, com as canções derramadas e inovadoras dos LPs *Exagerado*, de 1985, e *Só se For a Dois*, de 1987. Com *Ideologia*, finalmente, o compositor ficou mais melancólico, mais político, mais contundente — e captou como poucos um certo desencanto com o país. Na interpretação de Gal Costa, a música *Brasil* foi tema de abertura da novela *Vale Tudo*, fazendo com que milhões de pessoas ouvissem diariamente os versos:

*Não me convidaram
Para esta festa pobre
Que os homens marcaram
Pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada
Antes de eu nascer*

Ao saber que estava com Aids, Cazuzza só contou a má notícia aos pais. "Não dava para sair na rua gritando: 'Gente, estou morrendo!'" Ele ficou calado durante seis meses, quando já corria solto o boato de que ele estava com a doença. Até que reuniu os amigos em sua casa e contou o que estava acontecendo. "Disse a eles que era Aids mesmo, que a gente tinha de curtir porque eu não sabia quanto tempo mais iríamos ficar juntos",



afirma. "Depois dessa reunião me senti melhor." Para o público, no entanto, ele não disse nada — ainda que muita gente desconfiasse do mal que o acometia. Em dezembro, ao ser entrevistado por Marília Gabriela no programa *Cara a Cara*, ela lhe perguntou se estava com Aids e ouviu uma negativa. "Mas num intervalo do programa ele me confessou que havia chegado com a intenção de declarar que estava com Aids, só que na hora H pensou nos pais e nos amigos, que eram contra a divulgação, e perdeu a coragem", diz Marília Gabriela. A apresentadora argumentou que não via motivos para esconder o que todo o mundo sabia. "Eu disse ao Cazuzza que, se ele declarasse publicamente que estava com Aids, poderia estar tirando um peso das costas e, ao mesmo tempo, estaria ajudando outras pessoas na mesma situação, já que ele estava bonito, ativo e produzindo coisas lindas."

PALAVRÕES — Cazuzza ouviu o conselho atentamente, mas decidiu acatá-lo apenas em parte. Um mês depois, durante uma conturbada turnê pelo Nordeste, ele fez referências cada vez mais abertas à Aids. "Meu amor agora está perigoso", disse ao público num show em Maceió. "Mas não faz mal, eu morro, mas morro amando." Ao longo do período nordestino, o cantor se apresentou embriagado, desmaiou no cama-

SOBRE CUIDADOS MÉDICOS

"Quando li pela primeira vez um artigo falando da doença, pensei que era aquilo que eu tinha. Comecei a ter febre nos fins de tarde, mas não contava para ninguém. Tomava duas aspirinas e ia para o bar, beber. Se nesse começo tivesse ido a um médico, hoje estaria muito melhor do que estou. Agora faço tratamento psiquiátrico para sair do alcoolismo. Tomo remédio para não ter vontade de beber, e não bebo. À noite, tomo um calmante e durmo seis horas. É pouco. Já vivi uma época em que dormia doze horas seguidas. Muitas vezes acordo sem ar e preciso de ajuda. Sexo ainda é importante para mim. Não sou um aidético casto."

rim, arriou as calças no palco (estava sem nada por baixo), bolinou os seios de uma fã e despejou dúzias de palavrões nos ouvidos das platéias. Estava sem controle, ziguezagueando entre a depressão e a euforia, mas seguiu o conselho de seu médico e seguiu para os Estados Unidos, internando-se no Boston Medical Center.

No hospital americano, o cantor chegou à conclusão que era melhor assumir publicamente que estava com Aids. Pesaram na sua decisão os argumentos de Marília Gabriela e o contato que teve com um outro paciente do hospital. "No quarto ao lado do meu estava um rapaz que passava os dias andando pelos corredores, com ar deprimido. Cheguei perto dele e abri o jogo, dizendo que para os aidéticos não havia cura, mas só paliativos, e que era bom aproveitar." O rapaz ainda tentou negar as evidências. "Mas eu não estou com Aids, minha mãe me disse que não há nada definido." Com a crueza que lhe é habitual, Cazuzza foi direto à ferida. "Deixa de ser bobo, você e eu estamos com Aids, e o negócio é botar para quebrar porque a tristeza mata mais depressa", respondeu. "O rapaz sorriu e talvez a partir daquele momento tenha começado a viver novamente — comigo, aconteceu a mesma coisa." Ainda nos Estados Unidos, em fevereiro, Cazuzza deu sua primeira entrevista reconhecendo que estava com Aids.

O cantor voltou ao Brasil cheio de planos e idéias. Caio Graco Prado, dono da editora Brasiliense, convidou-o a publicar um livro, e Cazuzza resolveu fazer dois. Para um deles, ele está gravando uma série de entrevistas com o amigo Tavinho Paes, que pretende transformá-las num relato autobiográfico. No outro livro, quer reunir suas letras de música e versos. Caio Graco não acha que, ao editar um livro de Cazuzza, esteja sendo sensacionalista ou se aproveitando da tragédia do cantor. "Nem sabia que ele estava com Aids quando pensei no livro, apenas achei que ele é um artista muito inteligente, uma espécie de crítico da sua geração", diz o editor. "E, depois que ele assumiu publicamente a doen-

Em 1987, quando fez o teste de Aids: "Sempre fui muito destrutivo"



OSWALDO BALBUENO

**Corona: desmentido
categórico de que também
esteja com Aids**

ça, minha admiração só aumentou: o Cazuzza teve a coragem de falar de um assunto que todo mundo evita." Caio Graco admite, no entanto, que o público às vezes fica fascinado quando um artista expõe seu drama pessoal de maneira sincera. "A reação das pessoas ao Cazuzza pode ter alguns pontos de contato com o que ocorreu quando Marcelo Rubens Paiva lançou *Feliz Ano Velho*", arrisca. "Meio milhão de pessoas compraram o livro de Marcelo, fascinadas com o depoimento do jovem cujo pai foi morto pela polícia política e que ficou paraplégico."

"RITO CELESTIAL" — Marcelo Rubens Paiva, por sua vez, acha que há, sim, pontos de contato entre a sua situação e a de Cazuzza, mas existem muitas diferenças. "Quando escrevi *Feliz Ano Velho*, eu estava começando do zero, iniciando um novo ciclo, inclusive fisicamente, estava saindo daquele mundo de isolamento dos hospitais e UTIs, enquanto o Cazuzza me parece estar encerrando um ciclo e entrando no mundo hospitalar", diz o escritor. Para ele, as semelhanças entre ele e o cantor se encontram mais na reação das pessoas. "Pode ser que muita gente, ao saber o que passei e o que Cazuzza está passando, considere que os problemas delas são pequenos, domésticos frente ao que julgam ser as grandes tragédias", raciocina Marcelo. A dificuldade, nesses casos, é que ocorre uma superestimação do artista. "Acho, francamente, que meu livro foi superestimado", diz. Quanto a Cazuzza, o escritor tem dúvidas. "Não entendo muito bem de letras e poesia, mas, até onde sei, o Cazuzza está acima da média desse roquinho brasileiro tão inosso."

Marcelo Rubens Paiva tem ainda outras duas pistas para se tentar entender a reação do público ao Cazuzza-com-Aids-pública. "Como a morte para ele é algo presente, as pessoas encaram tudo que ele diz, ou fala, ou compõe como uma espécie de testamento, de últimas palavras", diz. O peso, a gravidade que as declarações e músicas de Cazuzza adquirem levam o público a reagir de maneira estranha. "No show dele em



SOBRE LAURO CORONA

"Ele deve estar com Aids, sim. Quem tem Aids fica com o cabelo ralo no lado da cabeça. É um dos sinais mais claros. Mas ele vai esconder a doença até morrer, vai fazer igualzinho ao Rock Hudson. Ele é muito galãzinho, muito vaidoso. Deus queira que ele não tenha Aids. Mas, de repente, ele vive sendo internado, não sei. (...) Quando eu estava no hospital de Boston, pensei muito e acabei descobrindo que ficar calado me deixava ainda mais traumatizado. É uma situação ambígua, de esconde-esconde. Mostrar aos outros que com a Aids pode-se continuar vivendo, trabalhando, produzindo me pareceu o caminho mais certo. Agora me sinto mais aliviado."

São Paulo, várias pessoas me falaram que aquilo não era um espetáculo de música, mas um "rito celestial", e iam ao show como que para se despedir do Cazuzza."

Entre os que sofrem de Aids, a exposição pública de Cazuzza foi considerada altamente benéfica. "Ele está ajudando a tirar o estigma da doença", opina o sociólogo Herbert de Souza, que, como seus irmãos — o humorista Henfil e o músico Chico Mário, ambos falecidos —, foi contaminado pelo vírus da Aids numa transfusão sanguínea para controlar sua hemofilia. "Cazuzza sabe que só há morbidez onde existem sombras e jogou luz sobre o assunto, ajudando milhares de pessoas", completa. O sociólogo, mais conhecido como "Betinho", considera que a carga de preconceitos contra Cazuzza é maior. "Todo aquele que tem Aids é discriminado, mas o preconceito aumenta quando se trata de homossexuais ou drogados — eles também são discriminados devido a suas opções de vida, as pessoas julgam que os homossexuais e drogados estão doentes por culpa própria." Há hoje no Brasil mais de 5 500 casos registrados de Aids e uma estimativa de que meio milhão de pessoas estejam contaminadas pelo vírus, mas ainda não exibam os sintomas. "Quem tem Aids deve fazer como o Cazuzza: fugir da morbidez, enfrentar de frente o estigma, assumindo publicamente a doença.

Com isso, diminui a curiosidade em volta, se ajuda os outros a viver melhor e, principalmente, o doente se ajuda a si mesmo, enfrentando melhor as dificuldades.”

“MALDITO” — “Cada um tem o direito de dizer se está ou não com Aids”, diz o escritor Herbert Daniel, que militou nos anos 60 e 70 nos grupos terroristas Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares e Vanguarda Popular Revolucionária, voltou do exílio em 1981 e agora, no início do ano, descobriu que está com Aids. “Acho criminosos os boatos que surgem em torno dessa ou daquela pessoa porque, no fundo, esses mexericos significam bisbilhotar a sexualidade de um ser humano”, diz Daniel, homossexual declarado. Ninguém tem padecido mais com esses boatos do que o ator Lauro Corona. Abatido, magro, pálido e com o cabelo

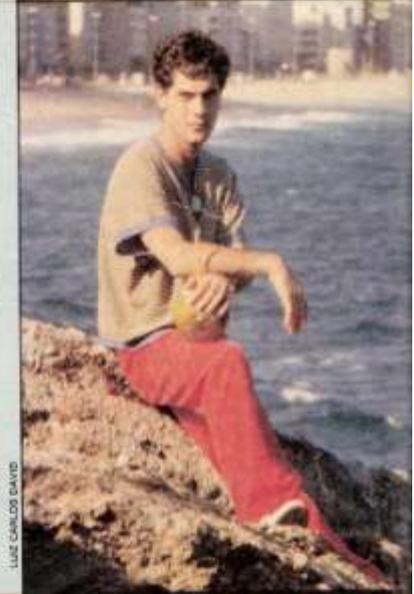
russo de problemas. “Na última vez que me internei, foi por puro álcool”, conta. “Eu, que deveria ter uma vida tranqüila, sem beber nem me cansar, passei dois dias numa praia enchendo a cara de cachaça, de caninha 51 mesmo. Me dei mal, fui para a Clínica São Vicente e foi um milagre não ter morrido”, lembra. Com acompanhamento psiquiátrico, calmantes e trabalho, Cazuzza vem tentando se livrar do alcoolismo e das crises de depressão. Sempre que tem forças, ele vai ao estúdio da Polygram para, sentado e às vezes deitado, gravar o seu álbum duplo. Alguns amigos do cantor consideram que a gravação desse álbum — que tem a música *Burguesia*, em que afirma que a elite brasileira não é discreta nem tem charme — está contribuindo muito para manter Cazuzza vivo. O problema é que ele já gravou músicas suficientes para encher não dois,



RODRIGO REIS

SOBRE O MUNDO DOS ESPETÁCULOS

“Ser marginal foi uma decisão poética, mas foi o único caminho que tive. Descobri que era um artista aos 16 anos. Antes, aos 11, os Novos Baianos foram passar três dias na minha casa, e eu pensei que queria ser como eles. Baby Consuelo andava com um espelho retrovisor na cabeça, e eu achava o máximo. Recentemente, a Som Livre acabou com os artistas contratados, e eu também tive que sair. Mas teria saído do mesmo jeito porque eu era visto como o filho do dono, e não como artista, e todo mundo me adulava. Então saí e entrei em leilão. As ofertas eram boas, mas nem todas me convinham. A Warner queria que eu fosse um ídolo gay, e eu não quis. Com o que vendo, sou um biscoitinho bom para as gravadoras.”



LUZ CARLOS DAVID

mais rão, ele se afastou da novela *Vida Nova* em meio a um intenso burburinho: tinha dificuldade em decorar os textos e se cansava facilmente. Lauro explicou que o seu papel exigia que ele trabalhasse ao lado de um forno de padaria num estúdio gelado, o que lhe provocou problemas pulmonares. “Eu não estou com Aids, mas a campanha que a imprensa está fazendo contra mim é tão grande que eu passei a ser encarado como um maldito”, disse o ator a VEJA há pouco mais de um mês, quando a onda de boatos chegou ao ápice. “É uma irresponsabilidade da imprensa noticiar especulações, provocando repercussões definitivas em minha vida profissional e afetiva”, afirmou Lauro, que desde então vem se recusando a falar com jornalistas.

Para Cazuzza, admitir ter Aids pode ter ajudado, mas ele enfrenta uma montanha-

mas três LPs. “Ninguém tem coragem de dizer ao Cazuzza para parar de gravar, ninguém tem coragem de desligar esse plug que pode estar servindo para ligá-lo à vida”, diz um funcionário da Polygram. Há um medo cada vez maior na gravadora de que Cazuzza passe mal e venha a morrer dentro do estúdio.

ÍNDIOS E ESCRAVOS — Se há pessoas que, muito justamente, têm medo e se preocupam com Cazuzza, a começar pelos seus pais, ele mesmo não aparentava medo na semana passada. Ele parecia seguir a exortação que o poeta inglês Dylan Thomas fez a seu pai moribundo num verso memo-

Em criança (ao alto), em 1984 (acima), pouco antes da carreira solo, e com Gal Costa, na Globo



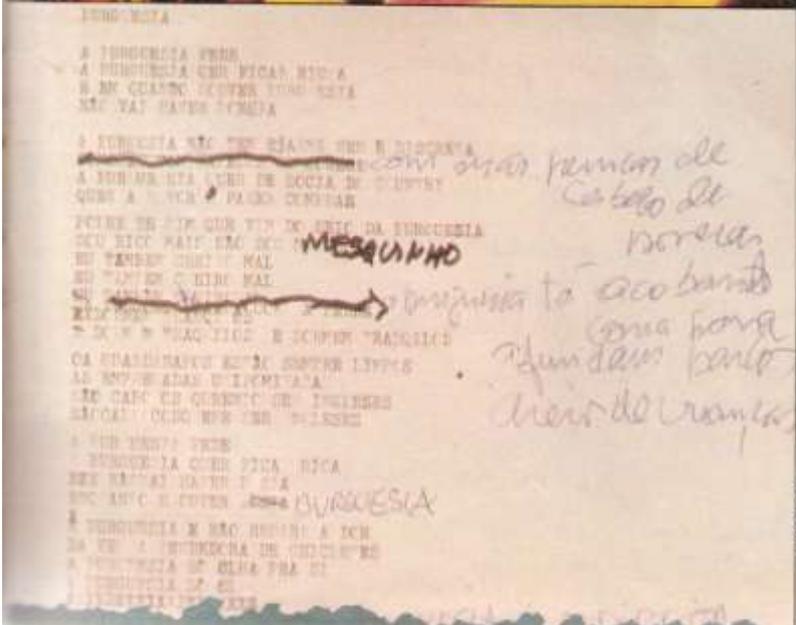
FLAVIO CRO



ANTONIO AUGUSTO FORTES



JORGE KOHNEN/AGUIRES



SEBASTIÃO DA SILVA

rável: *Fúria, fúria contra a luz que morre,*
ao mesmo tempo que assimilava a resignação sábia do francês Charles Baudelaire:

*É a morte que consola, ah!, e que faz viver
Ela é o objetivo da vida, a única esperança
Que, como um elixir, nos embala e dá alento*

E nos dá forças para prosseguir até o fim do dia

A sua maneira, na música *Azul e Amarelo*, Cazuzza fez algo como uma síntese de Dylan Thomas e Baudelaire:

*Estou pronto pra ir
Ao teu encontro, Senhor
Mas não quero
Não vou, não quero*

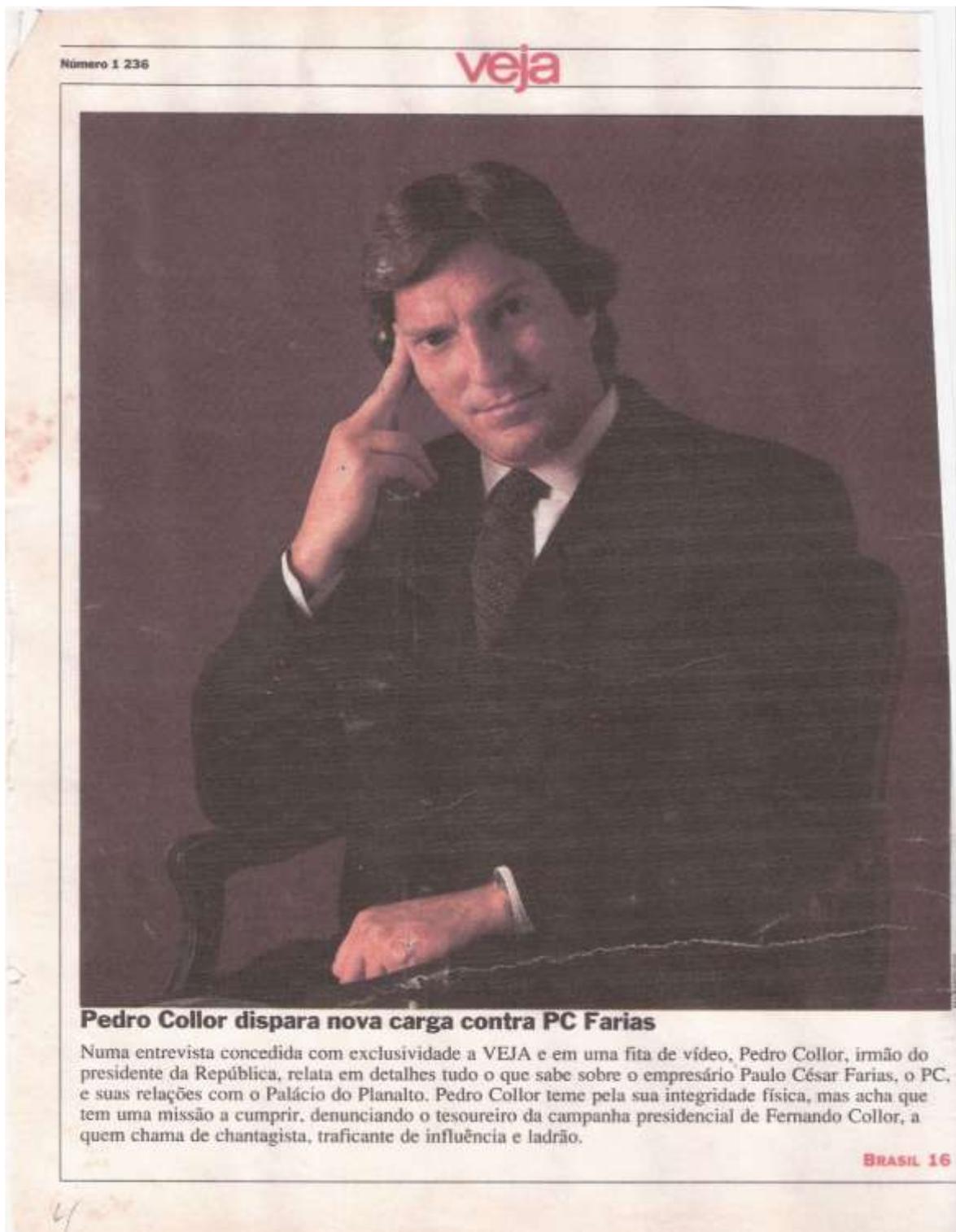
Cazuzza não quer que as pessoas tenham pena dele. Tampouco considera que suas condições físicas estejam sendo exploradas pela televisão, pela imprensa ou pelas gravadoras. "Realmente não acredito nisso", diz. "Também no programa especial de fim de ano da Globo não me senti usado. Achei o programa muito bonito, eu dançava, corria, adorei." Mas, sem dúvida, o drama de Cazuzza tem servido de pretexto para que se escrevam algumas bobagens.

O jornalista verde Fernando Gabeira, por exemplo, escreveu que o verso *A droga que já vem malhada antes de eu nascer* é uma "reflexão sobre a própria civilização brasileira, que se instalou com a rapina colonial e a intensa exploração de índios e escravos negros". Gabeira também acha que o verso do poeta Wally Salomão *Eu sou o beijo da boca do luxo na boca do lixo*, com o qual Cazuzza se identifica, demandaria "alguns anos de estudo" até que fosse interpretado corretamente. Quando o ecologista topar com letras de Tom Jobim, Chico Buarque ou Caetano Veloso, para não falar de Shakespeare ou Dante, quantos séculos de estudo precisará? Cazuzza não é um gênio da música. É até discutível se sua obra irá perdurar, de tão colada que está ao momento presente. Não vale, igualmente, o argumento de que sua obra tende a ser pequena devido à força do destino: quando morreu de tuberculose em 1937, Noel Rosa tinha 26 anos, cinco a menos que Cazuzza, e deixou compostas nada menos que 213 músicas, dezenas delas obras-primas que entraram pela eternidade afóra. Cazuzza não é Noel, não é um gênio. É um grande artista, um homem cheio de qualidades e defeitos que tem a grandeza de alardeá-los em praça pública para chegar a algum tipo de verdade.

Com o Barão Vermelho, em 1982 (ao alto), e no Rock in Rio, em 1985. Ao lado, uma letra do próximo LP

ANEXO B

Texto que precede a Entrevista concedida por Pedro Collor de Melo ao repórter Luís Costa Pinto, publicado na edição de número 1236 da revista Veja (27 de maio de 1992).



BRASIL

Chegou ao Planalto

Os ataques de Pedro Collor a PC Farias atingem em cheio o presidente e abrem uma crise política



De uma obscura briga pelo mercado editorial alagoano, a disputa entre os empresários Pedro Collor de Mello e Paulo César Cavalcante Farias transformou-se em poucos dias numa parábola bíblica, num drama familiar de tinturas shakespearianas, num debate médico sobre sanidade e demência, numa piada aguda e numa crise que agita os meios políticos.

Parábola bíblica: Pedro Collor diz que o presidente usa PC como instrumento para a realização de negócios escusos, corrupção e assalto aos dinheiros públicos (veja entrevista à pág. 20). Pedro e Fernando parecem Caim e Abel. Com a dificuldade que não se sabe qual é Caim e qual Abel.

Drama familiar: com som e fúria, a grei Collor de Mello expôs suas mazelas íntimas ao país. Sob pressão de três filhos, Leda Collor, a matriarca do clã, destituiu Pedro Collor da direção das empresas da família, alegando que ele não está no pleno domínio de suas faculdades mentais. O empresário destronado contou com o apoio da irmã Ana Luiza, que corrobora o sentido geral de suas denúncias. Ou seja, se a tese de dona Leda está correta, dois de seus filhos padecem de forte perturbação mental (veja reportagem à pág. 26).

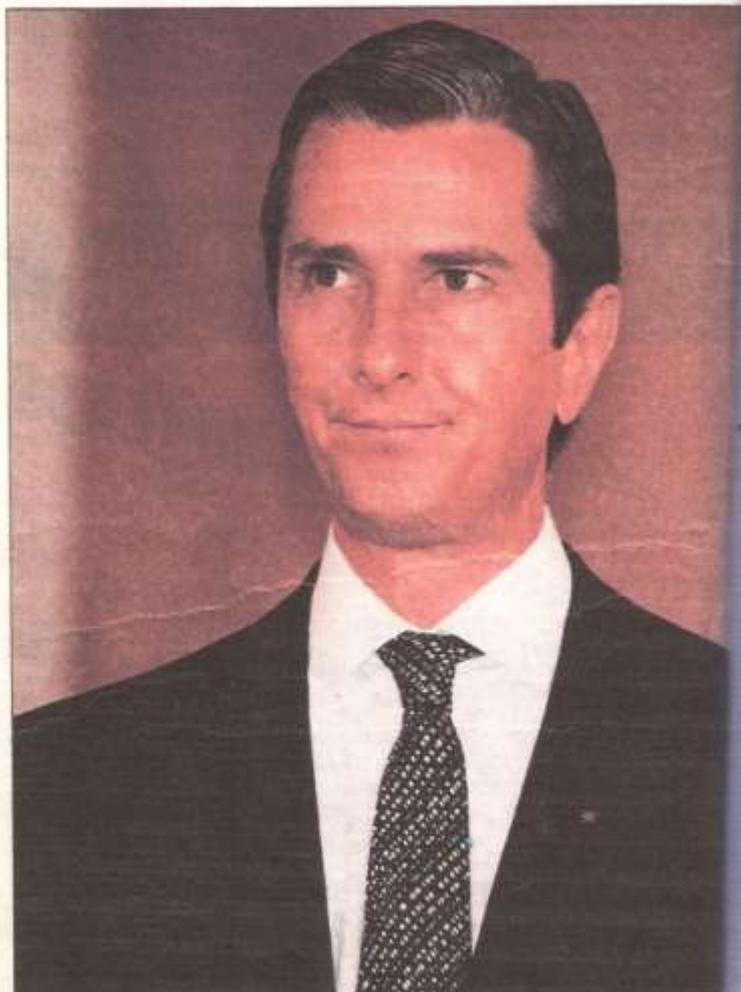
Debate médico: a pedido de Pedro Collor, uma junta de psiquiatras reuniu-se em São Paulo para atestar se ele está atravessando uma fase de distúrbios emocionais ou mentais, já que dona Leda usou esse argumento para afastá-lo dos negócios da família. A iniciativa da maioria dos Collor de Mello parece coisa de soviético, da época em que os comunistas internavam dissidentes na Sibéria com a alegação que tinham problemas psiquiátricos (veja quadro à pág. 28).

Piada de Jô Soares: há um sujeito dizendo que PC Farias anda metido em negócios escusos. Ele acrescenta que PC é amigo de Collor, foi caixa de sua campanha e tem uma grande influência no governo. Esse sujeito que diz coisas tão absurdas só pode estar doido de pedra, e deve ser internado imediatamente.

Crise política: o ataque chegou ao Planalto. A crise é produto do paradoxo da

piada. O Brasil inteiro sabe que PC foi o gerente da caixa da campanha de Collor à Presidência. Desde a posse, em 15 de março de 1990, não há roda de políticos e empresários que não comente exemplos de como, com o beneplácito do presidente, Paulo César Farias transita pelos meandros do governo nomeando altos funcionários do Estado e, através dele, ganhando toda sorte de negócios.

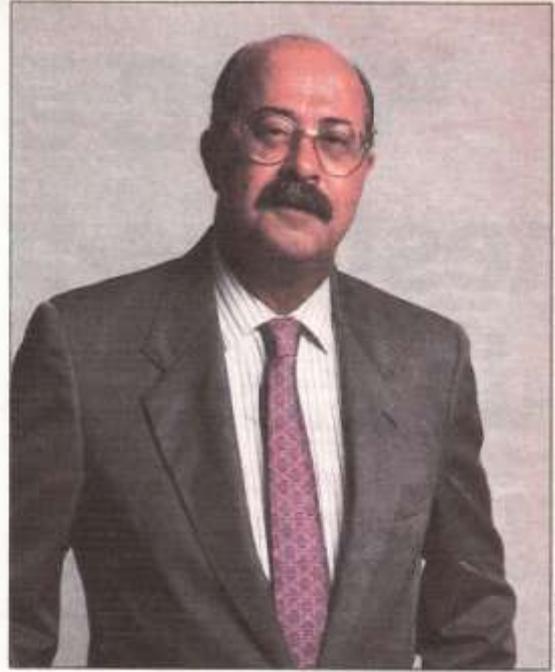
Mas eis que surge um brasileiro, maior de idade, casado, pa-



O presidente Fernando Collor na semana passada: na briga entre Caim e Abel

um casal de filhos, dizendo em público o que todos sempre comentaram na surdina. Ele fala com a autoridade de quem conhece Fernando Collor desde a infância e tem contato com PC Farias há mais tempo que o presidente. Ele tem alguns documentos, diz que testemunhou histórias e as relata. Ele é Pedro Collor. Foi tachado de louco pela família, e de chantagista por PC Farias. No mundo político, especulou-se sobre os motivos de Pedro Collor, e sutilmente o responsabilizaram por um abalo em potencial às instituições democráticas. Dado os passos erráticos de Pedro Collor no seu crescente de denúncias, supunha-se que ele esteja fora de si. Isso invalida suas denúncias?

No Congresso, os líderes dos partidos discutiram a oportunidade de convocar uma Comissão Parlamentar de Inquérito para discutir o caso. Discussão teatral, já que devido ao receio de que a montagem da CPI abrisse um processo que conduzisse ao impeachment de Fernando Collor, nem o PT estava muito disposto a formar a comissão. Devido a razões pragmáticas e políticas, e aterrorizantes, é imprudente formar a CPI. "O Congresso não pode ficar abrindo CPI para investigar briga de políticos", diz o pragmático deputado Humberto Souto, líder do governo na Câmara. Para a razão política, basta ver o currículo das CPIs que já foram montadas no Congresso: nunca



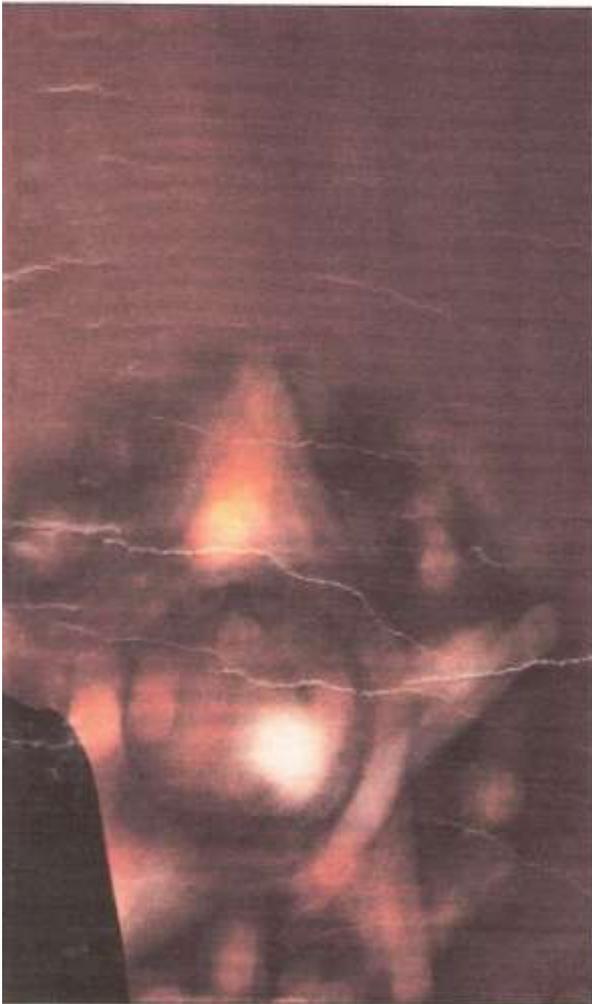
PC Farias: 1,4 milhão de dólares para o Leão em 1992

investigaram nada até o fim ou chegaram a uma conclusão indesmentível. Uma CPI se destinaria exclusivamente a fazer sangrar o governo Collor, minando ainda mais a sua credibilidade. Razões aterrorizantes: o vice-presidente da República, sucessor institucional no caso do afastamento de Collor, atende pelo nome de Itamar Franco.

"As instituições existem para funcionar, e não para ser guardadas na geladeira", opina o presidente da Câmara, deputado Ibsen Pinheiro. O procurador-geral da República, Aristides Junqueira, segue na mesma linha. "As instituições democráticas são fortes, e não serão abaladas em hipótese nenhuma por denúncias de irregularidades, por mais fortes que sejam", diz Junqueira.

Os personagens centrais da celeuma encerraram a semana com projetos de se acalmarem. O presidente, atingido em cheio pelos ataques do irmão, continuava quieto na sexta-feira. Pedro Collor anunciou a Luis Costa Pinto, de VEJA, que pretende viajar para Paris nesta terça-feira. "Vou sair um pouco do circuito e ficar com a família", diz o irmão do presidente, que quer viajar com a mulher Tereza e os filhos. "A carga vai ser pesada nas próximas semanas, e estamos precisando de paz", explica Tereza. No dia 9 de junho, Pedro Collor planeja entregar suas denúncias ao procurador-geral da República.

"Pretendo ficar calado, recolhido", disse PC Farias a Mario Sergio Conti, de VEJA, na noite de sexta-feira. Com a publicação de suas inconcebíveis declarações de imposto de renda na edição da semana passada da revista, PC intui que pode vir a ter problemas, e já tem uma estratégia montada. "Se a Receita detectar algum erro técnico ou lapso em minhas declarações anteriores, vou consultar advogados e contadores", diz PC. "Se a Receita tiver razão, pago as multas. Se achar que tenho razão, deposito as multas em juízo." Na declaração de 1992, que entregou no dia 14 passado, Paulo César Farias pagou um imposto de renda radicalmente diferente dos anteriores. "Somando a pessoa física com as jurídicas, paguei 3,885 bilhões de cruzeiros ao Leão", conta o dono do *Morcego Negro*. São cerca de 1,4 milhão de dólares — imposto de renda digno de um milionário extremamente cioso de seus deveres para com o Fisco. Pelo menos as denúncias tiveram esse efeito.



...não se sabe quem é Caim e quem é Abel

Entrevista concedida por Pedro Collor de Melo ao repórter Luís Costa Pinto, publicado na edição de número 1236 da revista Veja (27 de maio de 1992).

“O PC é o testa-de-ferro do Fernando”

Em entrevista exclusiva,
Pedro Collor acusa o presidente de manter
uma sociedade com PC Farias



Na tarde da última quarta-feira Pedro Collor tomou um avião em Macaé e chegou a São Paulo após uma escala no Recife. Em companhia da mulher, Maria Tereza, e de uma irmã, Ana Luiza, Pedro Collor deu uma entrevista de duas horas a VEJA. A seu pedido, o encontro ocorreu nas dependências da revista. A mulher e a irmã de Pedro Collor foram testemunhas de suas declarações, e chegaram a colaborar em algumas respostas. Além de fazer novas denúncias sobre a atividade de PC Farias no governo, Pedro Collor diz que ele é “testa-de-ferro” do presidente Fernando Collor. Diz que o jornal Tribuna de Alagoas, que PC Farias quer lançar em Macaé, na verdade pertence a seu irmão. Também garante que um apartamento de Paris que se supunha ser propriedade do empresário na realidade pertence a Fernando Collor. Para Pedro Collor, existe uma “simbiose profunda” entre os dois. Os principais trechos da entrevista:

VEJA — O senhor se considera louco?

PEDRO COLLOR — Não, de jeito nenhum.

VEJA — Se a sua própria mãe está falando isso, é o caso de perguntar. Já fez algum tratamento psiquiátrico?

PEDRO COLLOR — Não, nunca fiz tratamento psiquiátrico ou psicanálise. Essa pressão toda tem um objetivo claro. O objetivo foi passar para a opinião pública a sensação de que não tenho credibilidade, que estou sob forte comoção. Convineram mamãe a assinar

aquela carta. Ela é muito ingênua nesse sentido.

VEJA — As suas afirmações e denúncias, os documentos que o senhor levantou contra Paulo César Farias e as críticas que vem fazendo ao presidente colocam o governo e o país numa situação delicada. O senhor está ciente disso?

PEDRO COLLOR — Absolutamente consciente.

VEJA — O senhor tem dito que suas revelações podem acabar com o governo do seu irmão. É isso que o senhor quer?

PEDRO COLLOR — Não, mas qual foi o principal mote da campanha do Fernando? Quem roubar vai para a cadeia. Na prática, estou vendo uma coisa completamente diferente. Ninguém pode enrolar todo mundo o tempo todo.

VEJA — Essa briga começou em torno do lançamento de um novo jornal, que concorreria com a Gazeta de Alagoas, das organizações Arnon de Mello?

PEDRO COLLOR — Em janeiro de 1991, levei ao Fernando, no Palácio do Planalto, o plano de se montar um novo jornal em

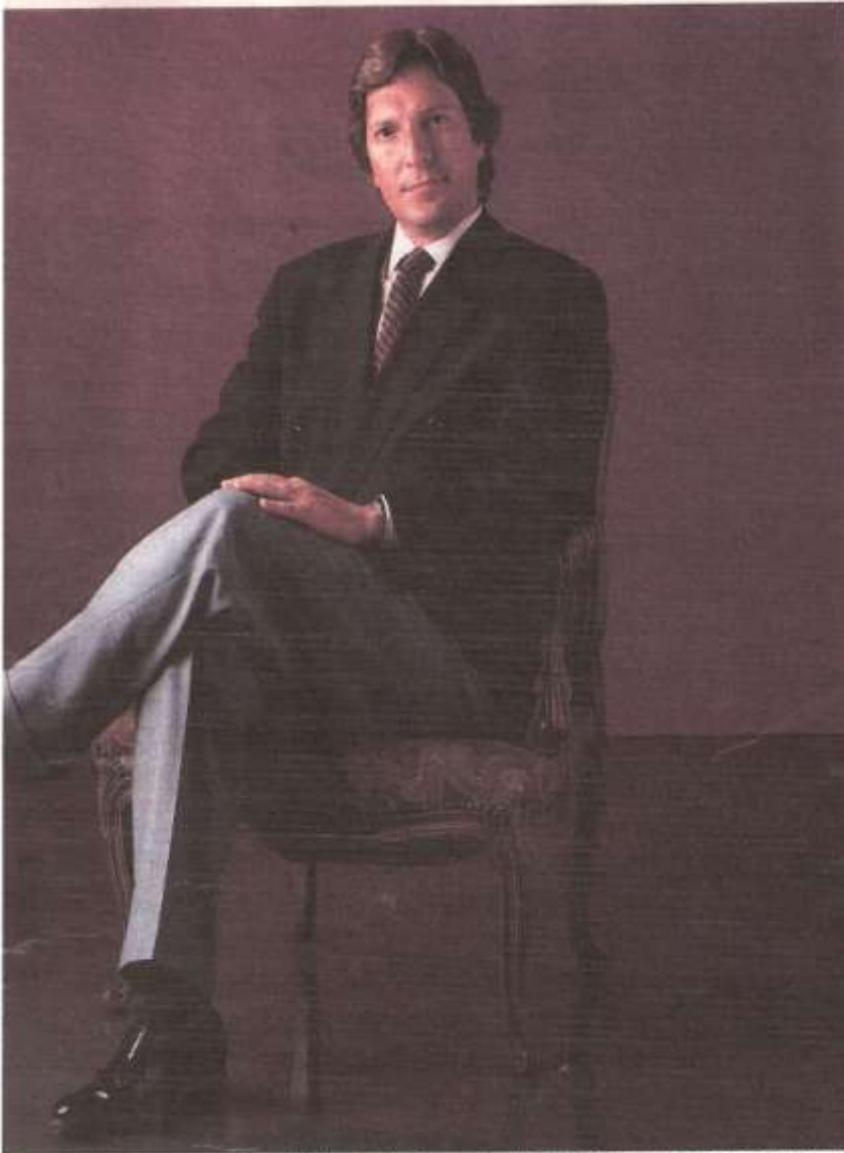
“O Fernando é incapaz de sentar numa mesa e dizer assim: eu preciso de grana para a minha campanha, me ajude. Ele pode estar nu e sem sapato que não pede ajuda. O PC toma e deixa você nu. A diferença é essa”

Pedro Collor: “Existe uma...

Alagoas. Seria um jornal vespertino, houve no passado vespertinos no Estado que pararam por um motivo ou outro, agora não há nenhum. Como achei havia uma brecha no mercado, e a gente do nosso grupo estava ociosa, fiz a proposta ao Fernando. Expliquei que o novo jornal não faria parte do grupo da Gazeta, seria uma iniciativa à parte.

VEJA — O que o presidente achou da idéia?

PEDRO COLLOR — Ele me disse o seguinte: “Não, não é a idéia do jornal adiante porque eu vou montar uma rede de comunicação paralela em Alagoas com o Paulo César, e ele terá um jornal”. O Fernando



...simbiose entre Fernando e Paulo César. Uma simbiose profunda"

do falou que o jornal iria se chamar *Tribuna de Alagoas*. Disse também que a *Tribuna* seria impressa na imprensa oficial do Estado. Então perguntei por que ele não imprimia esse novo jornal na gráfica do nosso grupo. O Fernando respondeu: "Não".

VEJA — A rede de comunicação seria de PC Farias?

PEDRO COLLOR — O PC seria o testa-de-ferro. Era uma empresa de testa-de-ferro, que teria o jornal e de doze a catorze emissoras de rádio.

VEJA — Qual foi a sua reação a essa rede?

PEDRO COLLOR — Raciocinei que, se o novo jornal ia ser impresso na imprensa oficial, seria em preto-e-branco, um jornal para ocupar espaço, evitar que grupos ad-

versários na política entrassem na área. Dizia-se que não era um jornal para concorrer efetivamente com a *Gazeta* e, de repente, compraram um maquinário exatamente igual ao nosso, e me tomam funcionários pagando três ou quatro vezes mais do que eles ganham conosco. Então é um negócio para destruir o nosso, certo? Foi aí que a coisa começou. Houve também um problema com a instalação de rádios. Na mesma reunião em que falei do novo jornal com o Fernando, eu disse que precisávamos também de duas rádios, FMs pequenas ou médias, na periferia de Maceió.

VEJA — Como o senhor conseguiria essas rádios?

PEDRO COLLOR — Pelas vias normais. Essas duas rádios já existiam no plano traçado pelo governo.

VEJA — E obteve as rádios.

PEDRO COLLOR — Obtive duas negativas. Simultaneamente, eles mexeram no plano, a ponto de contemplar todas as cidades que até então não estavam com rádios FM.

VEJA — Isso foi feito por quem?

PEDRO COLLOR — Por solicitação do deputado Augusto Farias, irmão do PC. Vejam bem: conversei com ele tentando montar um jornal, falo das rádios que podem entrar. Negam para mim. E viabilizam para eles umas doze rádios que nem estavam cogitadas no plano.

VEJA — O senhor tentou chegar a um acordo sobre o jornal antes de começar a recolher documentos sobre os negócios de PC?

PEDRO COLLOR — Houve tentativas que não deram certo, porque a intenção não era montar um jornal assim ou assado, mas montar um jornal para destruir o nosso. Em fevereiro passado, saiu aquela reportagem do Eduardo Oinegue, em *VEJA*, sobre o assunto, em que eu chamava o PC de lepra ambulante. Eu estive então com o Cláudio Vieira (*secretário particular de Collor, afastado do governo na reforma ministerial*). O Cláudio me disse que há cinco dias o Fernando não despachava com ele, nem com o general Agenor, nem com o Marcos Coimbra. O Cláudio Vieira me contou que no dia anterior o Fernando havia se reunido, durante uma hora e meia, com o procurador-geral da República, Aristides Junqueira. Segundo o Cláudio me

contou, o procurador disse ao Fernando que, se eu não desmentisse a reportagem de *VEJA*, o Junqueira iria instaurar um inquérito, e que isso derrubaria o governo. Eu respondi ao Cláudio que não tinha intenção de derrubar o governo de ninguém, que minha intenção era me preservar e alertar que o PC era uma bomba atômica ambulante, independentemente de jornal ou coisa que o valha. Esclareci que não poderia desmentir a reportagem pura e simplesmente, e pedi um compromisso firme de que o PC não iria tentar acabar com nossa organização. Sugerí que a *Gazeta* arrendasse a gráfica da *Tribuna*, pagasse, e nós imprimíssemos o jornal. Cheguei a conversar depois sobre essa proposta com o PC, e ele disse que adorou. Na hora de formalizar o acordo, sumiu. O Cláudio Vieira então me disse que o Paulo César estava com

outras idéias e iria me procurar. Estou esperando até hoje.

VEJA — Por que o presidente Collor, se é ele que está por trás dessa rede de comunicações montada pelo PC, estaria interessado em prejudicar e até destruir os negócios da família?

PEDRO COLLOR — É uma questão que só Freud explica. (Tereza, mulher de Pedro Collor, pede para falar.)

TEREZA — O Fernando Collor faz isso porque o Pedro não se submete a ele. O Fernando viu que não podia tirar o Pedro da administração dos negócios da família. Foi o Pedro quem geriu, e bem, as empresas durante esses anos todos. O Fernando quer o meio de comunicação como instrumento político, enquanto o Pedro tem a responsabilidade de administrá-lo como empresa. É daí que nasceu a divergência.

VEJA — O senhor acha mesmo que o PC é um testa-de-ferro do presidente nos negócios?

PEDRO COLLOR — Eu não acho, eu afirmo categoricamente que sim. O Paulo César é a pessoa que faz os negócios de comum acordo com o Fernando. Não sei exatamente a finalidade dos negócios, mas deve ser para sustentar campanhas ou manter o status quo.

VEJA — De quem é o apartamento de Paris onde funciona a S.C.I. de Guy des Longchamps e Ironildes Teixeira?

PEDRO COLLOR — É dele.

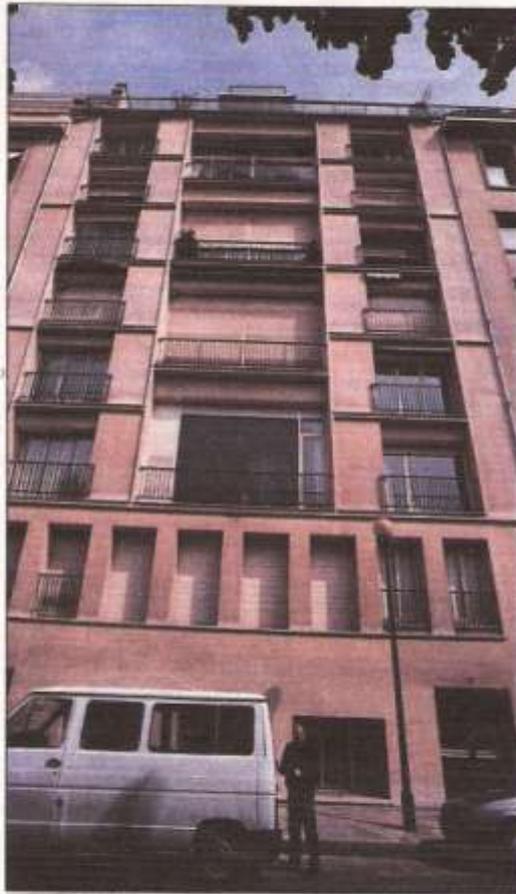
VEJA — Dele, quem?

PEDRO COLLOR — Dele. Do Fernando, claro.

VEJA — O senhor não tem dívidas?

PEDRO COLLOR — Não tenho a menor dívida.

VEJA — De quem é o jatinho Morcego Negro?



APARTAMENTO

Pedro Collor diz "não ter a menor dúvida" de que o presidente é dono de um apartamento em Paris. Ele se refere ao imóvel de 2,7 milhões de dólares (à esq.) onde funciona a S.C.I. Financière Albert 1er. A empresa pertence ao brasileiro Ironildes Teixeira e ao francês Guy des Longchamps (ao centro). Ironildes é dono de uma empresa em Miami com a qual PC já negociou o leasing de um avião. Há 20 dias, PC disse a VEJA que só conhecia Longchamps superficialmente. Há 15, admitiu que lhe pedia conselhos. Na semana passada, VEJA descobriu um contrato de trabalho de Longchamps com a EPC, a empresa de PC, assinado em julho de 1990. O contrato entre ambos estabelece que Longchamps...

PEDRO COLLOR — Acho que é do Paulo César, mas não posso afirmar.

VEJA — O presidente Collor sairá mais rico do governo?

PEDRO COLLOR — Em patrimônio pessoal, sim. Sem dúvida nenhuma.

VEJA — O presidente está envolvido na sua denúncia de que o Paulo César recebeu uma comissão de 22% sobre os negócios entre a empresa IBF e o governo para a implantação da raspadinha federal?

PEDRO COLLOR — O Fernando não entra no varejo da coisa. Ele apenas orienta o negócio.

VEJA — O que acontece com o dinheiro?



PEDRO COLLOR — O Paulo César diz para todo mundo que 70% é do Fernando e 30% é dele.

VEJA — O senhor acredita nisso?

PEDRO COLLOR — Eu não sei se a porcentagem exata é essa.

VEJA — Mas o senhor sustenta que existe uma sociedade entre os dois?

PEDRO COLLOR — Tenho certeza de que é assim. Existe uma simbiose aí. Eu não estendo as acusações ao Fernando diretamente. Uma coisa é você concordar. Outra coisa é operacionalizar. São duas coisas distintas. Operacionalizar, no sentido do dolo, no sentido do ilícito, isso é muito do temperamento do PC. Ele tem prazer nisso. O Fernando é incapaz de sentar em uma mesa e dizer assim: "O negócio é o seguinte:



...prestaria assistência financeira a PC no âmbito internacional. O documento foi encaminhado às autoridades diplomáticas brasileiras para que Longchamps obtivesse o visto de residência no país. No documento, ele dá como endereço no Brasil o flat 107 na Rua Ponta Delgada, 76, na Vila Olímpia, em São Paulo. O flat, de dois quartos e avaliado em 90 000 dólares (acima, à dir.), pertence a PC

preciso de uma grana para a minha campanha. Me ajuda'. Pode estar nu e sem sapato que não pede ajuda. Já o PC toma. Deixa você nu se for possível.

VEJA — O senhor já ouviu do Paulo César que ele tem essa associação com o seu irmão?

PEDRO COLLOR — Sim, já ouvi dele.

VEJA — E do presidente?

PEDRO COLLOR — Não, do Fernando, não.

VEJA — O PC é uma pessoa digna de crédito?

PEDRO COLLOR — Se ele foi o tesoureiro de duas campanhas do Fernando, se age como age

publicamente, se ele mesmo fala isso, eu só posso concluir que é verdade.

VEJA — Qual foi a última vez em que o senhor e o presidente conversaram sobre as atividades de PC Farias?

PEDRO COLLOR — Em janeiro deste ano. Eu tinha acabado de chegar do exterior e o Fernando me chamou para almoçar. Foi uma conversa afável, embora o Fernando tenha se mostrado cuidadoso ao mencionar o nome do PC. Pisava em ovos. Eu reclamei da maneira como o PC vinha tentando destruir o nosso jornal em Alagoas, chamando nossos funcionários. Foi uma conversa sobre os problemas com o jornal.

VEJA — O senhor mencionou as denúncias de corrupção sobre PC?

PEDRO COLLOR — Com o Fernando, exatamente, não. Falei "n" vezes com os meus irmãos Leopoldo e Leida,

com o Cláudio Vieira e o Marcos Coimbra.

VEJA — Por que nunca falou diretamente com o presidente?

PEDRO COLLOR — Eu sentia que, se eu falasse, ele poderia ter uma explosão violenta.

"Eu não acho, eu afirmo categoricamente que o PC é o testa-de-ferro do Fernando. É a pessoa que faz os negócios de acordo com ele. Não sei a finalidade, mas deve ser para sustentar campanhas ou para manter o status quo"

tíssima. O Fernando não gosta de escutar críticas.

VEJA — Por que o senhor passou a envolver o presidente Collor nas suas denúncias contra o PC?

PEDRO COLLOR — Eu comecei a receber ameaças de morte dos irmãos do PC através de interlocutores comuns. Cheguei a falar com o Cláudio Vieira sobre tudo o que estava acontecendo. Concluí que o PC não estava agindo por conta própria. É o estilo típico do Fernando usar instrumentos. Ele não ataca de frente.

VEJA — O senhor não acredita que exista uma vontade política real do presidente em investigar as atividades de PC Farias? Afinal, a Receita Federal foi acionada para vasculhar o imposto de renda de PC.

PEDRO COLLOR — Não acredito nisso. Acho que a investigação ia ser empurrada com a barriga e seria apenas retórica.

VEJA — Qual a diferença entre o PC Farias e o Pedro Paulo Leoni Ramos, o PP? Ou entre o PC e o Cláudio Vieira? Ou entre eles e o Cláudio Humberto?

PEDRO COLLOR — São os métodos. O PC é o erudito do roubo, da corrupção, da chantagem. Os outros têm uma aspiração, mas também têm um teto. O PC não tem limites.

VEJA — Mas o PC vai até onde?

PEDRO COLLOR — Ele é capaz de matar para extorquir.

VEJA — O senhor apresentou o PC Farias ao Fernando Collor. Quando começou a afastar-se dele? Por quê?

PEDRO COLLOR — Na época eu não o via como hoje. Ele era um sujeito enrolado com negócios, mas apenas isso. Não pagava as contas. Mas era um sujeito jeitoso, muito insinuante, muito simpático. Ele é muito envolvente em negócios. Comecei a me afastar quando o Fernando se tornou governador do Estado.

VEJA — O senhor tem alguma coisa contra o cidadão Fernando Collor, seu irmão?

PEDRO COLLOR — Pessoalmente, o Fernando é um sujeito extremamente talentoso, carismático, magnético e, em alguns momentos, é uma criatura fantástica, cheia de energia. Ao mesmo tempo, é rancoroso, vingativo e adora manipular as pessoas. Ele gosta das pessoas subservientes.

VEJA — O senhor chegou a

falar que o seu irmão Fernando tentou se insinuar junto a sua mulher, Tereza. Como foi isso?

PEDRO COLLOR — Não foi exatamente isso. Eu e Tereza tínhamos passado por uma crise conjugal, o que acontece muitas vezes entre casais. Isso foi em 1987, quando Fernando era governador de Alagoas. Nesta ocasião, eu estava no Canadá. Tive a informação de que ele chamou Tereza para conversar no palácio. Conversaram durante um bom tempo. Ali era o lugar onde ele tinha intercurso com algumas moças. Houve focos sobre isso e eu fui informado. Tereza foi depois para Paris e Fernando me chamou para dizer que havia conversado com ela e que eu me preparasse porque ela iria se separar de mim. Disse que eu havia pisado muito na bola e que me preparasse. Em paralelo, eu sabia que ele estava telefonando para ela em Paris, naturalmente utilizando a fragilidade da relação para telefonar e talvez até fazer a cabeça dela. Eu consegui as contas telefônicas do palácio que comprovam essas ligações.

VEJA — Houve uma tentativa explícita de sedução?

PEDRO COLLOR — Eu acredito que implicitamente ele tentava mapear a situação, diante de uma pessoa fragilizada emocionalmente pela perspectiva de uma ruptura de casamento. Uma voz simpática, um ombro amigo...

VEJA — Tereza, houve uma tentativa de sedução?

TEREZA — Não, ele tem esse jeito de falar que é meio fraternal, meio conselheiro.

VEJA — Apesar de sua suspeita de paquera por que continuou freqüentando seu irmão? Por que esteve na posse dele como presidente?

PEDRO COLLOR — Porque não se deve sair arrebitando portas. Tive controle emocional.

VEJA — Pelo que se deduz, o senhor coloca esse episódio como um entre vários através dos quais seu irmão tenta atingi-lo. É isso?

PEDRO COLLOR — O que ele quer é me ver distante do comando administrativo das empresas que temos. Para colocar uma pessoa dele lá dentro, por uma questão política.



O JORNAL Pedro Collor diz que em janeiro do ano passado encontrou-se com o presidente em Brasília e ficou sabendo que o irmão pretendia ter outra rede de comunicações em Alagoas, com 12 ou 14 rádios, e um novo jornal. "O Fernando disse que o PC seria o testa-de-ferro da rede", garante Pedro Collor. Esse jornal é *Tribuna de Alagoas*, cujos investimentos já consumiram 1,1 milhão de dólares de PC

VEJA — O senhor nomeou alguém para o governo federal?

PEDRO COLLOR — Nem para a prefeitura de Maceió nem para o governo de Alagoas nem para o governo federal.

VEJA — Por quê?

PEDRO COLLOR — Não é do meu feitio.

VEJA — O que o senhor acha das nomeações do Leopoldo (irmão mais velho de Collor)?

PEDRO COLLOR — Eu não conheço as nomeações do Leopoldo. Não converso sobre esse assunto com ele.

VEJA — O senhor já admitiu que consumiu drogas na juventude. Como foi isso?

PEDRO COLLOR — Quando eu era jovem, era uma coisa que estava na moda, lá por 1968, 1969, 1970.

VEJA — Em 1968, o senhor estava com 16 anos de idade.

PEDRO COLLOR — Mas é isso.

"Em janeiro deste ano o Fernando me chamou para almoçar quando eu voltava do exterior. Foi uma conversa afável, embora ele tenha se mostrado cuidadoso ao falar do PC. Pisava em ovos"

VEJA — Que tipo de droga?

PEDRO COLLOR — Cocaína.

VEJA — Seu irmão Fernando também?

PEDRO COLLOR — Sim.

VEJA — Foi ele que o induziu a experimentar cocaína?

PEDRO COLLOR — Não é que induziu, nem apresentou nem nada. As pessoas, por serem de faixa etária um pouco acima, naturalmente têm mais acesso a esse tipo de coisa. Foi assim que aconteceu.

VEJA — LSD também tinha?

PEDRO COLLOR — Teve também LSD, umas duas ou três vezes.

VEJA — O senhor largou isso quando?

PEDRO COLLOR — Logo depois. Senti que me fazia mal. Emagreci muito.

VEJA — Quanto ao presidente, o senhor tem notícia de que ele tenha consumido drogas após essa época na juventude?

PEDRO COLLOR — Não, depois dessa época, não.

VEJA — O senhor já ouviu falar em Allan Mishai Fauri?

PEDRO COLLOR — Conheço desde menino, do Rio. Um belo dia, o Fernando já governador, me parece, o Allan o convidou para ser padrinho do casamento dele. Depois ele se mudou para Maceió, anos mais tarde, e montou um boteco. Soube depois que ele tinha ligações com traficantes, vendia, repassava. Mas ele não tem qualquer relação com o Fernando, absolutamente.

VEJA — O senhor não acha que as instituições brasileiras correm algum risco com as suas denúncias?

PEDRO COLLOR — Acho que nossas instituições agüentam o tranco. Se eu começar a entrar muito em considerações a respeito do governo, eu não dou um passo. Tenho de fazer aquilo que acho correto. Que os outros façam as partes deles.

VEJA — O senhor acredita que, com as últimas mudanças no ministério, o PC é menos influente no governo?

PEDRO COLLOR — Sim. Ele perdeu toda ou quase toda a sustentação.

Texto complementar à Entrevista de Pedro Collor de Melo (Veja, 27 de maio de 1992).

Uma limpeza geral

Numa fita de vídeo, Pedro Collor fala sobre os negócios de PC, o pedido de empréstimo à Vasp e de cocaína

LUIS COSTA PINTO

Desde dezembro do ano passado o empresário Pedro Collor de Melo reúne informações contra Paulo César Farias, coxa da campanha presidencial de seu irmão Fernando Collor. É o "Dossiê Pedro Collor contra PC". Segundo ele, o dossiê está materializado na forma de uns poucos documentos e uma fita de videocassete, tudo guardado no cofre de um banco em Nova York. "A fita ficou desatualizada", argumenta. Tendo atualizar as acusações que faz contra PC e o irmão, ele aproveitou uma entrevista a VEJA na madrugada da quarta-feira passada e gravou-a em vídeo. A entrevista, exclusiva, foi combinada durante um voo entre São Paulo e Maceió na terça-feira à tarde e tem exatos noventa minutos de gravação. Nesse vídeo, Pedro Collor diz que, atuando em órgãos do governo federal, Paulo César Farias rouba, extorque e corrumpo utilizando como arma sua amizade com o presidente Fernando Collor. Pedro Collor avança nos ataques ao irmão presidente e conta detalhes da vida familiar. A seguir, os principais trechos da fita:



"O Paulo dizia: '70% é do chefe e 30% é meu'. Disse para 'n' pessoas."

■ Sobre a relação de PC com Fernando Collor —

Eu não acredito que ele (Fernando) soubesse de todos os casos, de todos os métodos, de todas as atitudes do Paulo em relação a A, B, C ou D. Mas que ele sabia que o Paulo agia em nome dele, sabia. O Paulo dizia "70% é do chefe e 30% é meu". Dizia isso para "n" pessoas. Eles são pessoas tão desqualificadas, tão pobres de espírito, que não sei nem como qualificar essa atitude. Veja bem; o presidente talvez não saiba de todas as formas, de todas as áreas, de todas as fontes que o Paulo César catucou. Mas que ele sabe que o Paulo César agia em nome dele, sabe.

■ Sobre as denúncias que está fazendo —

Tenho a consciência de tudo o que ocorreu, tenho a consciência exata das coisas. Como ocorreram, com que objetivo, de quem e quando ocorreram. Tudo isso mostra como eu não devo mais agir em relação a certas pessoas. Os Paulo César da vida, Fernando Collor e tantos outros. Sei do perigo, inclusive de vida, que corro a partir de agora, após essas colocações, essas denúncias, que são graves mas importantes para o país...

■ Sobre PC e o governo de Alagoas —

Ele cometeu todos os tipos de delito que se possa imaginar através da Secretaria da Fazenda do Estado (no governo Collor em Alagoas). Ele transferiu toda a conta do Estado para um banco particular, passou a aplicar o dinheiro



"100 milhões de dólares é pouco diante do que PC está arrecadando agora"

no mercado financeiro e auferia o lucro dessa aplicação para ele, Paulo César, particularmente.

■ Sobre os usineiros alagoanos —

Acredita-se que Paulo César ganhou 12 milhões de dólares dos usineiros por ter conseguido fazer o acordo com o Estado (o Estado de Alagoas passava a não cobrar mais ICM pelo cano colhida nos canaviais das usinas). Eu acho difícil provar isso hoje, mas tenho certeza de que na ocasião isso era ventilado como um dinheiro necessário para a decolagem da campanha dele (Fernando) à Presidência da República.

■ Sobre o dinheiro da campanha —

No segundo turno arrecadou-se perto de 100 milhões de dólares (na campanha de Collor). No primeiro turno, um pouco menos. PC arrecadava o dinheiro mas solicitava a outros empresários que pagassem as contas. Contabilizava como se gastasse esse dinheiro. Isso é pouco diante do volume de dinheiro que ele está arrecadando agora como traficante de influência.

■ Sobre as contas pessoais de Collor —

Durante a campanha nós (a família) não

pagávamos as contas pessoais de Fernando. As empresas também não pagavam nada. Deveria ter alguma fonte, e o mais natural é que essa fonte fosse o Paulo César. Já com o Collor presidente ele (PC) continuou fazendo isso. Dizia nas festas que pagava os cartões de crédito da primeira-dama Rosane Collor. Fiz isso para demonstrar intimidade com o poder e ter facilidade para extorquir, corromper, chantagear.

■ Sobre o caso Vasp/Petrobrás

— Marcos Coimbra telefonou para o Motta Veiga (*Luiz Octávio da Motta Veiga, ex-presidente da Petrobrás*) a pedido de Fernando, que por sua vez tinha sido solicitado por Paulo César, no sentido de que pudesse facilitar a operação (*empréstimo da Petrobrás para a Vasp*). Paulo César pediu ao Marcos que telefonasse para o Motta Veiga. Ele disse que só poderia telefonar se o Fernando autorizasse. Então Fernando autorizou e ele telefonou.

■ Sobre extorsão no Ministério da Ação Social

— Há um caso que prova informação privilegiada, tráfico de influência, tentativa de extorsão e chantagem. Foi com uma empreiteira chamada Serveng-Civilsan, que tinha uma obra, parece que em Brasília. Havia algumas parcelas a serem liberadas pelo governo. O órgão repassador era o Banco do Brasil ou a Caixa Econômica. Um senhor chamado Laíse (*Laíse de Freitas, diretor da empreiteira*) recebeu um telefonema do Jorge Bandeira de Mello, um piloto de PC, que é um operador dele. O Bandeira dizia que estava com as liberações de dinheiro (*do Ministério da Ação Social*) para a empresa, dizia que sabia que estava começando uma obra, concluindo outra, assim, assado (*pediu uma comissão para liberar o dinheiro*). O Laíse recusou. Eles argumentaram que podiam quebrar a empresa. Bastava não liberar mais nada. Vieram me procurar, pedir socorro, e eu disse que não sabia de nada. Mas alertei lá em cima, disse para tomarem cuidado. Um cunhado meu, Jefferson Araújo, dono de uma construtora em Maceió, sofreu o mesmo tipo de extorsão, do mesmo Bandeira, com liberação de verbas do mesmo Ministério da Ação Social. Esse Jorge Bandeira loteava o Ministério da Ação Social. Ele tinha em computador a relação de quase todas as obras desse gênero, valores de liberação, número total das parcelas, essas coisas.

■ Sobre as fraudes na eleição alagoana

— O Fernando utilizou Luís Carlos



“Para mostrar intimidade com o poder, PC dizia que pagava as contas de Rosane”

Chaves (*secretário particular da Presidência*) para me sensibilizar e sensibilizar minha mulher a acompanharmos a comitiva presidencial numa viagem ao exterior. Só voltamos no dia 3 de outubro, dia da eleição para governador. Pouco depois eu fiquei sabendo que o Paulo César havia dito a interlocutores comuns que ele havia estimulado o Fernando a me convidar para viajar porque estando fora do Estado eu não criaria qualquer problema maior à eleição do Geraldo Bulhões. Daria para ganhar no primeiro turno, foi essa a colocação dele. Eu fiquei sabendo, não me recordo a data, que Paulo César havia estimulado o Fernando a me convidar com esse objetivo: me tirar daqui (*de Alagoas*) para que pudesse garantir a vitória de Geraldo Bulhões já no primeiro turno (*o primeiro turno da eleição de 1990 em Alagoas foi anulado em cinco cidades do Estado por fraude eleitoral*).

■ Sobre os presentes a Zélia

— PC dizia a toda Alagoas que presenteava Zélia com vestidos, colares, coisas do gênero.

■ Sobre o consumo de drogas

— Eu tive envolvimento com drogas quando era jovem, induzido pelo Fernando. Ele era um consumidor contumaz de cocaína e me induziu a cheirar, a aspirar cocaína. Aprendi ali, com aquele pessoal que ele me apresentou, aquela coisa toda. Houve também LSD, mas pouco. Mas, enfim, numa época específica da vida

isso aconteceu. Isso foi em 1970, não me recordo, 70 por aí e tal. Era uma coisa “in” dos jovens.

■ Sobre o casamento com Tereza

— Numa ocasião em que nós estávamos estremecidos (*Pedro e Tereza*), numa crise conjugal, eu estava no Canadá. Em julho de 1987. Ele (*Fernando*), sabedor dessa instabilidade, dessa turbulência conjugal, chamou a minha mulher para conversar no Palácio. Conversaram longamente no gabinete do governador, em Alagoas. Soube disso e retornei para o Brasil. Assim que cheguei Tereza foi passar uns dias em Paris, uns quinze dias, para ver se a coisa retornava às boas, para descansar. Nesse tempo fiquei sabendo que ele telefonava diversas vezes para Tereza

em Paris. Com muita frequência. Aí me chamou em seu gabinete para dizer que Tereza queria se separar. Ora, o que ele quis com isso? Ele imaginava que através dessa separação, estimulando o divórcio, iria me causar um problema tal que ficaria mais fácil conseguir me afastar da direção das empresas.

■ Sobre seu futuro — A partir de agora toda e qualquer iniciativa contra a minha integridade física ou moral eu atribuo ao presidente da República em primeiro lugar e ao Paulo César em segundo lugar. Porque o Paulo César já se configurou em instrumento do Fernando para praticar o mal. Paulo é muito talentoso para fazer o mal. Ao Paulo você pode imputar qualquer coisa, autoria material, intelectual ou a execução de qualquer coisa nefasta.



“Fernando era consumidor contumaz de cocaína e me induziu a cheirar”

ANEXO C

Versão online da Entrevista concedida pelo então deputado Roberto Jefferson à jornalista Renata Lo Prete, publicada originalmente no jornal Folha de S. Paulo (6 de junho de 2005). O jornal disponibiliza apenas conteúdos online de suas publicações anteriores.

EXCLUSIVO

Jefferson afirma que foi "informando a todos do governo" sobre a mesada a deputados paga por Delúbio e que Lula chorou ao saber do caso

Contei a Lula do "mensalão", diz deputado

DO PAINEL

Em sua entrevista à Folha, Roberto Jefferson afirma que levou a questão do "mensalão" a vários ministros do governo Lula e ao próprio presidente. Ele acredita que a prática só foi interrompida após Lula ser informado por ele, o que teria acontecido em duas conversas no princípio deste ano. (RENATA LO PRETE) ★

Folha - Na tribuna da Câmara, o sr. disse ter sido procurado por pessoas que lhe pediam para resolver pendências nos Correios, que teria se recusado a traficar influência e que interesses contrariados estariam na origem da denúncia da revista "Veja". Por que o sr. não denunciou essas pessoas?

Roberto Jefferson - Não se faz isso. Se você for denunciar todo lobista que se aproxima de você, vai viver denunciando lobista.

Folha - O consultor Arlindo Molina, uma das pessoas que o procuraram para tratar dos Correios, afirma que, ao contrário do que o sr. disse no pronunciamento, o conhece há anos. Essa versão procede?

Jefferson - A entrevista dele está completamente equivocada, até nas datas. Eu o conheci em março de 2005. Não é verdade que nos conhecíamos antes disso.

Folha - O sr. fala em guerra comercial. Mas não está em curso nos Correios, também, uma guerra por espaço entre os partidos?

Jefferson - Não. Mas eu entendo o Fernando Bezerra [senador pelo PTB e líder do governo no Congresso] porque, na primeira matéria da "Veja", está dito que ele indicou o Ezequiel Ferreira para a diretoria de Tecnologia dos Correios. Mas o Ezequiel nunca assumiu. Por que não mostraram quem está no cargo, se 60% daquela fita [a que registra a cobrança de propina] se refere às operações da diretoria de Tecnologia? Esconderam o atual, indicado pelo Silvío Pereira [secretário-geral do PT]. O Policarpo [Júnior, repórter de "Veja"] protege o PT.

Folha - Na contramão do que declarou à PF, o ex-presidente do IRB Lídio Duarte diz em gravação [divulgada pela "Veja"] que, enquanto esteve no cargo, foi pressionado a destinar mesada de R\$ 400 mil ao PTB. O que o sr. tem a dizer?

Jefferson - É algo que ele terá de esclarecer à PF. Eu tenho dele uma carta em que ele nega ter dado a entrevista. Em carta à "Veja", disse que não disse. Na PF, sob juramento, disse que não disse. Quem tem de decidir é a Justiça. Conheci o doutor Lídio no princípio de 2003, na casa do José Carlos Martinez [presidente do PTB morto em outubro daquele ano em acidente aéreo]. Sabendo que o PTB indicaria o presidente do IRB, ele veio para se apresentar. Tive excelente impressão. Depois da morte do Martinez ele se distanciou completamente do PTB. Por volta de agosto de 2004, eu o chamei ao meu escritório no Rio e disse: quero que você me ajude, procurando essas empresas que trabalham com o IRB, para fazerem doações ao partido nesta eleição, porque estamos em situação muito difícil. Ele ficou de tentar. Em setembro, ele voltou a mim e disse: deputado, não consegui que as doações sejam "por dentro", com recibo; querem dar por fora, e isso eu não quero fazer. Eu falei: então não faça. Na conversa, o Lídio avisou que estava perto de se aposentar. Eu então avisei que iniciaria um processo para substituí-lo. Levei aos ministros José Dirceu [Casa Civil] e Antonio Palocci [Fazenda] o nome do doutor Murilo Barbosa Lima, diretor técnico do IRB. O nome ficou meses em aberto. A imprensa começou a dizer que havia dossiê contra ele. E o doutor Lídio, que dissera que iria se aposentar, se agarra com o doutor Luiz Eduardo de Lucena, que é o diretor comercial indicado pelo José Janene [líder do PP na Câmara], para ficar na presidência. Aí se instala uma queda-de-braço entre o PTB e o PP. O Palocci conversa comigo e diz o seguinte: Roberto, vamos fazer uma saída por cima. Nós temos o diretor administrativo, um homem de altíssimo gabarito, o Appolonio Neto, sobrinho do Delfim Netto, fez um dos melhores trabalhos de modernização do IRB. A gente passa o Appolonio como sendo do PTB, e ele sendo sobrinho do Delfim, que é do PP, e a gente resolve a situação. Eu falei: não sou problema, está dada a solução. O doutor Appolonio foi uma indicação salomônica do ministro Palocci.

Folha - O sr. considera correta, legítima, essa forma de partilha dos cargos do governo?

Jefferson - Você entrega aos administradores dos partidos que compõem o governo a administração do governo. O PT tem participação muito maior que a dos outros partidos da base. Tem 20% da base e 80% dos cargos. Mesmo o IRB: o PTB tem a presidência, mas todos os cargos abaixo são do PT. A Eletronorte: o presidente, doutor Roberto Salmeron, é um dos melhores quadros do PTB. Mas, de novo, toda estrutura abaixo é do PT. O diretor mais importante, o de Engenharia, é o irmão do ministro Palocci. O doutor Salmeron é uma espécie de rainha da Inglaterra. A ministra [Dilma Rousseff, das Minas e Energia] despacha com o irmão do Palocci. Tudo isso foi construído lá atrás, com o Silvio Pereira, o negociador do governo.

Folha - Qual é a sua relação com Henrique Brandão, da corretora de seguros Assurê?

Jefferson - Pessoal. Meu amigo fraterno há 30 anos. Era um homem pobre. Por seu mérito, transformou-se no maior corretor privado do Brasil. O Henrique é grande há muito tempo. Está em Furnas há 12, 15 anos.

Folha - De volta à gravação, o sr. rejeita a afirmação de que Henrique Brandão pedia contribuições em seu nome no IRB?

Jefferson - Nunca foi feito tal pedido. Volto a dizer: a única coisa que houve foi um pedido, feito por mim ao Lídio, de ajuda para o PTB na eleição. E eu compreendi as razões de ele não poder ajudar. Eu quero contar um episódio. Na véspera de eu fazer meu discurso no plenário da Câmara, havia uma apreensão muito grande dos partidos da base, em especial o PL e o PP, e do próprio governo. Dez minutos antes de eu sair para falar chega aqui, esbaforido, Pedro Corrêa (PE), presidente do PP: "Bob, cuidado com o que você vai falar. O governo interceptou uma fita de você exigindo do Lídio dinheiro para o PTB". Eu dei um sorriso e disse: "Pedrinho, se era essa a sua preocupação, pode ficar tranqüilo, essa conversa nunca existiu. Não sou assim, nem o doutor Lídio é assim". Aí ele rebateu: "Mas pode ter sido seu genro [Marcus Vinícius Ferreira]". Eu falei: "Meu genro é um homem de bem. E eu vejo, Pedrinho, que você não tem convicção de fita nenhuma. Fica calmo que eu não vou contar nada do que eu sei a respeito de "mensalão".

Folha - E o que o sr. sabe?

Jefferson - Um pouco antes de o Martinez morrer, ele me procurou e disse: "Roberto, o Delúbio [Soares, tesoureiro do PT] está fazendo um esquema de mesada, um "mensalão", para os parlamentares da base. O PP, o PL, e quer que o PTB também receba. R\$ 30 mil para cada deputado. O que você me diz disso?". Eu digo: "Sou contra. Isso é coisa de Câmara de Vereadores de quinta categoria. Vai nos escravizar e vai nos desmoralizar". O Martinez decidiu não aceitar essa mesada que, segundo ele, o doutor Delúbio já passava ao PP e ao PL. Morto o Martinez, o PTB elege como líder na Câmara o deputado José Múcio (PE). Final de dezembro, início de janeiro, o doutor Delúbio o procura: "O Roberto é um homem difícil. Eu quero falar com você. O PP e o PL têm uma participação, uma mesada, eu queria ver se vocês aceitam isso". O Múcio respondeu que não poderia tomar atitude sem falar com o presidente do partido. Aí reúnem-se os deputados Bispo Rodrigues (PL-RJ), Valdemar Costa Neto [SP, presidente do PL] e Pedro Henry (PP-MT) para pressionar o Múcio: "Que que é isso? Vocês não vão receber? Que conversa é essa? Vão dar uma de melhores que a gente?". Aí o Múcio voltou a mim. Eu respondi: "Isso desmoraliza. Tenho 22 anos de mandato e nunca vi isso acontecer no Congresso Nacional".

Folha - O sr. deu ciência dessas conversas ao governo?

Jefferson - No princípio de 2004, liguei para o ministro Walfrido [Mares Guia, Turismo, PTB] e disse que precisava relatar algo grave. Conversamos num vôo para Belo Horizonte. "Walfrido, está havendo essa história de "mensalão". Contei desde o Martinez até as últimas conversas. "Em hipótese alguma. Eu não terei coragem de olhar nos olhos do presidente Lula. Nós não vamos aceitar." E eu passei a viver uma brutal pressão. Porque deputados do meu partido sabiam que os deputados do PL e do PP recebiam. As informações que eu tenho são que o PMDB estava fora. Não teve "mensalão" no PMDB. Fui ao ministro Zé Dirceu, ainda no início de 2004, e contei: "Está havendo essa história de mensalão. Alguns deputados do PTB estão me cobrando. E eu não vou pegar. Não tem jeito". O Zé deu um soco na mesa: "O Delúbio está errado. Isso não pode acontecer. Eu falei para não fazer". Eu pensei: vai acabar. Mas continuou. Me lembro de uma ocasião em que o Pedro Henry tentou cooptar dois deputados do PTB oferecendo a eles "mensalão", que ele recebia de repasse do doutor Delúbio. E eu pedi ao deputado Iris Simões (PTB-PR) que dissesse a ele: se fizer, eu vou para a tribuna e denuncio. Morreu o assunto. Lá para junho eu fui ao Ciro Gomes. Falei: "Ciro, vai dar uma zebra neste governo. Tem um "mensalão". Hoje eu sei que são R\$ 3 mi, R\$ 1,5 mi de mensal para o PL e para o PP. Isso vai explodir". O Ciro falou: "Roberto, é muito dinheiro, eu não acredito nisso". Aí fui ao ministro Miro Teixeira, nas Comunicações. Levei comigo os deputados João Lyra (PTB-AL) e José Múcio. Falei: "Conte ao presidente Lula que está havendo o "mensalão". Nessa época o presidente não nos recebia. Falei isso ao Aldo Rebelo, que então era líder do governo na Câmara.

Folha - A quem mais no governo o sr. denunciou a situação?

Jefferson - Disse ao ministro Palocci: "Tem isso e é uma bomba". Fui informando a todos do governo a respeito do "mensalão". Me recordo inclusive de que, quando o Miro Teixeira, depois de ser ministro, deixou a liderança do governo na Câmara, ele me chamou e falou: "Roberto, eu vou denunciar o "mensalão". Você me dá estofo?". Eu falei: "Não posso fazer isso. Vamos abortar esse negócio sem jogar o governo no meio da rua. Vamos falar com o presidente Lula que está havendo isso". Me recordo até que o Miro deu uma entrevista ao "Jornal do Brasil" denunciando o "mensalão" e depois voltou atrás. No princípio deste ano, em duas conversas com o presidente Lula, na presença do ministro Walfrido, do líder Arlindo Chinaglia, do ministro Aldo Rebelo, do ministro José Dirceu, eu disse ao presidente: "Presidente, o Delúbio vai botar uma dinamite na sua cadeira. Ele continua dando "mensalão" aos deputados". "Que "mensalão"?, perguntou o presidente. Aí eu expliquei ao presidente.

Folha - Qual foi a reação dele?

Jefferson - O presidente Lula chorou. Falou: "Não é possível isso". E chorou. Eu falei: É possível sim, presidente. Estava presente ainda o Gilberto Carvalho [chefe-de-gabinete do presidente]. Toda a pressão que recebi neste governo, como presidente do PTB, por dinheiro, foi em função desse "mensalão", que contaminou a base parlamentar. Tudo o que você está vendo aí nessa queda-de-braço é que o "mensalão" tem que passar para R\$ 50 mil, R\$ 60 mil. Essa paralisia resulta da maldição que é o "mensalão".

Folha - Isso não existia também no governo passado?

Jefferson - Nunca aconteceu. Eu tenho 23 anos de mandato. Nunca antes ouvi dizer que houvesse repasse mensal para deputados federais por parte de membros do partido do governo.

Folha - O que, em sua opinião, levou a essa situação?

Jefferson - É mais barato pagar o exército mercenário do que dividir o poder. É mais fácil alugar um deputado do que discutir um projeto de governo. É por isso. Quem é pago não pensa.

Folha - O que fez o presidente Lula diante de seu relato?

Jefferson - Depois disso [da conversa] parou. Tenho certeza de que parou, por isso está essa insatisfação aí [na base parlamentar]. Ele meteu o pé no breque. Eu vi ele muito indignado. Pressão, pressão, pressão, pressão. Dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, todo mundo tem, todo mundo tem. Acho que foi o maior erro que o Delúbio cometeu. E o presidente agora, desde janeiro, quando soube, eu garanto a você [que o "mensalão" foi suspenso]. A insatisfação está brutal porque a mesada acabou. Serenamente eu já tenho o caminho traçado: não me preocupa mais o mandato, não vou brigar por ele. Só não vou sair disso como um canalha, porque não sou.

Colaborou EDUARDO SCOLESE, da Sucursal de Brasília